



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**O PAGANISMO CONTEMPORÂNEO EM TERRAS TUCUJUS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A IDENTIDADE DOS PARTICIPANTES DO
AMAPAGÃO**

Anderson Igor Leal Costa

Macapá-AP
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**O PAGANISMO CONTEMPORÂNEO EM TERRAS TUCUJUS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A IDENTIDADE DOS PARTICIPANTES DO
AMAPAGÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais como requisito obrigatório para obtenção do diploma de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Ms. Marcos Vinicius de Freitas Reis

Macapá
2016

RESUMO

A pesquisa procura estudar o paganismo na atualidade, especialmente na capital do Estado do Amapá, Macapá. Este trabalho busca analisar a identidade dos participantes do grupo, AmaPagão. O grupo a ser pesquisado, realiza as suas reuniões, neste espaço, principalmente em locais públicos. Levanta-se uma questão: Como se constrói uma identidade dos frequentadores deste grupo no espaço urbano e contemporâneo em Macapá? A metodologia utilizada consiste no estudo de Caso (YIN, 2001) do Grupo, utilizando a pesquisa qualitativa, verbal e visual (FLICK, 2004). A primeira, verbal é efetuado a entrevista semiestruturada (MANZINI, 1991) e (TRIVIÑOS, 1987) e a visual, a observação participante, além da análise documental, e de discurso e revisão bibliográfica. O estudo deste grupo é de suma relevância para as ciências sociais, visto que existem poucas produções e discussões científicas sobre este assunto, e a elaboração e o desenvolvimento desta, instiga novos debates na comunidade científica sobre o tema, possibilitando novas interpretações e novas abordagens. O trabalho de campo trouxe novos resultados sobre o perfil socioeconômico das pessoas que frequentam o circuito neopagão (CORDOVIL e CASTRO, 2014) e como eles se comportam dentro do Trânsito religioso (NEGRÃO, 2013). Os resultados mostram que, a maioria, é jovem, solteira, classe média e predominantemente universitária, cor parda, e varia entre heterossexual e homossexual. A identidade desses membros está em constante transformação, em crise. Identifica-se o “paganismo tucuju”, um modo particular do pagão macapaense se relacionar com o sagrado, podendo cultuar deusas e deuses nativos e “estrangeiros”.

Palavras-chave: neopaganismo, AmaPagão, identidade.

Abstract

The research seeks to study paganism today, especially in the capital of the state of Amapá, Macapá. This work seeks to analyze the identity of the participants of the group, AmaPagão. The group to be researched, holds its meetings, in this space, mainly in public places. One question arises: How do you construct an identity of the visitors of this group in urban and contemporary space in Macapá? The methodology used is the Case Study (YIN, 2001) of the Group, using qualitative, verbal and visual research (FLICK, 2004). The first, verbal is the semistructured interview (MANZINI, 1991) and (TRIVIÑOS, 1987) and visual, participant observation, besides documentary analysis, and discourse and bibliographic review. The study of this group is of great relevance to the social sciences, since there are few scientific productions and discussions on this subject, and its elaboration and development instigates new debates in the scientific community on the subject, allowing new interpretations and new approaches. Fieldwork has brought new results on the socioeconomic profile of people who attend the neopagan circuit (CORDOVIL and CASTRO, 2014) and how they behave within religious transit (NEGRÃO, 2013). The results show that the majority are young, single, middle class and predominantly university, brown, and vary between heterosexual and homosexual. The identity of these members is constantly changing, in crisis. The "tucuju paganism" is identified, a particular way of the Macapaeian pagan to relate to the sacred, being able to worship native and "foreign" goddesses and gods.

Key words: neopaganism, Ama Pagão, identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	CAPÍTULO I: INTERPRETAÇÕES DIVERSAS SOBRE O PAGANISMO CONTEMPORÂNEO: NOÇÕES CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS	144
2.2.	Paganismo: Conceito e características	144
2.2.	Tipos de Paganismo	19
2.3.	Neoesoterismo, Religiões da Nova Era	200
2.4.	Neopaganismo	211
2.5.	Contexto de criação do Neopaganismo	222
3	CAPÍTULO II: O IBGE E O PAGANISMO: O AMAPAGÃO PODENDO FAZER PARTE DOS “SEM RELIGIÃO”	27
3.1.	Uma mudança conjectural a nível nacional e internacional do campo religioso na Modernidade.	28
3.2.	Trânsito Religioso e o Participante do AmaPagão	32
3.3	Discussão dos dados do IBGE E O “sem religião” e o AmaPagão	377
3.4.	O AmaPagão e o espaço religioso em Macapá.	42
2.4.1.	Pesquisa sobre as Religiões da Nova Era em Macapá	44
3.5.	Discussão sobre Identidade e possíveis interpretações sobre o AmaPagão 48	
4	CAPÍTULO III: AMAPAGÃO: ORIGEM, VISÃO E REUNIÕES	61
4.1.	A História do AmaPagão	62
4.2.	A Importância do Encontro Social Pagão para o AmaPagão	66
4.3.	Calendário Anual do Grupo	71
4.4.	Atividades criadas pelo Grupo	74
4. 5.	Organização Sociológica do Grupo	786
4.6.	Aspectos sociológicos da organização administrativa	83
4.7.	Observações participante	877
4.7.1.	Limpeza Áurica	87
4.7.2.	Vivência Xamânica	899
4.7.3.	Dia Mundial da Deusa	922
4.7.4.	Dia do Orgulho Pagão	95
4.8.	Entrevistas	102
4.8.1.	Resultados das Entrevistas	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
	ANEXOS	12222
	APÊNDICE	1288
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	1299

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: identidade religiosa no grupo AmaPagão	33
Tabela 2: Mapeamento das religiões da Nova Era	44
Tabela 3: Histórico do Grupo AmaPagão	62
Tabela 4: Roda Sul (Hemisfério Sul)	71
Tabela 5: Roda Norte (Hemisfério Norte)	72
Tabela 6: Calendário anual de celebração de acordo com o Sabbat, roda Norte	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Ilustração da relação inter-grupal do AmaPagão	
63	
Gráfico 2. Representação da organização do grupo	
78	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dia da Diversidade e Consciência Pagã 2016.....	51
Figura 2: Dia da Diversidade e Consciência Pagã.....	68
Figura 3: Oráculos	68
Figura 4: oficina de Runas e Magia	69
Figura 5: exemplos de grupos que apoiam o AmaPagão	70
figura 6: Dia do Samhaim – dia 01/11/16	72
Figura 7: no panfleto consta a presença do “facilitador”	83
Figura 8: Limpeza Áurica	87
figura 9: Vivência Xamânica	89
Figura 10: imagem de Iemanjá (azul) e a Brigit (vermelho).....	89
Figura 11: Dia Mundial da Deusa 06/09/2015	92
Figura 12– Dia 30 de agosto de 2015, a reunião ocorreu na Floriano Peixoto.....	95
Figura 13 - Dia da Diversidade e Consciência ou orgulho pagão na Praça Barão do Rio Branco	96

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que os principais temas debatidos e discutidos em grupos, revistas e eventos nacionais centraliza-se nas seguintes temáticas: Catolicismo, Protestantismo, Religiões Afro-Brasileiras e Espíritas. É discutido pouco sobre religiões da Nova Era, Novos Movimentos Religiosos, Esoterismo e Neopaganismo¹.

A proposta inicial deste trabalho é trazer para a academia, um debate sobre o circuito Neopagão² (CORDOVIL E CASTTRO, 2015). Isto não é discutido e pesquisado com frequência, principalmente o circuito Neopagão. Busca-se instigar novas reflexões, interpretações e provocar uma abertura de horizontes intelectuais aos futuros pesquisadores, e também na sociedade civil.

A cada ano, novos estudos estão sendo produzidos e publicados sobre o neopaganismo, mas ainda não há um consenso sobre o conceito, e existe discussões diversas sobre as características e organização. Busca-se desmitificar o termo pagão e neopagão a luz de alguns autores que discutem este tema na universidade. Oliveira (2004,2010)³; Guerriero e Lopes (2000), Bezerra (2012), Duarte (2008), Soares (2007), falam sobre Neopaganismo.

Entende-se que o neopaganismo é um movimento estritamente urbano (CORDOVIL E CASTRO, 2015), (GUERRIEIRO E LOPES, 2001) e sabe-se que, a produção das pesquisas

¹ Para demonstrar a escassez de momentos para diálogos e compartilhamentos de ideias sobre o neopaganismo, existe um Núcleo de Pesquisa que trabalha com esta temática diretamente, o Núcleo de Pesquisa Neoesoterismo e Religiões Alternativas (NERA), núcleo este da Universidade Estadual do Pará (UEPA) e existe um grupo que trabalha indiretamente o tema, o Núcleo de Pesquisas sobre Vinkings e Escandinavos (NEVE), núcleo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em relação a eventos acadêmicos no Brasil que organizam um Grupo de Trabalho específico para este tema, há apenas dois: O Seminário Internacional da ABHR, já é a segunda vez ocorre um GT sobre paganismo, e o Congresso Nacional de Graduações e Pós-Graduações em Ciência(s) da(s) Religião (ões) – CONACIR, 2 anos também. Se for comparar o assunto Neopaganismo com o número de GTs e Mesas Redondas que falam sobre o Cristianismo, Protestantismo e Religiões Afrodescendentes, conclui-se que neste campo de estudos está ainda em seus primeiros passos.

² São compostos predominantemente por jovens, mas não apenas por eles. Os circuitos neopagãos são o conjunto de espaços e eventos promovidos por grupos e organizações neopagãs com o objetivo de divulgar a sua prática religiosa e/ou contribuir para debates políticos importantes da sociedade, assim como vivenciar a socialidade entre adeptos, isto é, estabelecer e alimentar o vínculo afetivo da comunidade neopagã. Esses circuitos neopagãos são os grandes responsáveis pelo recrutamento de novos adeptos para as religiões. (CORDOVIL E CASTRO, 2014).

³ Esta autora ainda fala em outros termos, quando estudo o neopaganismo, como “Paganismo Contemporâneo” (2004) ou “Religiões da Terra” (2010).

acadêmicas em relação a temática está concentrada, em sua maioria, no espaço urbano⁴. Esta pesquisa, procura investigar um grupo chamado, AmaPagão, localizado em Macapá, estado do Amapá. As pessoas que transitam por ele, vivem na cidade e uma vez por mês, reúnem-se em algum lugar público, principalmente em praças ou especificamente atrás da Fortaleza de São José de Macapá, com exceção de alguns rituais que precisam ser feitos em estabelecimentos particulares.

O primeiro motivo de estudar este grupo é fomentar a pesquisa sobre o neopaganismo, e produzir mais informações sobre este movimento que está crescendo nas cidades por todo o Brasil, procurando conhecer seus comportamentos e seu perfil sócio demográfico.

A problemática desta pesquisa surge a partir dessa pergunta: como ocorre a criação da identidade dos participantes deste grupo, a partir do contexto urbano, contemporâneo? Esta indagação remete a diálogos que tracei com várias pessoas, ponderações e inquietações pessoais e momentos que vivenciei no mundo pagão. Diante do problema levantado nesta pesquisa, obtêm-se o seguinte objetivo geral:

- Estudar a identidade dos participantes do AmaPagão em Macapá.

O objetivo específico:

- Estudar o AmaPagão (História, organização, vertentes, identidade) procurando elaborar mapas, gráficos, tabelas e até fluxogramas para elucidação da organização do mesmo.
- Realizar um mapeamento das Religiões da Nova Era e circuito neopagão (Cordovil e Castro, 2014) em Macapá.
- Traçar o perfil sócio demográfico dos participantes do AmaPagão

A hipótese utilizada é:

Os indivíduos que participam do AmaPagão e autodeclaram-se pagãos formam uma identidade composta por diversas fontes de religiosidades ou espiritualidades, criam e recriam uma identidade por meio da vivência de atividades propostas pelo grupo e afirmando uma identidade não-cristã. A fim de conhecer sobre o tema, buscou-se primeiramente uma

⁴ Constata-se, por exemplo, nos trabalhos de Cordovil e Castro (2015) que estudou neopagãos em Belém, Bezerra (2012), estudou a Wicca em Pernambuco, Rocha (2015), estudou um coven Wicca em João Pessoa; Lopes (2008), estuda o imaginário Neodruidismo na Metrópole paulistana.

pesquisa bibliográfica (CERVO E BERVIAN, 1983), pois surgiu a necessidade de conhecer quais as contribuições científicas pretéritas existentes sobre o tema.

Foi coletado várias informações e alcançado um conhecimento prévio por intermédio de um referencial teórico já tornado público, desde publicações avulsas, livros, etnografias, dissertações, teses, artigos, entre outros. O levantamento bibliográfico concentrou-se na produção nacional. A nível nacional, a pesquisa não se limita nos sites: SCIELO e CAPES, pois devido a pouquíssima produção sobre o tema, surge a necessidade de procurar mais fontes bibliográficas, a fim de que haja um embasamento teórico consistente. Então a pesquisa ocorreu tanto em documentos digitais nas universidades públicas e privadas.

Utilizou-se também a pesquisa documental (SILVA E GRIGOLO,2002)⁵. Alguns folhetos informativos, banner de divulgação de algum evento do AmaPagão, colocados na página eletrônica do grupo, foram analisados minuciosamente para interpretar como eles se organizam e estruturam-se. Foi analisado também, as fotos dos primeiros encontros do grupo, a roupa e o lugar.

Utilizou-se, portanto, uma observação exploratória em alguns encontros do grupo e posteriormente uma observação participante; Esta foi utilizada para fazer conexões entre a teoria e a prática, constatar ou não algumas ações e interpretações que foram mencionados pelos autores e entender a sociologia do grupo.

A entrevista escolhida para compreensão do objeto foi a semiestruturada (MANZINI, 1991) e (TRIVIÑOS, 1987). Em todas as entrevistas foi utilizado um gravador de voz, seguindo um roteiro com perguntas pré-elaboradas. Em todas as abordagens, o entrevistado ficou à vontade para ir além do roteiro e poder falar de suas experiências pessoais e pontos de vista sobre qualquer assunto vinculado as perguntas elaboradas pelo entrevistador.

⁵ Segundo Silva e Grigolo (2002), a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam nenhuma análise aprofundada. Esse tipo de pesquisa visa, assim, selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, buscando extrair dela algum sentido e introduzir lhe algum valor, podendo, desse modo, contribuir com a comunidade científica a fim de que outros possam voltar a desempenhar futuramente o mesmo papel. Nessa tipologia de pesquisa, os documentos são classificados em dois tipos principais: fontes de primeira mão e fontes de segunda mão. Aquela são os que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, vídeos, gravações, as de segunda mão são aquelas que de alguma forma foram analisadas, tais como: relatórios de pesquisa, relatório de empresas, tabelas estatísticas, entre outros.

As pessoas representantes do AmaPagão foram entrevistadas de forma informal, não foi permitido o uso do gravador de voz e o local do encontro para um diálogo breve foi na praça do coco e em seguida em uma sorveteria. É importante valorizar neste momento as narrativas autobiográficas: trajetórias biográficas que são reconstruídas a partir da perspectiva dos sujeitos (FLICK, 2003). A Aislin, uma das representantes, disponibilizou em um documento do word, um dos programas do pacote office, um texto falando um pouco sobre sua vida dentro do mundo pagão e como foi criado o grupo. E foi entrevistado alguns frequentadores que transitam ou transitaram pelo grupo.

Primeiramente, foi apresentado o projeto de pesquisado para os membros do grupo pagão, por meio do grupo fechado do whatsapp e perguntado se alguém queria participar da entrevista, apenas um mostrou-se interessado, os demais não se manifestaram e não se dispuseram. Então, decidi tentar me aproximar de algumas pessoas que faziam parte do grupo, conseguindo mais 5 pessoas. Alguns interlocutores preferiram não expor o seu nome por extenso, mas permitiram a utilização das iniciais, outros, permitiram a utilização dos seus nomes. Primeiro entrevistado foi “J.A.LIMA”, 18 anos, solteiro, cursando ensino superior; “Andressa Souza”, 19 anos, solteira, 3 anos que autodeclara pagã, cursando ensino superior; “Cláudio Moraes”, 20 anos, solteiro, cursando ensino superior, autodeclara pagão há 6 anos; “D.M.L.S”, 27 anos, solteira, cursando ensino superior, há 3 anos autodeclara pagã; “K.S.F.O.”, 29 anos, solteiro, cursando ensino superior, há 13 anos autodeclara pagão; “Tiago Paladino”, 33 anos, solteiro, graduação e mestrado, há 20 anos autodeclara pagão; “Fala da Floresta”, 16 anos, solteiro, ensino médio (terceiro ano), há 2 anos autodeclara pagão.

Essas entrevistas vão ajudar encontrar algumas respostas para o problema desta pesquisa, pois segundo Dubar (2006), “as questões de identidade são fundamentalmente questões de linguagem”, identificar-se ou ser identificado, “é antes de mais dizer-se através de palavras”. Sabe-se que a identidade pessoal é reflexiva e narrativa (estes dois conceitos será abordado posteriormente no trabalho), e um dos meios para ter acesso a estes materiais, “É a entrevista biográfica, o relato de vida ou ainda a história de vida, que supõe o estabelecimento duma relação particular entre o investigador e a pessoa então considerada como um «sujeito»”. (DUBAR, 2006, p.175).

As entrevistas serão usadas no trabalho para dar voz aos interlocutores (pagãos). Apresentar as suas percepções e visões de mundo sobre o paganismo e como eles conheceram este mundo.

A identidade pessoal só se torna narrativa se for relatada. É no e através do «relato de si próprio» que o si íntimo, reflexivo se torna uma história, uma gênese e até mesmo uma «cronogênese» que implica um significado subjectivo do tempo, de si como história. (DUBAR, 2006, p. 175).

Valorizaram-se as “palavras identitárias” nas entrevistas que caracterizam a visão de mundo do pagão entrevistado, isto é, qual o nível de conhecimento que ele tem sobre o assunto e com ele se encontra inserido neste mundo. A partir disso,

Pode-se compreender como é que o sujeito construiu subjetivamente ‘mundos’ que tem um significado para ele e no seio dos quais ele se pode situar... Estes «mundos vividos» são verbalizados, reconstruídos na interação com um «estrangeiro» que não faz parte da intimidade do sujeito. (DUBAR, 2006, p.175).

A partir dos relatos dos entrevistados, observou-se como se organiza e se estrutura o “mundo pagão”. Cada um tem uma visão particular sobre este mundo, experiências pessoais que formam pensamentos e interpretações diferentes sobre o paganismo. Estes “mundos vividos” marcam possíveis identidades construídas dentro e fora do grupo AmaPagão. O desafio desta pesquisa é tentar compreender estes mundos.

O motivo que me levou a utilizar essas entrevistas, cruzando com o pensamento de pesquisadores sobre o paganismo foi especialmente para certificar se está havendo uma aproximação ou distanciamento de ideias científicas com a vida pagã. Existe diálogo ou não da teoria e a prática? Por meio de observações realizadas no local dos encontros e rituais, a média de pessoa por reunião é entre 6 a 12 pessoas. Alguns encontros chegaram a ser inferior a 6 pessoas, foi utilizado a pesquisa qualitativa utilizando para a compreensão da referida metodologia Flick (2004).

Os objetivos da pesquisa qualitativa colocado por este autor, ajuda a alcançar os objetivos específicos proposto por este Trabalho de Conclusão de Curso. No livro uma introdução à Pesquisa Qualitativa de Flick (2004), o referido autor ensina de forma objetiva a

realizar uma pesquisa através de dados verbais, dados visuais e posterior a documentação de dados, codificação e categorização e outros.⁶

As pesquisas qualitativas na Sociologia trabalham com: significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares. Entretanto, os dados quantitativos e os qualitativos acabam se complementando dentro de uma pesquisa (MINAYO, 1996). Pesquisas de natureza qualitativa envolvem uma grande variedade de materiais empíricos, que podem ser estudos de caso, experiências pessoais, histórias de vida, relatos de introspecções, produções e artefatos culturais, interações, enfim, materiais que descrevam a rotina e os significados da vida humana em grupos. Dentre estes, utilizará, o estudo de caso (YIN, 2001).

O estudo do AmaPagão constitui um fenômeno contemporâneo dentro do campo religioso brasileiro, os limites entre os fenômenos e o contexto não estão claramente definidos; e ainda existe variáveis a serem abordadas durante o trabalho. Este método foi escolhido para ampliar a compreensão do fenômeno estudado. Foi realizado várias observações participantes: dois eventos muito importantes para os pagãos: primeira etnografia foi o dia mundial da Deusa: a segunda e terceira etnografia: foi, por duas vezes, uma em 2015, outra em 2016, o dia do Orgulho Pagão, ou da Consciência e Diversidade Pagã que ocorre em todo o mundo, inclusive em Macapá. A Vivência Xamânica, Limpeza Áurica em outros encontros.

Esta monografia irá se dividir da seguinte forma: no primeiro capítulo fala-se sobre o paganismo, neopaganismo, paganismo contemporâneo. No segundo capítulo fala-se sobre a problemática de se encontrar este segmento nas estatísticas do IBGE e onde ele poderia estar, analisando os possíveis dados, o lado estatístico e como o mundo contemporâneo e o espaço urbano influenciam na configuração destes movimentos religiosos. Por fim, finalizar como a identidade nestas duas variáveis interdependentes (religião e espaço urbano) é configurada. No terceiro capítulo, falar-se-á na história do AmaPagão, história, seus rituais, encontros, os resultados do perfil dos frequentadores, das observações participantes e etnografias.

⁶Dados Verbais para Flick (2004) consiste em entrevistas semiestruturadas, as narrativas como dados, entrevistas e discussões tipo grupo de foco; Dados visuais: observação, etnografia (principalmente).

2 - CAPÍTULO I: INTERPRETAÇÕES DIVERSAS SOBRE O PAGANISMO CONTEMPORÂNEO: NOÇÕES CONCEITUAIS E CONTEXTUAIS.

Este capítulo abordará sobre o conceito do paganismo, a história, a diferença entre paganismo e neopaganismo, como este surgiu na história e as novas categorias que estudam o tema na atualidade. Não será utilizado apenas literatura científica, autores pagãos servirão como base para a reflexão assim com a fala dos entrevistados, mostrando a percepção deles sobre o tema. Este debate inicial serve para preparar a discussão sobre o grupo estudado.

2.2. Paganismo: Conceito e características

Paganismo, segundo, Higginbotham (2002), vem da palavra “Paganus”, termo latino que significa “habitantes do campo”. De acordo com eles, o termo pode ter sido algo “pejorativo criado por habitantes da cidade para descrever aqueles caipiras dali”. Ele foi se tornando um termo negativo e mais tarde como insulto. Conforme Holzer (1972), pagão ficou tendo o significado de “o primo da província”⁷. O autor diz que, o termo “paganus” era utilizado na Roma Antiga para distinguir as pessoas das cidades em relação as do campo.

No período da Idade Média, com o surgimento e consolidação da Igreja Católica, o termo criou outra conotação. A Igreja tornou-se, religião urbana e as pessoas mais sofisticadas e mais civilizadas, aderiram a nova fé. Aqueles que moravam aos arredores da cidade, no campo, principalmente, em sua maioria, não aceitaram a recente religião hegemônica. Chavin (1990) é citado por Losekan (2012), dizendo que até o período do crescimento do cristianismo, os pagãos, dominavam o campo religioso, eles eram a ordem estabelecida.

Os adeptos dessas religiões não consideravam incompatível a coexistência de seus deuses, chegando a identificar equivalência entre eles. Os romanos consideravam muitas de suas divindades idênticas às dos gregos. Estes, por sua vez, reconheciam no Egito a raiz de alguns de seus deuses... Entre artistas, poetas e filósofos, independentemente de se associarem a quaisquer cultos pagãos, não caracterizava incoerência que se fizesse uso de figuras mitológicas enquanto alegorias ou como parte de fábulas com pano de fundo moral” (LOSEKAN, 2012, p.13).

⁷É um padrão romano sofisticado de falar. (HOLZER, 1972).

Porém, o relacionamento entre pagãos e cristãos mudou drasticamente, quando “as condições políticas tornaram imperativo para a Igreja suprimir a oposição, o termo pagão adquiriu um sentido perigoso. Você ou era um cristão ou era um pagão”, não podia ser ambos.” (HOLZER, 1972, p.07). Essa relação entre paganismo e cristianismo tornam-se litigiosas no contexto do século IV, quando a Igreja paulatinamente atingia a sua unidade e expandia a sua influência junto ao Império Romano. (LOSEKANN, 2012).

No período das Cruzadas, na Europa, foi marcado por fortes perseguições aos pagãos. Segundo Holzer (1972, p.07), “deuses pagãos eram diabos, ou demônios, e seus adoradores o carregavam no corpo. Gradualmente, aquele que não aceitava, simplesmente, o cristianismo, era considerado pagão”. Até nos dias atuais, este termo é estereotipado, e as pessoas que a praticam são estigmatizadas, pois estabelecem uma associação falsa e distorcida de suas práticas espirituais com elementos demoníacos⁸. Então o que é paganismo? Tem algo relacionado ao Diabo?⁹ Ao Ateísmo? “Pagão é um título que identifica você como uma pessoa que concorda com uma ou mais partes da filosofia Pagã e que pode participar de Cerimônias ou práticas comuns aos Pagãos”. (HIGGINBOTHAM, 2002, p. 25).

Estes autores dizem que, o “paganismo é uma religião centrada na Terra” e existem dois conceitos centrais no paganismo, a interconexão¹⁰ e benção¹¹. De acordo com os autores,

⁸ Não haveria problema, se os pagãos fossem adoradores do Diabo. Mas a grande questão é que, relacionar algo a práticas demoníacas, está no sentido de inferiorizar o outro, ignorá-lo ou excluí-lo do meio social. Dizer que o outro “é do diabo”, é decretar sobre ele um rótulo, uma marca negativa e pejorativa, carregado de preconceitos e discriminação.

⁹Higginbotham (2002), no capítulo IV, afirma que Satã é uma divindade específica do panteão Judaico-Cristão-Muçulmano. A maioria dos pagãos não acredita em Satã ou lhe oferece qualquer energia ou homenagem, pois ele não existe nos panteões pagãos. Holzer (1972) diz que, ele foi uma figura criada pela Igreja, inclusive, com inspirações em entidades pagãs como o deus fenício Belzebu e o deus da caça, chifrudo, chamado cernunnos.

¹⁰Aquela, é a crença de que cada parte do Universo está profundamente interconectado dá fora ao modo com que os Pagãos visualizam a natureza do Divino... A maioria dos pagãos acredita que todas as partes do Universo, sejam elas “animadas” ou “inanimadas”, estão conectadas em níveis muito profundos que se estendem além das fronteiras do espaço-tempo como nós as conhecemos. Por causa dessa interconexão, muitos Pagãos acreditam que são capazes de interagir com o Universo e o Divino como co-criadores. (HIGGINBOTHAM, 2002, p. 20)

¹¹A crença de que cada parte do Universo é abençoada em sua natureza, e que não há nada de errado com o Universo ou com você... O paganismo sustenta sua posição de que os seres humanos são perfeitos em suas naturezas, não são espiritualmente condenados ou amaldiçoados, nascem com todas as ferramentas e habilidades necessárias para viver ética e espiritualmente e são naturalmente voltados para seu próprio crescimento e desenvolvimento. Nenhuma parcela da crença, prática, ritual ou sacramento Pagão destina-se a “salvar” os Pagãos de uma natureza errada ou corrupta, ou a evitar uma punição sobrenatural afastando-se desses supostos erros. (ibdem, 2002, p. 20)

os conceitos de “separação e erro”¹² pertencem a interpretação de outras religiões e que são opostos de “interconexão e benção”. O pagão acredita que a humanidade pode “melhorar a si mesma, mas os pagãos não equacionam a habilidade humana de fazer más escolhas com uma natureza imperfeita. Os autores afirmam que estes dois conceitos centrais “mantêm ligados a maioria dos caminhos e tradições divergentes dentro do Paganismo”. Eles afirmam ainda que, o fundamento do Paganismo não está em um dogma, mas em uma palavra, “busca”. A crença que o pagão adota é secundária, o mais importante é a busca, construir sua própria filosofia espiritual pessoal.

Algumas características do Paganismo, na visão de Higginbotham (2002) é uma religião e reúnem-se em igrejas, casas ou ao livre, em grupos ou chamados círculos, convenções ou clareiras. A diferença é que, os pagãos não procuram converter as pessoas, não enviam missionários, não procuram ganhar conversões. Além disso é uma religião moderna¹³; não possui uma hierarquia central ou dogma; enfatiza responsabilidade pessoal; é uma espiritualidade, isto é, um modo de viver, orar e se conectar com o fluxo do Universo “Práticas espirituais entre os pagãos são bastante variadas e incluem de tudo, do ritual formal à meditação, caminhadas em silêncio, canto, dança, cura, adivinhação, êxtase sexual trabalho com ervas, jardinagem e massagem”. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.23-24)

Os princípios elencados por estes autores, destacam-se: “tudo contém a centelha da inteligência”, ou seja, tudo tem consciência; “a magia é um processo completamente natural, o qual, em sua forma mais simples, é a comunicação e a cooperação de muitas consciências”; “tudo é sagrado”, isto é, “se a Divindade permeia tudo, então tudo é sagrado”. (HIGGINBOTHAM, 2002).

Segundo Oliveira (2009), “o pagão está em casa na Terra”. Ele quer se integrar plenamente neste mundo, pois este é percebido como sagrado¹⁴. Esta autora e Claudinei Pietro

¹²Primeiro, os elementos do Universo estão separados um dos outros, e segundo, que existe um erro (pecado original) em toda a humanidade. (ibidem, 2002)

¹³Segundo os autores, o paganismo, na visão dos cientistas sociais, encaixam-se no conceito de novos movimentos religiosos: 1) um individualismo religioso pronunciado, 2) uma ênfase na experiência em vez da crença e da doutrina; 3) uma perspectiva prática a respeito de assuntos de autoridade e prática; 4) uma aceitação e tolerância em relação a outras religiões e visões de mundo em geral; 5) uma visão de mundo holística e; 6) um plano organizacional flexível. (ibidem, 2002, p.22)

¹⁴Na sua concepção, sagrado e profano não se referem a realidades distintas, mas acham-se imbricados um no outro. A realidade transcendente está presente aqui mesmo, na materialidade do mundo físico. (OLIVEIRA, 2009, p. 05).

(2009), acrescentam outras características para o paganismo como por exemplo, politeístas, animistas¹⁵ e panteístas¹⁶. Utilizando as palavras de Oliveira (2004), outra característica, seria a imanência da divindade e a conseqüente sacralização da natureza. De fato a divinização da natureza, constitui um ponto em comum a todas as religiões neopagãs. Em conseqüência, a divindade imanente é encarada como sendo (ou podendo ser) presente e encarnada tanto no ser humano como num animal, árvore ou pedra.

Autores como Higginnbotham (2002) e Holzer (1972) afirmam que existe monoteísmo no paganismo. Outras vertentes são deísta, no caso, alguns segmentos da Wicca Moderna acreditam em apenas dois deuses, um é o Deus que representa o masculino, o sol, e a Deusa, representa o aspecto feminino, sendo a Lua. E tudo que existe posteriormente é a simples manifestação destas divindades. Um pagão que entrevistei disse que não pode haver monoteísmo no paganismo, mas sim MONOLATRIA¹⁷, que é um tipo de politeísmo.

O modo de vida é ligado aos ciclos da natureza vista como expressão da divindade. E o culto a ancestralidade é uma característica marcante no paganismo. Segundo a “Andressa”, uma pessoa que entrevistei do AmaPagão, “no paganismo, a igreja é o culto a natureza, não precisa de templos para ter fé. De acordo com a interlocutor “J.A.LIMA”: “É questão de terminologia. Pagão é a pessoa do campo. Culta os elementos da natureza”.

Conforme “Fala da Floresta”:

é uma religião que é originária até, ela não foi algo dito por um profeta, ou algo que foi é... tirado de um livro sagrado, é simplesmente você adorar a terra, os indígenas e suas religiões que veneram a natureza, os nórdicos, os egípcios, através de animais, cultuam ao lago, as religiões africanas, da música, da figura do sombrio, o segredo que a escuridão pode contar, então tudo isso não precisou ser lido por ninguém, não precisou ser tirado, mas sempre teve, a gente não tem como saber. Pra mim ser pagão é você cultuar isso, porque tudo isso está na natureza... Pra mim paganismo é mais uma denominação, você dizer que alguém é cristão, mas o cristianismo tem várias vertentes, assim é o paganismo, é tipo o nórdico, é culto a terra, então posso

¹⁵Acredita que cada parte da criação – tanto animada quanto inanimada – é preenchida pelo Divino ou possui uma alma. A Divindade está presente igualmente em toda a parte, mas geralmente não é dividida em partes, assim como no panteísmo. Dependendo da tradição, a Divindade pode ou não existir como um ser separado. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.90)

¹⁶Acredita que todo o mundo criado é igual a Divindade. Há um pouco do Divino em seu braço, um pouco mais na grama... e quando tudo se combina, eles se resumem em Divindade. Nesses sistemas, a Divindade pode ou não existir como um ser ou personalidade separada”. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.90)

¹⁷Ele me explicou que, monoteísmo é a crença em um só Deus e não se admite a existência de outros deuses. Se as pessoas assumem e reconhecem que existem outros deuses e deusas, mas se decide ter adoração ou devoção a apenas um, não é monoteísmo, mas sim, monolatria.

dizer que o paganismo é uma denominação, para vários povos que tenham diferentes costumes de adorar a sua terra.

De acordo com “Marina de Sousa” disse: “ser pagão é todo tipo de culto que celebra a interação com a natureza né, o respeito, e de culto a vários deuses”. Consoante Sulivan de Oliveira:

é uma filosofia, na verdade, que tem tudo que tem nesse planeta, na verdade. Tudo está vivo, as pedras, as plantas e os animais, tudo está vivo. Tudo está conectado contigo, então o que nós buscamos é buscar esta espiritualidade em conexão com a terra, em harmonia com a terra.

Conforme o entrevistado “Cláudio”, o pagão é animista e também cultua seus ancestrais:

[...]os ancestrais somam a família da minha mãe, do meu pai, meus ancestrais também são aqueles que me iniciaram, meus iniciadores são meus ancestrais, meus professores são meus ancestrais, aquelas pessoas que passaram por mim e que me ensinam e que me ajudaram na formação da minha pessoa, são meus ancestrais, eu enquanto pagão, eu tenho essas influências, tendo essas influências são meus ancestrais, o ancestral passa também pelo crivo do conhecimento, é aquele que eu reconheço como tal, é aquele que me escolheu.

Os entrevistados não tiveram a leitura dos autores científicos que trabalham o conceito de paganismo, porém, pelas suas falas, observa que esta é a forma que eles se percebem e acreditam, através de suas vivências em encontros, rituais, cultos a divindades, leituras da literatura pagã e esotérica. A divindade é imanente e está em toda parte. O paganismo é visto como uma “filosofia”, “uma religião”, “uma terminologia”, um culto a divindades e a natureza, um conjunto de princípios universais que orientam a conduta do indivíduo e o deixa livre para escolher o seu caminho sagrado. Consoante “Tiago Paladino”:

O paganismo é errôneo agente acreditar que o paganismo é uma comunidade coesa, nós não somos uma comunidade unida, nos desentendemos, o paganismo te leva a manifestação de uma religiosidade extremamente pessoal, por mais que eu divida o mesmo lugar contigo, da mesma tradição, digamos que tu seja da mesma tradição, tradição ibérica, nós vamos ter formas diferentes de pensar e ver o mundo porque dentro da estrutura pagã, lhe é permitido a singularidade, a singularização das minhas crenças, a singularização da minha prática, então por causa dessa singularização, então da autovalorização dessa singularização, então nós não somos uma comunidade coesa e não acredito que nos não vamos nos tornar isso em algum momento [...] O que eu vejo é o pagão individualista, um pagão na

sombra, nós somos uma minoria, uma minoria inexpressiva, e eu acredito que nós vamos continuar sendo uma minoria [...] o paganismo é um arcabouço dos diferentes, é um arcabouço do não-cristão, você encontra muita coisa do paganismo, e muita coisa que você tem dificuldade de convivência, existem elementos dentro do paganismo que vão ter dificuldade de convivência com o outro, por exemplo, isso que chama hoje de bruxaria eclética, bruxaria tradicional, vivem em conflito, porque o que é bruxaria eclética, é que uso elementos de múltiplas culturas, enquanto que a bruxaria tradicional, ela segue os ensinamentos de uma linha só, da sua, daquela cultura, existem muitos choques entre elas, existem muitos choques entre seus praticantes, na verdade, e os dois são pagãos, as duas linhas de pensamento são pagãs, são tão pagãos tanto uma quanto a outra.

Este é um ponto que observei nestes dois anos e meio no mundo pagão, não existe uma unidade na comunidade pagã, uma “família coesa e harmônica” que cultuam seus deuses, a natureza e seus ancestrais. Existe, mas não são todos (as), uma disputa de “status mágico”, isto é, quem tem mais títulos sacerdotais ou mágicos dentro de cada vertente pagã e quem tem mais “poder mágico”, ou seja, quem possui o maior conhecimento e domínio da magia/energia e também dos instrumentos mágicos (pedras, velas, incensos, runas). Esta “singularidade”, “singularização das crenças e práticas” e até a “autovalorização dessa singularização” permite uma abertura de caminhos alternativos para a magia e sua possível sistematização, com uma particularização e individuação de quem a criou ou interpretou. Não importa a divergência que há entre as vertentes, se um acredita em um deus, ou vários deuses, se um acredita em uma forma certa de fazer feitiço ou um ritual e a outra discorda, o que importa é que todas elas cultuam a natureza e acreditam que a divindade também se encontra nestes lugares, além disso, afirma uma identidade não-cristã, como disse o entrevistado: o paganismo é um “arcabouço dos diferentes, é um arcabouço do não-cristão”. Não só esse entrevistado, mas os outros também acreditam que o paganismo é minoria e continuará sendo, pois eles não são proselitistas.

2.2. Tipos de Paganismo

Higginbotham (2002) cita o druida Issac Bonewits de forma sistematizada como o paganismo se organiza. Existe o Paleopaganismo que consiste “credos tribais originários da Europa, África, Ásia, Américas, Oceania e Austrália”. Alguns credos como por exemplo,

religiões dos Astecas, e outros povos nativo-americanos, Hinduísmo (Antes do Islã), Taoísmo, Xintoísmo. A segunda, o Mesopaganismo que se caracteriza por uma variedade de movimentos de renovação de uma determinada religião paleopagã, isto é, recriação dos sistemas paleo-pagãos, contudo, influenciada pelos princípios judaico-cristã, por exemplo, Maçonaria, Rosacruzismo, Teosofia, Vuduísmo, Santeria e Siquismo. O terceiro é o neopaganismo, que ele define como religiões criadas dos anos 1960 em diante e que “tem tentado misturar o que seus fundadores perceberam como os melhores aspectos de diferentes tipos de paleopaganismo com ideias da moderna “Era de Aquário”. Este trabalho está concentrando as suas discussões no Neopaganismo, inclusive, o grupo pesquisado, encaixa-se nesta classificação.

2.3. Neoesoterismo, Religiões da Nova Era

Para iniciar o debate sobre o neopaganismo, é necessário retomar as discussões feitas por Magnani (2009) sobre o Neoesoterismo. Segundo o autor é um termo que designa formas de religiosidades não institucionais também chamadas de Mística, Esotérica ou New Age que reúnem livros de autoajuda, oráculos, tarô, rituais ocultistas, terapias ditas alternativas, imagem de anjos e duendes... dentre outros (MAGNANI, 2009). Para este autor, as religiões na Metrópole, constituem-se de passagens e trocas, em vez de uma conversão definitiva ou filiação exclusiva, fala-se em trânsito e duplos ou mais pertencimento, simultâneos e sucessivos. Segundo o autor, este fenômeno foi considerado também como “Religião pós-Moderna” porque é um

Resultado da livre escolha e da junção de elementos tirados das mais diversas linhas e filosofias, desde tradições orientais até os xamanismos indígenas e rituais Wicca, evocando as experiências da contracultura dos anos 1960 (...) Na realidade, as chamadas práticas neo-esotéricas não constituem um movimento homogêneo, mas um circuito por onde se pode circular sem exigência prévia de adesão incondicional ou definitiva (...) (MAGNANI, 2009, p. 24-25).

Tem-se a presença de indivíduos que decidem o seu caminho religioso, selecionam um conjunto de crenças e filosofias e escolhem de acordo com sua conveniência. Cordovil e

Castro (2014) discutem a ideia de que as “Religiões da Nova Era”, iniciados na década de 1960 e 1970, dentro do contexto do movimento de contracultura tinha uma característica de afastar-se da “própria ideia de religião enquanto grupo institucionalizado com um conjunto de crenças específico, dogma, hierarquia e local de culto”, porém, atualmente observa-se que muitas das religiões que surgiram na década de 60 e 70 aderem este formato. Conforme Silas Guerreiro e Lopes (2010), dentro de um contexto de contracultura nas décadas de 1960 e 1970, surgem movimentos que buscaram o individualismo e uma espiritualidade distinta das instituições. Nesse recorte histórico emergiram inúmeros Novos movimentos religiosos – dentre eles os conhecidos como Nova Era. De acordo com esses dois autores, esse movimento é formado por variações sincréticas de religiões institucionais, do ocultismo europeu e da orientalização do ocidente que trouxe de maneira peculiar, rituais, cerimônias, comportamentos e visão de mundo totalmente adaptadas ao *ethos* local. Segundo os autores, a Nova era resgatou religiões pagãs de sociedades arcaicas distantes de nossa historicidade, porém inculcadas no imaginário.

Cordovil e Castro (2014), ao criar este novo termo, tentaram encontrar pontos em comum entre todos os grupos religiosos estudados, principalmente nos anos de 90 e 2000, conhecidos como “Religiões da Nova Era”¹⁸. Os autores afirmam que não há só a presença do trânsito religioso dentro das Religiões da Nova Era, estes grupos estão se cristalizando em religiões, com dogmas, doutrina, liderança e conjunto de adeptos.

2.4. Neopaganismo

Conforme Guerreiro e Lopes(2010), o Neopaganismo surgiu no interior da Nova Era, com forte impulso na segunda metade do século XX, através de grupos que invocam com ardor ou deuses e deusas dos primórdios da história ocidental. Esses grupos proporcionaram um borbulhante sistema de crenças, pois ressuscitaram religiões de civilizações que eram pouco conhecidas, a não ser livros de história. (GUERRIEIRO E LOPES, 2010, p.15-16.)

¹⁸ 1) surgimento histórico ou divulgação massiva no Ocidente relacionado à contracultura; 2) referência a saberes ancestrais ligados a antiguidade e/ou civilizações extintas, tais como egípcios, gregos, índios americanos, nórdicos, etc.; 3) proposta de integração com a natureza e de resgate de saberes holísticos; 4) ênfase no auto-conhecimento, construção do self religioso do sujeito. (CORDOVIL E CASTRO, 2014, p.121).

De acordo com a Oliveira (2009), os estudos sobre o neopaganismo têm a situá-lo dentro de um conjunto mais amplo denominado “Novos movimentos Religiosos” – NRMs¹⁹ aglutina grupos religiosos diferentes, estão nesse grupo religiões neopagãs quanto as releituras contemporâneas das tradições orientais e os grupos vinculados à “Nova Era”.

2.5. Contexto de criação do Neopaganismo

Conforme Guerreiro e Lopes (2010) fala sobre o nascimento do neopaganismo. As primeiras comunidades do período da contracultura se organizavam nas Ilhas Britânicas. Uma parte delas volta-se à busca pelo passado pré-cristão. Então, surge o neopaganismo, favorecidos e impregnados pelos ares da Nova Era. Segundo eles, estes grupos neopagãos se propagam com muita facilidade nos espaços urbanos. (GUERRIERO E LOPES, 2001). Cordovil e Castro (2014) também menciona sobre a origem do Neopaganismo, e conforme eles, a “raiz cronológica difere de acordo com a tradição”, por exemplo, o renascimento druídico remonta do século XVIII, a Wicca Moderna, surge em fins da primeira metade do século XX, autores afirmam que “O local de origem das religiões neopagãs também difere de acordo com a tradição”²⁰.

Consoante Cordovil e Castro (2015, p.116): “Essas religiões passaram a ganhar notabilidade no contexto contracultura das décadas de 1960 e 1970, através de livros, feiras místicas e encontros neopagãos, e posteriormente com a internet, a partir da década de 1990”. Segundo Janluis Duarte, o termo “neopagão” foi popularizado apenas a partir de 1967, pelo psicólogo Timothy Zell, mais conhecido como Oberon Zell-Ravenheart, criador da Church of All Worlds e editor de revista Green Egg. Ele prefere o termo movimentos neopagãos ou em tendências e ideias que remetem ao paganismo. Nas observações feitas nas redes sociais,

¹⁹Para Beckford (1987) definição de NMR é muito vaga e serve como um grande guarda-chuva que acolhe a diversidade de fenômenos que se distanciam das grandes religiões mundiais. Existem bastante discussão em relação ao conceito de NMR, porém o mais apropriado para este trabalho é de Mary Ficher (1999), são os movimentos que surgiram nos dois últimos séculos e continuar até hoje.

²⁰No caso das três tradições citadas anteriormente – o Druidismo, o Odinismo e a Wicca – este surgimento se deu entre a Europa e os Estados Unidos, sendo que, mesmo nas tradições surgidas fora do continente europeu (como é o caso do Druidismo e de algumas vertentes da Wicca) é buscada uma inspiração na liturgia e no culto a divindades de panteões das antigas civilizações européias, presentes no continente antes da cristianização. Além desses casos, há outras formas de paganismo contemporâneo existentes, como é o caso do neoxamanismo ou xamanismo urbano (terminologia de Magnani, 2000), do reconstrucionismo helênico e do Kemetismo ou Politeísmo Egípcio. (CORDOVIL E CASTRO, 2015, p. 34).

apareceu o termo “movimento pagão” em muitos momentos. E Janluis Duarte, questiona sobre isto, quando problematiza o termo,

é preciso relativizar esta expressão para termos uma dimensão mais correta do que ele representou e representa. A palavra movimento implica alguma organização e coesão em torno de determinadas tendências, sejam elas artísticas, literárias, religiosas ou políticas, o que não é exatamente o caso quando nos referimos ao neopaganismo no período que antecede a Segunda Guerra mundial, a não ser que consideramos o uso intensivo da simbologia pagã e de ideias arianistas feito pelo nazismo. Talvez, portanto, seja correto falar em movimento neopagão, apenas quando nos referimos ao movimento de cunho religioso, englobando diversas seitas com características comuns, que ganha corpo a partir da década de 1960. (DUARTE, 2003, p.16)

Dialogando com todos estes autores, percebe-se que o auge do Neopaganismo concentra-se no século XX, especificamente no movimento de contracultura. Este fato histórico foi um elemento preponderante para a consolidação do movimento. Continuando com o debate sobre o neopaganismo, a antropóloga Rosalira Oliveira fala que neopaganismo é uma criação coletiva de uma espiritualidade de tipo novo, inspirado no passado, voltado para o presente e preocupado com o futuro. Langer e Campos (2007) falam também do neopaganismo e afirmam que é uma prática mágico-religiosa do homem contemporâneo

Conforme Guerriero e Lopes (2000, p.16):

Essa proposta de espiritualidade estabelece um sistema individual de crenças baseado na religião do “self” e na reencarnação, articulando-se em torno de ideias que envolvem atitudes e práticas comuns, tais como o xamanismo, a hiperpercepção, a meditação e a manipulação dos objetos do poder. Por estarem intimamente conectados à natureza, seus integrantes, em geral, são engajados nos movimentos ecológicos locais e globais, alastrando-se via web, face a globalização recente. Eles aguçam a percepção e reinterpretam a paisagem cotidiana por meio das ressignificações mitológicas existentes em imaginários específicos. As ressignificações advêm dos mais diversos territórios mítico-geográficos, como o dos celtas (Druidismo Moderno e Wicca), dos vikings (Ásatrú, Vanatru e Odinismo), dos eslavos (tradições eslavas), da Wicca, que buscam deusas de todas as culturas, além dos grupos formados por movimentos ecológicos, a exemplo do Ecopaganismo e da Ecomagia, entre outros que surgem de maneira exponencial em relação ao número de praticantes.

Na visão de Oliveira (2009), “o neopaganismo é uma generalização – uma denominação guarda-chuva sob a qual se abrigam perspectivas religiosas distintas”. Conforme Higginbotham (2002) pode-se chamar de paganismo ou neopaganismo, o mais importante, é

que ele configura-se como um “novo movimento religioso” e que ele é um termo “guarda-chuva” que descreve uma variedade de denominações - “conhecidas pelos pagãos de Tradições – as quais em sua maioria organizam a si mesmas e operam sem um corpo religioso centralizado ou um dogma padronizado”.

Sob o guarda-chuva do Paganismo, são encontradas diversas tradições tais como a Wicca, Xamanismo, Asatru, Eclética, Tradições familiares, Tradicionalismo Celta, Druidismo, Strega, Santeria, Vudu, Magia Cerimonial, Tradições de Mistério, solitárias, assim como uma larga variedade de caminhos Mistos como, Cristo-Paganismo, Buda Paganismo (ou Paganismo Oriental)... (HIGGINBOTHAM, 2002, p.26).

Oliveira (2009) menciona outros, dando destaque ao Reconstrucionismo Saxão (também conhecido como Ásatru ou paganismo nórdico), o neodruidismo, a Wicca (com raízes celtas), o Xamanismo, Hinduísmo, Taoísmo, Odinismo, Mitraísmo, e outros. Além das três vertentes tradicionais do neopaganismo, Druidismo, Odinismo e a Wicca, Cordovil e Castro (2015), acrescenta outras vertentes como o neoxamanismo ou xamanismo urbano (terminologia usada por Magnani (2000)), o reconstrucionismo helênico e o Kemetismo ou Politeísmo Egípcio.

Este grande guarda-chuva, aglomera diversas manifestações religiosas, protegendo as suas particularidades, características próprias que dão uma singularidade substancial para cada uma, organizando então pessoas que vão a busca de novas respostas para suas indagações no mundo contemporâneo, diferentes interpretações da realidade e explicações que estão fora do eixo hegemônico da religião cristã

Segundo Cordovil e Castro (2015, p.34):

O Neopaganismo consiste em diferentes religiões que possuem alguns traços similares, como o culto a divindades que remontam a civilizações pré-cristãs, o entendimento da natureza como sagrada, uma liturgia baseada nas mudanças sazonais, entre outros.

Qual a diferença então do paganismo pré-cristão do neopaganismo originado principalmente no século XX?

Uma diferenciação básica entre as práticas de paganismo na contemporaneidade e na antiguidade é que neste último caso elas se davam no campo, simbolizando um aspecto cultural dos camponeses, enquanto no caso contemporâneo o paganismo emerge em grandes cidades, estando atrelado a estilos de vida urbanos específicos do contexto moderno. Além disso, as religiões neopagãs não possuem templos propriamente ditos, tendo

seus encontros, rituais e celebrações realizados em espaços verdes que se localizam nas cidades e nas residências dos líderes de determinado grupo religioso. (CORDOVIL E CASTRO, 2015, p.116-117)

Estes autores entendem que há dois tipos de adeptos de religiões neopagãs quer no Brasil quer em outras partes do mundo: “os que praticam a religião dentro de covens, grupos e tradições e os praticantes solitários”. O primeiro tipo, pratica a sua religião pagã dentro de uma estrutura ritualística e iniciática, promovem rituais e encontros com forte contato presencial entre seus membros. Este caráter iniciático é muito presente no universo pagão. Cordovil e Castro (2014) afirmam que Seus buscadores e aprendizes podem ser iniciados por praticantes mais experientes em convéns, clãs, heathens ou tradições, ou até a auto-iniciação. O que simboliza esta iniciação?

A iniciação simboliza o ingresso propriamente dito nos ministérios de uma das religiões neopagãs, e dessa forma os neopagãos escolhem nomes iniciáticos ou nomes pagãos e adotam para si, como simbolismo para a “morte” da vida interior e o “renascimento” de uma nova vida, como um sacerdote ou sacerdotisa neopagão. Os nomes pagãos também funcionam como elemento identitário do sujeito em questão, uma vez que o nome adotado reflete a forma com ele ou ela quer ser reconhecida na comunidade pagã. (CORDOVIL E CASTRO, 2014).

O segundo tipo, não exige um contato direto com outros praticantes, as pessoas estabelecem um culto privado baseado em informações encontradas em livros e na internet ou concedidos por meios de conversas informais com amigos que partilham da mesma ideia. (CORDOVIL E CASTRO, 2014). Por isso que o AmaPagão é neopagão pois nas entrevistas e observações feitas, encontra-se quase uma grande parte estas vertentes presentes no grupo.

Pelas entrevistas e observações realizadas, a maioria teve o seu primeiro contato no mudo pagão de forma particular e pessoal. Um entrevistado que conheceu o paganismo por meio de amigos; outro, escutando bandas nórdicas; outro, por meio de jogos RPG e a literatura do Harry Potter; outro, revistas da Wicca que existia nas bancas de jornais.

Alguns que entraram no AmaPagão e depois de algumas reuniões e identificações com certas divindades e panteões, começaram um trabalho de iniciação, por exemplo, na Wicca. E outros, mesmo com um tempo considerável de estudos no universo pagão, decidiram não entram para nenhuma ordem, tradição ou coven, mas continuar suas pesquisas e suas práticas

individualmente, aprendendo um pouco de tudo e cultuando vários deuses de diversos panteões.

Neste capítulo foi abordado um pouco sobre o paganismo na história e como os autores vem interpretando este fenômeno até chegar na contemporaneidade. Disto posto, a discussão dará continuidade, mas procurando saber, como se pode discutir esta temática no campo religioso brasileiro? Onde estão localizados o pagão no censo do IBGE? Estas indagações são fundamentais a fim de entender posteriormente a identidade pagã em Macapá.

3 - CAPÍTULO II: O IBGE E O PAGANISMO: O AMAPAGÃO PODENDO FAZER PARTE DOS “SEM RELIGIÃO”.

Não discutirá de forma profunda a relação entre a religião e modernidade, uma vez que, é discussão longa e sistêmica. Existem diversas interpretações, especialmente no Brasil, sobre a religião e como a modernidade a influenciou. Alguns autores dizem que teoria da secularização²¹, seria aplicada e compreendida no Brasil, outros, a dessecularização²² e tem autores que defendem, nenhum dos dois, mas um encantamento²³ no Brasil. A última interpretação seria mais viável para este trabalho, pois segundo Guerriero (2006, p.51):

A partir da ótica do agente, nem a magia desapareceu nem as entidades sobrenaturais deixaram de conviver com os personagens sociais. O crente também nunca se desencantou. Continua vivendo em um mundo encantado Podemos dizer que o mundo não está encantado da mesma maneira que antes, mas que, de alguma maneira, o encantamento permanece.

Outro autor que estuda o comportamento religioso no mundo contemporâneo e urbano afirma:

[...] A suspeita inter-religiosa é o preço que se tem que pagar por esse próprio cosmopolitismo que conseguiu abolir (pelo menos na maioria dos casos) a intolerância religiosa, repressiva e silenciadora, de outros tempos. Onde difiro das interpretações de muitos colegas que analisam a cena religiosa brasileira contemporânea é que, longe de apontar para um processo de racionalização e secularização é um sintoma de pluralidade de busca, cada vez mais exigente e desafiadora, por muitos caminhos espirituais. Em suma, estou convencido de que a crise da autoridade religiosa não indica necessariamente uma redução do desencantamento praticado pela religião” (CARVALHO, 1999, p. 12).

Ele entende que, quando a opção religiosa se livra das “amarras da identidade estruturada, todas as religiões são passíveis de serem julgadas como falsas”. E no contexto brasileiro, especificamente, o contemporâneo, há “uma luta para ampliar a dimensão religiosa do espaço público e não por laicizá-lo”.

²¹PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, nº. 37, São Paulo, Jun., 1998.

²²BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. In: Religião e Sociedade, vol. 21, nº 1, CER/ISER, Rio de Janeiro, p. 9-23, 2001

²³Alguns autores, como, Guerriero (2006) e Negrão (2008) não acreditam no desencantamento religioso do mundo, no contexto brasileiro, mas a partir da segunda metade do século XX, e encantamento é intensificado e ganha fortes proporções em terras brasileiras, adquirindo novas características, tendo um novo encantamento.

O objetivo deste capítulo é compreender o campo religioso brasileiro, a partir de autores que interpretam os dados do IBGE, de forma quantitativa e qualitativa, discutir um pouco sobre o trânsito religioso, falar sobre “os sem religião” e qual a razão do AmaPagão está nesta categoria segundo, Cordovil e Castro (2014). Antes de falar sobre identidade, situa-se o AmaPagão dentro do espaço urbano Macapaense, mostrando a importância e relação deste com a religião e também quais são as Religiões da Nova que ocupam o espaço urbano encantado macapaense. Por fim, esboça-se uma discussão sobre identidade para que se entenda de que maneira este indivíduo cria e recriar a sua identidade.

3.1. Uma mudança conjectural a nível nacional e internacional do campo religioso na Modernidade.

No caso brasileiro, a situação pluralista e concorrencial consolidou-se tão-somente na segunda metade do século XX, mais de meio século depois da separação Igreja-Estado. (MARIANO, 2001). A autora Mafra (2013) menciona uma redução acentuada de católicos (64,6%), uma queda de 12,2%, caindo de 124,9 milhões em 2000 para 123,2 milhões em 2010. Deixando claro que os católicos tiveram um decréscimo em todas as regiões do país. Entretanto, os evangélicos tiveram um aumento de (22,2%), 26 milhões em 2000 para 42,2 milhões em 2010, um crescimento de 16 milhões. Com destaque para os pentecostais de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010. Os evangélicos aumentam o número de adeptos em todas as regiões do país. (IBGE, 2012:91). Houve um aumento dos que declaram ser espíritas (2,0%), que representa cerca de 3,8 milhões de seguidores. Outras religiosidades (2,7%) e aqueles que foram classificados como sem religião (subiu para 7,8%).

Segundo análise do Ricardo Mariano sobre os dados do IBGE, a soma de católicos e evangélicos caiu de 89,5% para 86,8% entre 2000 e 2010, gerando uma queda de apenas 2,7 pontos percentuais. Quase nove em cada dez brasileiros se definem como cristãos. Estes dados revelam uma das dificuldades que as religiões não cristãs encontram para crescer e permanecer no campo religioso brasileiro, dentro de um contexto de concorrência religiosa. Peirucci (2004) afirma, de fato, a pouca diversidade religiosa diante do contexto cristão apresentado e chega a problematizar, se há ou não, o pluralismo religioso que muitos falam.

Segundo Mariano(2013), retirando das estatísticas, os católicos, evangélicos e sem religião, todas as outras religiões constituem somente 5% dos brasileiros. Elas cresceram 1,8 ponto percentual entre 2000 e 2010, expansão bem superior às obtidas nos dois decênios anteriores, de 0,4 e 0,3, respectivamente. É um quantitativo pouco expressivo diante do universo das religiões cristãs.

Teixeira (2009), chama este novo campo religioso mostrado pelo censo 2010 de “diversidade acanhada”²⁴. Corroborando com as ideias dos autores anteriores, Ricardo Mariano (2013, p.120) afirma que:

[...]a expansão dos demais grupos religiosos minoritários pesou muito pouco para o declínio do catolicismo. De modo que a desmonopolização e a destradicionalização religiosas estão associadas à pluralização religiosa e à intensificação da concorrência no e por mercado religioso, mas também à crescente opção individual de não filiar-se ou de se afastar de instituições religiosas. (MARIANO, 2013, p. 120).

Este fenômeno religioso no Brasil é fruto de um contexto moderno que influenciou indivíduo a criar novas formas de relacionar-se com o sagrado. Especialmente no século XIX e XX no mundo ocidental que marcam a relação do indivíduo com o mundo. Troeltsch, teólogo e historiador alemão, buscou entender a sociedade do século XIX, e fazer uma relação entre modernidade e Religião. Este autor trabalha com o termo “religião Mística”, ou seja, uma religiosidade anti-institucional que extravasa as fronteiras das igrejas, na visão do autor, ela é individualizada, e com fortes tendências sincréticas e pluralistas. É uma religião típica da modernidade, porque ela é compatibilizável.

“[...]Não seria homogênea, uma vez que, além de elementos cristãos, ou seja, uma fé cristã interiorizada calcada na convicção da revelação divina pessoalizada, abrigaria elementos de tradições espíritas, orientais e esotéricas com ela sincretizados, além de elementos panteístas e estéticos”. (TROELTSCH _apud_ NEGRÃO 2013, p.116).

Conforme Negrão (2008), essas análises feitas pelo teólogo alemão estão concentradas na passagem do século XIX ao XX. É um sujeito que não cria vínculos institucionais e

²⁴Pois em comparação a ideia do percentual cristão (86,8%), restam apenas 4,7% para outras religiões e quase 8% para os “sem religião”.

consegue aglutinar em suas crenças características e elementos cristãos, espíritas, orientais, esotéricos, panteístas e estéticos. É uma religiosidade pessoal, “individualizada”, calcada na ideia de unir, reunir, aglomerar elementos do sagrado de acordo com sua conveniência, sem compromisso ou lealdade com determinada instituição, simplesmente, “apegam-se a crenças e práticas que lhes parecem melhor adequar-se a si e ao estilo de vida que escolheram”. Conforme Negrão (2012), o teólogo Troeltsch acreditava que as “religiões eclesásticas” estavam em crise. Mas não havia possibilidade de extinção das mesmas no campo religioso mundial. Elas, continuariam se adaptando, na direção de tendências apontadas como “rejeição a clericalismo, individualização, pluralismo, sincretismo”.

Negrão (2008) menciona, Campbel (1997). Este autor afirma que no Ocidente ocorreu um processo de “orientalização”, que teve como característica “o deslocamento da teodiceia tradicional por outra que é essencialmente oriental em sua natureza”. Interpretando esta pequena frase, Negrão(2008) afirma que esta “tradicional teodiceia ocidental” a qual tem como base a crença em um “Deus transcendente e pessoal, na atitude religiosa ascética e salvacionista”, vai perdendo seu lugar para um “paradigma oriental” a qual possui uma outra ideia de divindade, “um Deus imanente e impessoal, e em atitudes religiosas místicas não salvacionistas, de auto aperfeiçoamento ou de auto deificação.

Campbel (1997) defende um amadurecimento da sociedade em relação ao sagrado, ele chama de “consciência religiosa universal”, isto é, existe uma melhor aceitação sobre as demais instituições que interpretam Deus e a “verdade de todas as religiões são reconhecidas” e “todas as formas de religiões são vistas como idênticas. Então, há uma recepção, hospitalidade para religiões Orientais, os Movimentos Nova Era, o Neopaganismo, num diálogo cultural, filosófico e religioso.

Negrão (2008) afirma que as transformações que ocorreram no século XIX, diagnosticada por Troeltsch, e no século XX por Campbel, no mundo religioso ocidental, pode ser detectado também na realidade do campo religioso brasileira (será discutido o pensamento deste autor mais adiante). As pesquisas feitas por (Heelas, Woodhead, 2005) na Inglaterra, afirmava que estava havendo uma “revolução espiritual”, por causa do aparecimento de novas vivências no campo da subjetividade religiosa, um novo tipo de espiritualidade focada no crescimento interior e bem-estar, focando em experiências pessoais e distanciamento com padrões tradicionais. Giumbelli (2002) constatou características

semelhantes no campo religioso Francês. Hervieu-Léguer (2008) estudou o campo religioso Francês e detectou novas religiosidade e espiritualidades no seu país voltado mais para a interioridade do indivíduo em um contexto moderno.

Esta nova identidade religiosa a nível mundial decorre, segundo Hervieu-Léger (2008), dos efeitos da modernidade no indivíduo.

A condição moderna se caracteriza... pelo imperativo que se impõe ao indivíduo de produzir ele mesmo as significações de sua própria existência através da diversidade das situações que ele experimenta, em função de seus próprios recursos e disposições. Por isso, ele deve interpretar essa sucessão de experiências contraditórias como um caminho que tem um sentido”. Isto implica particularmente que ele consiga reconstituir sua própria trajetória pela mediação de um relato. (HERVIEU-LÉGER , 2008, p.89).

Votando para o debate no campo religioso brasileiro, vários autores procuram analisá-lo somente a partir dos dados do IBGE, porém, existem outros pesquisadores que procuram ir além do aspecto quantitativo. Intelectuais como Negrão (2008), Mafra (2013), Novaes (2013), Amaral (2013) e (Almeida e Monteiro, 2013) adotam o aspecto qualitativo. E todos eles enxergam uma diversidade religiosa no campo religioso brasileiro, reconhecem a quebra do monopólio da Igreja Católica e alguns como Amaral (2013) e (Negrão,2008) concluem que existe uma religião mais individualizada e pessoal. Amaral (2013) aborda o campo a partir de uma análise qualitativa, entendendo o contexto religioso atual com características particulares, especificamente a cultura brasileira afeita de sincretismos e interpelações mútuas mostram-se em sintonia com as transformações no universo religioso moderno, especialmente no Ocidente. Essa tendência ela chama de “cultura religiosa errante”²⁵. Em suas pesquisas qualitativas, a autora procura observar uma:

Cultura religiosa que não se encontra em um único lugar institucional ou territorial, nem se apresenta em um único templo ou ambiente cultural. Uma cultura religiosa que se constrói constantemente por meio da ação de indivíduos autônomos, às voltas com suas escolhas e combinações, por entre os diversos campos religiosos e não religiosos, como os do entretenimento e do consumo. (AMARAL, 2013, p. 295)

²⁵“São práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas independente das definições ou inserções religiosas de seus participantes” (AMARAL, 2013, p. 295).

Ela interpreta este sujeito religioso dentro de um contexto cultural Moderno e Pós-Moderno²⁶, a qual a religião torna-se um “leque de recursos culturais, disponível para a experimentação de indivíduos autônomos” sem necessariamente estar vinculados a suas instituições ou “preceitos universais”. As pessoas que transitam pelo AmaPagão praticam a “cultura religioso errante”, pois possui plena liberdade de escolher quais divindades que serão cultuadas assim como combinar vivências espirituais e religiosas.

3.2. Trânsito Religioso e o Participante do AmaPagão

Discutir o trânsito religioso no Brasil, é relevante, pois nas observações realizadas nos encontros do AmaPagão, identificou um perfil de frequentadores que se encaixam nesta categoria. Ronaldo de Almeida e Paula Monteiro escreveram o artigo: “Trânsito religioso” e elaboraram as suas reflexões com base nos dados do Ministério da Saúde, Pesquisa feita sobre o Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/Aids. Segundo estes autores, ocorreram uma multiplicação das alternativas religiosas no Brasil. Eles ainda tecem uma crítica sobre a ideia que foi criada na academia de reduzir a diversidade religiosa à metáfora do mercado²⁷. Segundo eles, “A redução do fenômeno do trânsito religioso ao processo de mercantilização dos bens de salvação acabou por deixar na sombra os mecanismos particulares de ressignificação das crenças religiosas”. (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p. 92)

De acordo com os referidos autores, a ideia de Trânsito religioso aponta para um duplo movimento:

“Em primeiro lugar, para a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descrita pelas análises sociológicas e demográficas; e, em segundo, para a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos. (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p.93).

²⁶Ela utiliza autores como Gauchet (1984,1985), Bayer (1994) e Featherstone (1991) para entender este contexto cultural atual.

²⁷“[...]A ideia de que a racionalização do sagrado no mundo moderno realizar-se-ia pela transformação das crenças em mercadorias a serem consumidas pelos adeptos que, volúveis, escolheriam os produtos segundo suas necessidades imediatas. (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p. 92)

Presencia-se um fluxo de pessoas com diversas identidades religiosas dentro do grupo AmaPagão. Eles transitam por este espaço, mas também, circulam por outras instituições religiosas. Alguns reconhecem que estão vinculados a determinadas instituições, mas não tem problema de participar de atividades de outras. Veja a tabela:

Tabela 1: identidade religiosa no grupo AmaPagão

Identidade religiosa no grupo AmaPagão	
Católico	Protestante
Wicca	Asatru
Candomblé	Igreja Messiânica do Brasil
Budista	Umbanda
Espírita	E tem pessoas que não conseguem definir sua identidade religiosa mas que transitam por diversos espaços sagrados como Igreja Messiânica para receber o Joreih, vão em clínicas holística para receber Reike, procurar ter a experiência do chá da ayahuasca, Xamânicas, participam de escolas iniciáticas.

Fonte: Tabela elaborado pelo autor por meio da observação participante

Existe de um lado, um problema institucional que trata da mudança das filiações, e do outro lado tem-se um mais cognitivo, “que mostra as semelhanças e as diferenças entre as representações dos universos religiosos.” (ALMEIDA E MONTEIRO,2011). Estes autores, baseando-se em dados qualitativos, entendem que muitas pessoas têm outras práticas religiosas, mas se autodeclaram “católico apostólico romano” quando são indagadas “qual é a tua religião?” Seria um tipo de identificação religiosa pública. As crenças e práticas católicas ocupam um plano mais secundário na vida dos fiéis em relação ao candomblé, uma banda, e outros. Este tipo de católico que mantém religiões diferentes ao mesmo tempo – cada um está localizada num plano da vida do fiel – inclui-se os “não praticantes”²⁸. Através da pesquisa

²⁸Categoria sociologicamente pouco precisa, mas com uma auto-identificação significativa que compõe uma parcela importante do segmento. São os católicos dos batismos, casamentos e enterros, para os quais os sacramentos atuam como ritos de passagem tradicionais na sociedade brasileira. Trata-se daqueles indivíduos que acreditam na Igreja, batizarão seus filhos nela, aceitam-na como identidade religiosa, mas não a praticam, como ir periodicamente aos templos ou manter alguma devoção a um santo, por exemplo. A auto-identificação de “não-praticante” deve-se à pouca frequência aos serviços religiosos e à ausência de relações mais comunitárias [...]Um indivíduo que passou pela Igreja em momentos como batizado, talvez uma comunhão e uma crisma, o casamento e, no futuro, receberá dela a extrema-unção – alguém que pode muito bem se declarar

qualitativa, os autores concluem que é possível identificar um número expressivo de pessoas que identificam-se como católico “não protestante”, ou “sem religião”, “dependo do dia em que for entrevistado”. Segundos os autores, através da análise da pesquisa sociodemográficas, compreendeu-se um cenário com o pluralismo religioso bem expressivo²⁹.

Para entender melhor este Trânsito religioso, especificamente os 26,5% que mudaram de religião, buscou-se entender quais as principais conexões entre as alternativas religiosas? Como foi que ocorreu esse trânsito, esta mudança de religião. A solução foi perguntar para o pesquisado a religião atual do entrevistado e em qual ele foi criado. Logo, o campo religioso brasileiro foi organizado em três principais vértices. O primeiro é formado pelos católicos, “doadores universais”. O grupo que os católicos preferencialmente migram é o pentecostalismo, seguido dos “sem-religião”. Do ponto de vista da recepção, quase a metade das pessoas entrevistadas que aderiram ao catolicismo afirmou que eram pentecostais ou não pertenciam a nenhuma outra religião. Os kardecistas, a maioria eram católicos (95,4%)³⁰. E quando as pessoas saem do Kardecismo, ou volta para o catolicismo ou vão para os “sem religião”. Os afro-brasileiros, a maioria veio do catolicismo, praticamente o mesmo comportamento dos kardecistas, todavia, diferentemente destes, quando eles não frequentam mais as religiões afro-brasileiras, tornam-se sem religião.

O segundo Vértice encontra-se os “sem religião”, os autores chamam de “receptor universal”. É um aglutinador de pessoas que não se identificam com uma única religião, porém, possuem diversas práticas e crença variadas. “A não filiação não significa

sem religião, dependendo do dia em que for entrevistado, mas, ao descobrir ser portador de uma grave doença, recorrerá à fé católica, aos santos milagreiros e a alguma devoção a Maria. Não conseguindo o seu objetivo, recorre à umbanda, que lhe promete a cura mediante oferenda de sacrifício para alguma entidade afro-brasileira. A cura, no entanto, não vem. Ele, então, assiste na televisão os testemunhos de milagres que ocorrem a quem for à Universal; e lá se fixa o fiel-doente. A partir de pesquisa na Igreja Universal, pode-se afirmar que até aqui essa trajetória é significativamente observável. Envolvido com o meio evangélico, esse sujeito pode seguir ainda dois caminhos. Primeiro, passar para outras igrejas históricas. A pesquisa Novo Nascimento pode levar a esta conclusão, uma vez que 25% dos evangélicos pertenceram a mais de uma denominação (Fernandes et alii, 1998). O único problema é que o fluxo ocorre preferencialmente das históricas para as pentecostais, e muito pouco no sentido inverso. Um outro caminho possível, mas que precisa de constatação empírica, é o fiel-doente aprender a doutrina da conversão e do Espírito Santo na Renovação Carismática e voltar à religião da sua tradição: o catolicismo. (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p. 95 e 100).

²⁹[...] Os muito pobres com pouquíssima escolaridade e os muitos ricos e da alta escolaridade mudaram muito menos de religião. Em resumo, a mudança ocorreu de forma mais concentrada no SulX, nas classes C e D, com escolaridade baixa e média e entre as mulheres, segmentos em que os pentecostais mas se proliferaram. (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p.97).

³⁰Uma das explicações desta porcentagem é a maioria dos kardecistas não deixam de identificar-se como cristão e católicos: “um Católico espírita” (ALMEIDA E MONTEIRO, 2013, p. 98).

necessariamente ausência de religiosidade”. (ALMEIDA E MONTEIRO,2011). Este vértice será estudo mais adiante, pois é nele que discute-se atualmente sobre o neopaganismo.

O terceiro Vértice é formado: pentecostais, segundo os autores, eles buscam outros fiéis em outras religiões como – católicos, afro-brasileiros e “sem-religião” (Católico-afro-kardecista).

Lísias Negrão (2008) leva em conta a “multiplicidade de crenças e participações, além da dinâmica dos percursos e trajetórias religiosas”. O autor propõe-se em pesquisar no que ele chama de “trajetórias religiosas individuais, duplicidades e multiplicidades religiosas”, isto é, entender os percursos cobertos por agentes religiosamente mutantes, entre pertencas e simbólicos diversos. Então, tenta entender a realidade religiosa brasileira a partir de uma “vivência religiosa múltipla ou ambivalente quanto a vinculação institucional ou à tradição religiosa.” O autor tece uma crítica no que tange os dados quantitativos do IBGE, visto que, há uma demonstração de uma “unicidade de crença e pertença como a única possibilidade de vivência religiosa”, parece que eles fazem parte apenas de uma vertente, aquela que eles declaram na hora do questionário, excluindo qualquer possibilidade de vinculação com outras instituições. Este erro é problemático, porque este sujeito não é visto através de uma duplicidade ou multiplicidade de crença, e também, da “dinâmica dos percursos e trajetórias religiosas”. Pode concluir que o autor, trafega pelo método qualitativo de pesquisa, dando preferência a subjetividade.

Ele acredita em uma religião “subjetivamente relevante”. Mas para certificar-se de suas hipóteses, ele fez uma entrevista em São Paulo, quase 500 núcleos familiares residentes em famílias, cortiços, cômodos e outros, com pessoas maiores de 16 anos. Qual foi a sua conclusão? Bem, de 1064 entrevistados, 399, ou 38%, mais de um terço dos religiosos, era mutantes e/ou não exclusivos. Quanto aos religiosos dúplices, para este artigo, interessa saber o dado de 8% de duplicidade entre religiões orientais e esoterismo. Mesmo com algumas peculiaridades da pesquisa, que não convém discutir neste artigo, o autor defende uma tendência geral: “a de não haver adesões rápidas nem definitivas a uma determinada membresia e ao simbólico a ela referido” (com exceção do protestantismo através do processo de conversão). Em relação aos indecisos ao kardecismo, esoterismo e as religiões orientais, antigas e novas o autor afirma:

Diante do múltiplo e do obscuro, procura-se muitas vezes o refúgio do que parece ser comum e evidente: no plano das crenças, Deus, no limite seres espirituais; no plano ético, a prática do bem, no limite a condenação da prática do mal; no plano funcional, o bem-estar, no limite a cura e a resolução de problemas existenciais. (NEGRÃO, 2013, p.126)

Este é um ponto importantíssimo nas ideias do autor, ele conclui, depois de suas pesquisas e reflexões que existe um “distanciamento dos religiosos da vivência eclesial e dos sacramentos, em direção a uma vivência religiosa individualizada e solitária” (com exceção dos protestantes). Este fato ocorreu por meio de um processo histórico e ele é predominantemente urbano³¹. Segundo o autor, “Os mutantes tendem a recusar uma membresia definida e se apegam a certas crenças e práticas que lhes pareçam adequadas a si e ao seu estilo de vida.”. Eles estabelecem critérios pessoais, selecionam suas religiões de acordo com seu senso de conveniência, “aquilo que lhes convém”, “o que tocar no coração”, “o que faz o indivíduo se sentir bem”, e além disso, se possível, compatível com a sua condição social e econômica e seu nível de escolaridade (instrução). Negrão (2008) defende que isto pode acontecer em qualquer pessoa:

Mas atinge com maior intensidade os adeptos de religiões orientais e esoterismos. São os budistas, os hinduístas, os adeptos de novas religiões japonesas (messiânicos, Seicho-noie, Perfect Liberty, entre outros) os que mais avançam na concepção de cenários religiosos individualizados, a partir da seleção de crenças e rituais de procedências diversas. (NEGRÃO, 2008, p.128).

É uma atitude religiosa participativa, o indivíduo que faz seu culto, ritual, sua forma bem particular de proceder com o sagrado. Segundo Negrão (2008), elas são apresentadas aos seus adeptos como ciências, ocultas ou não, “filosofias orientadoras da conduta individual que possibilitou o aparecimento tanto de duplicidades como da religião individualizada”. E um

³¹Vimos que em áreas urbanas – conforme revelaram nossos dados – 38% dos entrevistados, em sua grande maioria católicos, trocaram de religião ao menos uma vez em suas vidas. O que é certo é que os católicos mutantes que retornaram ao catolicismo não mais são, em sua grande maioria, exclusivos em sua pertença religiosa. Uns acreditam na reencarnação e leem livros espíritas, mesmo que não mais frequentam centros; outros retornam aos terreiros sempre que enfrentam problemas de qualquer natureza, à procura de soluções mágicas. Outros, ainda, compartilham seu catolicismo com esoterismos e orientalismos. Por fim, alguns poucos são também protestantes ou julgam tal religião melhor que a católica, pretendendo a ela retornar algum dia. Além disso, os que retornam o fazem sem maior fidelidade à ortodoxia, ou mesmo sem nenhuma vinculação ou compromisso institucional. Criticam aspectos da doutrina da igreja, vista como autoritária e dogmática, e os agentes eclesiais são considerados interesseiros que escondem certas verdades, maus pregadores e até mesmo lascivos. (NEGRÃO, 2013, p.127)

dos polos atrativos para estas religiões, não é a mídia, como muitos pensam, mas sim através da leitura, para aqueles que possui o maior nível de instrução e último ponto falado por Negrão (2008), é uma disponibilidade em aceitar convites de pessoas próximas para participar, ver, conhecer outras religiosidades. Esse “coração receptivo”, pode ser explicado pelo fato de este indivíduo considerar as religiões ou religiosidade igualmente boas e como esta ideia de mutante religioso, trânsito religioso proposto principalmente por Negrão (2008).

Jorge de Carvalho (1999), tenta compreender uma articulação rica da religiosidade brasileira contemporânea vendo-a do ponto de vista das religiões ditas “periféricas ou marginais”³² Segundo o autor, “é uma dimensão religiosa da cultura alternativa”, e procura estudar este fenômeno de religiosidade no plural, pois em Brasília, base de sua reflexão, encontra-se um conglomerado de fenômenos religiosos diversos, como Orion, as novas religiões japonesas, exemplo, Igreja Messiânica, Seicho-no-ei, Vale do Amanhacer e outros. Ele acredita que, existe “uma intensa mobilização por parte dos praticantes – atitude que costumo chamar de “querela dos espíritos” - na tentativa de mapear esses mundos de espíritos e entender como eles se articulam. (CARVALHO, 1999). A partir destas reflexões do autor, percebe-se que há um trânsito religioso no mundo material e espiritual, como ele diz, a todo momento, milhares de pessoas estão entrando em transe, tendo em contato com um mundo espiritual (este debate que o autor faz, exclui de cena o catolicismo, e enfatiza os novos movimentos religiosos, nova era e “religiões periféricas”). Logo, os participantes do AmaPagão se encaixam nesta interpretação, o trânsito religioso existe, e a circulação, diálogos e articulações entre os espíritos cultuados acontece todos os dias.

3.3 Discussões dos dados do IBGE E O “sem religião” e o AmaPagão

É muito importante analisar o comportamento religiosos brasileiro, a partir dos dados do IBGE, pois pode-se observar o crescimento ou decréscimo das identidades religiosas no Brasil, isto é, ponderar sobre a maneira que o sujeito religioso se relaciona com o sagrado, autodeclara parte de alguma religião e quais os espaços sagrados que ele transita. Não há como analisar estatisticamente o crescimento ou não do Paganismo no Brasil, pois não há

³²“As religiões chamadas geralmente de espíritas – as quais na verdade permeiam o espaço de interlocução especificamente religioso que identifica o país”. (CARVALHO, 2000).

dados sobre ele. Logo, por que é necessário falar dos “sem religião” nesta pesquisa? Porque, Cordovil e Castro (2015) afirma que não se pode obter dados estatísticos censitários sobre o número de adeptos do Neopaganismo. E uma das possibilidades de encontrá-los seria nos “sem religião”. Segundo eles, nenhum dos quesitos do censo se adéqua ao que é paganismo e o pagão poderia se enquadrar em múltiplas respostas. Logo, analisando os “sem religião”, pode-se entender, possivelmente, se os pagãos podem ou não estar encaixados nesta categoria e ainda compreender como eles se envolvem com o sagrado.

Ricardo Mariano tentou explicar quem seria as pessoas que formava os “sem religião”, segundo ele, este grupo é heterogêneo e composto por: “agnósticos, ateus e, sobretudo, por indivíduos que passaram a declarar não dispor de filiação religiosa, autoidentificação que, em sua maioria, não significa necessariamente descrença ou indiferentismo religioso”. (MARIANO, 2013, pg.120). Com base no Censo Demográfico de 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um aumento expressivo das pessoas que declaram “sem religião” (4,8% em 1991, para 7,4% em 2000, totalizando 12,3 milhões), (TEIXEIRA, 2010, p. 27). De acordo com ele, esta percentagem não significa que houve um aumento do ateísmo, porém é uma expressão “de um enfraquecimento das instituições tradicionais produtoras de sentido”. Conforme o autor, “os sem religião”, concentram-se nas periferias das regiões metropolitanas. Peirucci (2004) define estas pessoas como desvinculados de qualquer religião, desfilados de qualquer autoridade ou instituição religiosa instituída. Essas pessoas acreditam em Deus, logo não são ateias, mas não estão subordinadas a nenhum dogma ou religião.

Guerreiro (2004) acredita que os “sem religião” podem fazer parte dos Novos Movimentos Religiosos (NMR), “muitos dos que responderam sem religião ao IBGE, podem, em tese, ter alguma prática e algumas crenças”. A pessoa, na atualidade, preocupa-se com o corpo, bem-estar, e através de ioga, reike, meditação, massagens, pensamentos positivos, consegue, por motivação pessoal e autonomia, conquista estes objetivos. (GUERRIEIRO, 2004).

É muito importante utilizar NOVAES (2003), pois ela debruça-se em analisar os dados do censo do IBGE (2000), especificamente o aumento dos “sem religião”, ajudando na

compreensão do objeto desta pesquisa dentro campo religioso brasileiro a partir das estatísticas do IBGE³³.

Somente em 2010, a categoria censitária dos “sem religião”, apareceu, desvinculada de grupos como ateu, agnósticos e sem religião. Conforme a autora, pouco se sabe quem são os brasileiros que entram no século XXI e se declaram “sem religião. Havia uma pergunta única e aberta – “qual a sua religião”? – em 2000, o IBGE recebeu 35 mil respostas diferentes (NOVAES, 2003). Destaca-se entre as análises dos dados, os “sem religião”, principalmente jovens (9,3%) se destacam em relação ao conjunto da população (7,4%). Enfatiza, também, o crescimento exponencial de praticantes de religiões orientais, os budistas apareceram com (245 mil) a mais do que a religião judaica (101 mil). O aparecimento de novos grupos como os praticantes de religiões esotéricas (69,2 mil) e de tradições indígenas (10,7 mil).

Três anos depois do Censo, uma pesquisa realizado pelo Projeto Juventude/Instituto Cidadania afirma que 10% dos jovens fazem parte dos “sem religião”, sendo que 9% declaram que “acreditaram em Deus mas não tem religião” enquanto apenas 1% identificaram como ateus e agnósticos. Novaes (2004) pensa da mesma forma que Teixeira, e acredita que este quantitativo não revela a ausência de religião. De acordo com ela:

[...]em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como "sem religião" que poderiam também ser classificados como "religiosos sem religião", isto é, adeptos de formas não institucionais de espiritualidade que são normalmente classificadas como esotéricas, nova era, holísticas, de ecologia profunda etc. Mas, ao mesmo tempo, também é significativo o número de jovens que se predispõe a mudar de religião e que reafirma seu pertencimento às igrejas evangélicas, às novas religiões japonesas, ao Budismo e, também, a grupos católicos ligados à Teologia da Libertação ou à Renovação Carismática. (NOVAES, 2004, p. 323).

Os jovens “religiosos sem religião” são muito presentes nas reuniões do AmaPagão. Apesar do grupo abrir espaço para qualquer faixa etária, é predominante a circulação de jovens no grupo. NOVAES (2004), afirma que vive-se em um contexto para “além das identidades institucionais”, a qual para os jovens, atualmente, se oferecem igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Além disso, surge a oportunidade de combinar elementos de

³³ AS TRÊS PRINCIPAIS mudanças que caracterizam o campo religioso brasileiro hoje são, a saber: a diminuição percentual de católicos (de 83,76% em 1991 para 73,77% em 2000), o crescimento dos evangélicos (de 9,05% em 1991 para 15,45% em 2000) e o aumento dos "sem religião" (de 4,8% em 1991 para 7,4 % em 2000). Sobre os dois primeiros aspectos muito se tem escrito, sobre o terceiro bem menos. (NOVAES, 2013, p.321)

diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível” (grifo meu) e assim abra-se novas possibilidades sincréticas. Autora problematiza o Censo de 2000 a partir de uma leitura de Bourdieu, entendendo que a “estatística é apenas uma das formas de representar a vida social” e apropriando-se do termo “interpretação sociológica” para identifica relações, rupturas e informações que estão além dos gráficos, tabelas e números. “A explicação sociológica deve funcionar como “costura” produtora de inteligibilidade” (BOURDIEU, 1963). A partir disto, autora estabelece uma nova configuração, esta “costura”, exige, pelo menos, três cuidados. O primeiro diz respeito aos sentidos das palavras “ateu”, “agnóstico” e da expressão “não religião”. Ela assegura que “as autoclassificações dos jovens de hoje têm de ser pensadas em suas inter-relações no interior do campo religioso em transformação”. O segundo cuidado diz respeito aos “trânsitos já feitos e aos momentos de passagens entre religiões”. A referida autora questiona a forma como as questões foram elaboradas pelo Censo Demográfico e Perfil da Juventude Brasileira. Para compreender o contexto religioso, foi elaborado apenas uma pergunta sobre religião. Isso foi suficiente? NOVAES (2004), realizou uma pesquisa em 2001, com o nome de Jovens do Rio, na cidade do Rio de Janeiro, realizando várias perguntas sobre religião que permitiram identificar um contraditório tripé que se faz presente nesta geração, a saber, “a) forte disposição para mudança de religião; b) ênfase na escolha individual gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal do pertencimento institucional; c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais”. (NOVAES, 2004).

A autora assegura que “os sem religião” poderiam, portanto, expressar a terceira possibilidade. Essa disposição de mudar de religião cria vários momentos de interregno entre pertencimentos institucionais, isto é, momentos de busca entre os vários desenraizamentos que caracterizam o “espírito de época”. O terceiro cuidado diz respeito a necessidade de bem caracterizar as mudanças ocorridas na sociedade brasileira que tornam recorrente o pluralismo religioso intrafamiliar³⁴.

³⁴Em outras palavras, se é evidente que o histórico catolicismo brasileiro perde com a diminuição da transferência intergeracional da religião, também não há garantia do total “transferência intergeracional” do ateísmo ou do agnosticismo. Na pesquisa Jovens do Rio, 50% dos entrevistados que declararam ter pais ateus ou agnósticos declararam ter eles próprios uma religião. A mesma pesquisa revelou ainda que frente à diminuição da influência da família na escolha religião, outras influências se revelam: para os entrevistados na pesquisa Jovens do Rio, a influência da família na escolha da religião pesou apenas para cerca de 50% dos entrevistados, para o restante, a escolha da religião passava por outras justificativas, tais como, “motivos pessoais”, “influência de amigos” e “influência de agentes religiosos”... Em resumo, partilhando um certo

A pesquisa da Novaes (2004) é parecida com as percepções e conclusões de Hervieu-Léger (2008) ao estudar o campo religioso Francês. A autora observa que “continuidade” não significa “imutabilidade”.

Em toda as sociedades, a continuidade é sempre e na pela mudança. E essa mudança coloca inevitavelmente as novas gerações em oposição às antigas.”... não há, nesse sentido, transmissão sem que haja, ao mesmo tempo, uma crise de transmissão. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.57)

E na sociedade ocidental, essa “crise de transmissão mudou profundamente de natureza” (HERVIEU-LÉGER, 2008). Eis a grande questão apontada pela autora. “Os filhos de pais praticantes são também praticantes?” Os filhos de pais não praticantes continuam com alguma crença?” Mesmo com os esforços da família e das instituições religiosas para dar continuidade a religião herdada, encontra-se nos jovens, um desinteresse,

“Uma dúvida manifestada pela geração adulta quanto aos fundamentos da transmissão da religião em um universo cultural em que as opções religiosas e espirituais são vistas cada vez mais como escolhas privadas, que dizem respeito ao indivíduo e somente ele”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.60).

Na França, Hervieu-Léger (2008) observou que “a crença pessoal, vivida como afazer de cada um, não é necessariamente associada à fervorosa obrigação de transmitir”. Os pais dão liberdade aos filhos para escolher suas religiões, e não criam uma obrigação em transmitir, eles mesmos, uma fé religiosa. Conseqüentemente, os jovens se sentem mais à vontade em escolher a sua religião, se querem realmente escolher, “em função da afinidade que sentem pessoalmente com essa ou aquela tradição e os benefícios pessoais esperados por ela”. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.60).

Essas percepções feitas pela autora francesa, no seu país de origem, e a pesquisa realizada pela Novaes (2004), dialogam entre si, mesmo em tempos diferentes. Existe uma juventude que escolhe seu futuro, decide se quer uma religião ou não, independente de influências familiares. Mas isto é fruto de uma

espírito de época, os jovens desta geração estão sendo chamados a fazer suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo. Os "sem religião" podem ser pensados como expressões locais de um global "espírito da época" no qual se expande o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal. (NOVAES, 2004).

“Essa questão de uma religião à escolha, que pressupõe a experiência pessoal e a autenticidade de um percurso de conhecimento, ao invés da cuidadosa conformação às verdades religiosas asseguradas por uma instituição, é coerente com o advento de uma modernidade psicológica que exige, de certa maneira, que o homem pense a si mesmo com individualidade e trabalhe para conquistar sua identidade pessoal, além de toda identidade herdada e prescrita” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.60-61).

Conforme Hervieu-Léger (2008), “as sociedades modernas são cada vez menos sociedades de memória”. Na verdade, ela é governada, “pelo paradigma da imediatez”, pois chegaram a fazer uma ruptura com a “memória obrigatória da tradição que se tornaram sociedades de mudança, erigindo a inovação como regra de conduta”.

Para entender sobre este indivíduo moderno, Giddens (2002, p.136) explica que:

A vida surge como um segmento separado do tempo, distanciado do ciclo da vida das gerações... A ideia do "ciclo da vida", de fato, não tem muito sentido uma vez que as conexões entre a vida individual e o intercâmbio das gerações foram rompidas.

As fases da vida passam por crises de identidade e a vida passar ser estruturada em torno de “limiars abertos de experiência”, o indivíduo moderno, não depende de “preceitos morais extrínsecos”, porém, ele vive em função “da organização reflexiva do eu”.

3.4. O AmaPagão e o espaço religioso em Macapá.

Sabe-se que, dentro do AmaPagão existe algumas pessoas pertencente a uma determinada religião: Wicca, Asatru, Umbanda, Catolicismo... Então, pode-se analisar a relação do indivíduo religioso com o espaço urbano. O lugar influencia no comportamento religioso? A pessoa religiosa na cidade tem alguns comportamentos diferentes do campo? Conforme, Magnani (2009, p.20)

A cidade, por sua vez, apresenta um ambiente onde as práticas religiosas encontram condições especiais de desenvolvimento e manifestação (...) A cidade constitui um caso especial. Diferentemente das demais modalidades de assentamento humano – o acampamento e aldeia (...) o núcleo urbano, desde as mais remotas realizações propicia padrões de relacionamento e

sociabilidades entre seus moradores que diferem daqueles encontrados nas primeiras aldeias de agricultores[...].

O autor Ronaldo de Almeida (2009, p.30-31), afirma que:

A cidade não deve ser tratado apenas como pano de fundo, uma paisagem, mas como uma variável independente que inflecte sobre as próprias religiões, mais especificamente suas práticas e rotinas. Isso implica tratar religião e cidade como variáveis interdependentes, mais do que uma subordinada analiticamente à outra.

Na cidade, surge um elemento diferenciador que rompe com a lógica que havia nas aldeias ou no tempo do Neolítico, foi o rompimento da relação que havia entre religião e parentesco. Aparece o estranho, o estrangeiro que possui hábitos diferentes e tem deuses, altares e ritos, com uma forma peculiar de venerá-los. Além disso, o caráter cosmopolita³⁵ da cidade e sua capacidade de aceitar e conviver com o diferente são dois elementos importantes para a caracterização do campo religioso no espaço urbano. (ALMEIDA, 2009).

Por existir estas características, configura-se uma disposição para a coexistência do pluralismo religioso na cidade³⁶. Ocorreu dois fenômenos: a diversificação do número de possibilidades, escolhas, opções e o trânsito de pessoas entre diferentes religiões, ou seja, a falta de fidelidade institucional. Segundo Ronaldo de Almeida, estes “dois fenômenos estão articulados entre em um mesmo macroprocesso de transformação da religião no Brasil Contemporâneo”. Conforme o autor, isto acontece de forma mais acentuada nos grandes centros, onde “a quantidade de pessoas associada a um alto grau de diferenciação interna forma o espaço social no qual a proliferação das religiões é um dos aspectos do dinamismo urbano”.

Entende-se que há uma relação entre a dinâmica espacial com a dinâmica religiosa e as duas variáveis devem ser vistas através de uma interdependência; os “lugares de culto” se inserem na paisagem urbana e ajudam na transformação e remodelação do espaço urbano de acordo com o padrão socioeconômico, cultural e territorial. (ALMEIDA, 2009). A cidade se

³⁵ Segundo Magnani (2009), ocorre em alguns núcleos urbanos que, para além das fronteiras domésticas, constituem entroncamentos de rotas por onde circulam pessoas, ideias, inovações e artefatos das mais variadas e longínquas procedências, é uma espécie de *ethos* particular, um outro termo utilizado pra isso é globalização.

³⁶ “É crescente a diversificação das práticas religiosas – a multiplicação das instituições – ao mesmo tempo que há menor fidelidade a elas” (ALMEIDA, 2009).

expande, a paisagem da mesma se transforma, e há uma crescente heterogeneização de sua população, como consequência ocorre variadas formas de sociabilidade e com o aparecimento de elementos visuais, apontados como signos da modernidade, prédios, condomínios, shoppings e ao mesmo tempo ocupação desordenada no território urbano (SWATOWISKI, 2009). A pluralização e a diversificação religiosa, tem relação com uma população local heterogênea e à diversidade cultural, originado, dentre outras, de uma migração. (ALMEIDA, 2009).

Observa-se que, em Macapá, no espaço urbano, apresenta uma grande quantidade de instituições religiosas de variadas denominações, além disso, existem templos, terreiros, casas espirituais e lugares onde pessoas se encontram e tem uma experiência específica com o sagrado. Na cidade, o pluralismo religioso é mais acentuado e presencia um fluxo de identidades por diversos espaços sagrados. “Outra característica das religiões na metrópole é as passagens, as trocas (...) em vez da conversão definitiva, o trânsito; em vez da filiação exclusivista, duplos ou mais pertencimentos, simultâneos e sucessivos” (MAGNANI, 2009, p.25). Assim, é neste ambiente que o AmaPagão está inserido, e as pessoas que circulam pelo grupo, participam e recebem produtos e principalmente serviços espirituais de outras instituições religiosas. O que está sendo discutido nesta pesquisa agora é a presença de múltiplas identidades dos frequentadores do grupo, decorrentes da modernidade tardia e de um espaço urbano plural e heterogêneo. Não há uma obrigação de “fidelidade”, uma vinculação permanente ao grupo AmaPagão, não exige uma carteirinha de membro ou um ritual de conversão permanente. Há uma liberdade de locomoção, circulação dentro e fora do grupo. É bom deixar bem claro que este “duplo ou mais pertencimentos” não é absoluto. Existe uma ressalva para este “nomadismo”, exemplos como religião judaica, aquelas que possuem caráter iniciático como a maçonaria, wicca, fraternidades, Santo Daime e outros rituais fechados de uma loja maçônica, exige uma “dedicação a mais” para poder conhecer e desfrutar do “sagrado” (MAGNANI, 2009).

2.4.1. Pesquisa sobre as Religiões da Nova Era em Macapá

Consta a seguir um mapeamento das Religiões da Nova Era em Macapá, especificamente dentro do espaço urbano.

Tabela 2: Mapeamento das religiões da Nova Era

MAPEAMENTO DA RELIGIÕES DA NOVA ERA EM MACAPÁ	
Nome da Instituição	Local de Encontro
Nova Acrópole	Sede
Racionalismo Cristão	Sede
GnosisBrasil	Sede
Ordem Rosacruz (AMORC)	Sede
Igreja Messiânica	Sede
Seicho-no-ei	Sede
Soka Gakai Internacional	Sede
Fe Baha’i	Residências dos Adeptos
Vertentes da Ayahuasca (Escola Celestial da Corte)	Residência do Líder/ Presidente
Igreja da Unificação (mais conhecida como Monismo)	Residência do Líder/Presidente
AmaPagão	Locais abertos ao público, principalmente praças públicas.

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor desta pesquisa

A partir desta tabela, entende que os novos movimentos religiosos (NMR) estão presente e crescendo em Macapá a cada ano. Eles formam um pequeno oásis espalhado no tecido urbano (MAGNANI, 2009) e “mesmo que demograficamente inferiores, elas, em boa medida, coexistem graças à dinâmica do meio urbano” (ALMEIDA, 2009). Alguns tem sede própria, outras, não, mas fazem seus encontros em um estabelecimento alugado; as residências dos líderes são uma alternativa para a prática dos rituais e os encontros semanais ou mensais. Observe que o AmaPagão diferencia dos demais, pois não tem sede, templo e nem se organiza na casa dos “líderes”. Os seus “lugares de culto” são feitos em praças, estabelecimentos particulares, escolas. Não existe uma “sede”, um prédio específico para a realização de encontros, rituais e oficinas; quando ocorre uma oficina, geralmente acontece em um lugar fechado, como por exemplo, a sala da biblioteca pública; e se houve um ritual privado, ocorre em um estabelecimento particular como por exemplo, o ritual xamânico, foi na sala do cursinho Ofirney. Esta lógica de organização e articulação tem um envolvimento com dois fatores, segundo (ALMEIDA, 2009): “a lógica interna dos segmentos religiosos e às próprias transformações do contexto urbano”.

Eles estão competindo com os outros símbolos, templos, igrejas, capelas, oratórios, terreiros, com suas crenças, rituais, encontros, devoções, cultos, sacrifícios, festividades, tudo dentro da cidade, certificando que há pluralidade das origens religiosas de seus moradores. Logo, existe uma pluralidade religiosa institucional e de prática social decorrentes do contexto contemporâneo. A relação entre “religiões e cidades, ou mais especificamente pluralismo e territorialidade, são universos analiticamente correlatos”. (ALMEIDA, 2009). Entrementes, presencia-se um sincretismo religioso dentro deste campo, isto é, um padrão constitutivo de trocas e influências mútuas entre sistemas religiosos de uma forma geral (MAGNANI, 2009).

A característica importante desse grupo é promover um “encontro informal” a fim de fugir de toda e qualquer forma de institucionalização e promover uma sociabilidade entre praticantes solitários, criar novos vínculos de amizade. A criação desse grupo era justamente para encontrar pessoas que tinham ideias parecidas e pudesse haver um compartilhamento de ideias e materiais entre eles.

O principal motivo que leva estes indivíduos a reunirem-se na pós-modernidade é justamente o que Maffesoli (1987) discute quando fala das novas formas de sociabilidade, chama de tribalismos, novos grupos religiosos, esportivos e outros. Neotribalismo ou

tribalismo pós-moderno é uma “comunidade emocional” ou “nebulosa afetiva”. Essas novas tribos são caracterizadas pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão (MAFFESOLI, 1987). Trata-se apenas de redes de amizade pontuais que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. Esta nova forma de sociabilidade tem como base uma “cultura emocional”, isto é, “caracterizam pela pulsão de estar junto, que se reúnem de acordo com suas afinidades e seus interesses. (MAFFESOLI, 1987). Pode-se encontrar esta característica no AmaPagão, observado, inclusive, em uma entrevista.

Segundo a entrevistada “Andressa”

Quando a gente se reúne numa praça, sempre a gente se reúne num lugar aberto, a gente está ali para trocar conhecimento, tem alguns que são mais experientes, outra que são novatos, outros são curiosos, mas todos ali estão para trocar conhecimentos, é muito, o encontro tem um tema específico, tu já tem um norte, tem uma direção daquela conversa, mas se você quiser conversar sobre outra coisa também naquele você pode também, não tem problema nenhum. É livre para trocar informações e agregar conhecimento, qualquer que seja.

Todos os outros entrevistados se expressaram de forma diferente, mas, nas entrelinhas do diálogo, percebe-se que todos entendem o grupo, a partir desta perspectiva, um espaço aberto para debate, troca de informações, estabelecer contato com pessoas que possuem os mesmos interesses e afinidades.

Os espaços que são utilizados para os encontros são diversos: Escola, estabelecimento privado, biblioteca, praças públicas como (Veiga Cabral, Floriano Peixoto), atrás da Fortaleza de São José de Macapá e eventos como Beltane e Samhaim que ocorreu em chácaras e com duração de 1 a 2 dias. Estes lugares são passíveis de sacralização. Tudo pode ser tornado sagrado, encantado.

Guerreiro e Lopes (2010), tentam compreender a relação que os druidas modernos têm com o lugar em que se realiza os encontros pagãos³⁷, e ajuda na compreensão que os

³⁷O lugar do contato... depende muito do adepto... os espaços para o druida moderno são multiescalares, inúmeros e profusos... essa multiplicidade espacial reflete os não-lugares de Augé (1994), quando na antípoda do lugar antropológico preconizado por Mauss (1974), os novos druidas buscam retratar seus rituais e sua identidade não em lugares específicos, mas utilizam-se de todo e qualquer lugar para a consagração de seus ritos... Mesmo que alguns druidas modernos repitam seu lugar de culto eles conservam o direito de variação...é nesse sentido que uma rodoviária, um parque, um caixa eletrônico, uma estação de metrô... entre outros lugares

participantes do AmaPagão tem com espaço urbano da capital. Todo e qualquer lugar pode ser utilizado pelos participantes do AmaPagão, as suas identidades não tem lugar específico para ser realizado, praticado, exercido. Um espaço na cidade, que, para muitos pode ser considerado profano ou sem sentido, para o pagão, pode transmutar-se em sagrado, uma paisagem urbana pode tornar-se uma oportunidade para manifestações hierofânicas para deuses locais ou “estrangeiros”. Então a formação da identidade transforma-se na relação que o pagão tem com seu espaço.

3.5. Discussão sobre Identidade e possíveis interpretações sobre o AmaPagão

Alguns autores serão usados para o debate sobre identidade, ao mesmo tempo que os pensamentos deles ajudam a entender o que a modernidade fez com a formação do indivíduo. Conforme Giddens (1999), "a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser solucionadas". O autor entende que tomar atitudes, agir em mundo de escolhas plurais e diversas e além disso, envolver-se com ele, é optar por alternativas, “tendo em vista que os sinais estabelecidos pela tradição estão agora em branco”.

Para entender a formação de identidade a partir de Giddens (1999), o ponto de partida é compreender o contexto da modernidade, e na visão dele, “os ambientes da vida social moderna são muitos mais diversos e segmentados”. E esta segmentação gera uma “diferenciação entre o domínio público e privado – mas cada um deles também está sujeito internamente a pluralização”.

podem manifestar uma hierofania...os não-lugares conceituados por Augé (1994) fazem parte de um lugar maior impregnado de sabedoria ancestral e de agentes sobrenaturais. Num não-lugar é possível invocar os espíritos locais em sinal de ajuda ou de agradecimento, porque todos os não-lugares estão inseridos no planeta. Na mesma proporção em que o mundo está repleto de não-lugares, o mundo em si para eles pode ser um único não-lugar. Isto porque, para muitos, praticar o Druidismo Moderno é ter a certeza de estarem de volta para casa, sonho uníssono dos transitantes dos não-lugares...O espaço profano transmuta-se em sagrado, para o praticante, quando ele pode em uma praça pública ou, em diferentes logradouros, depositar pedrinhas, ou outros objetos coletados a revelia, e transformar com esse ato a paisagem numa manifestação hierofânica para deuses locais ou de territórios místico-esotéricos. Essa mobilidade permite sacralizar, até mesmo o ambiente de trabalho. (GUERRIERIO E LOPES, 2010, p.19 e 21).

A criação de uma vida internamente referida foi influenciada decisivamente por uma série de mudanças sociais concorrentes. Cada uma delas atua para separar a vida como uma trajetória distintiva e fechada de outros eventos das seguintes maneiras:

A vida surge como um segmento separado do tempo, distanciado do ciclo da vida das gerações...A ideia do "ciclo da vida", de fato, não tem muito sentido uma vez que as conexões entre a vida individual e o intercâmbio das gerações foram rompidas. (GIDDENS, 1999, p.136).

A vida passa a ser estruturada em torno de limiares aberta da experiência. Esta vida vai ficando mais livre e distanciando-se mais ainda das externalidades associadas com os laços preestabelecidos com outros indivíduos e grupos. "O indivíduo não vive mais em função de preceitos morais extrínsecos mas através da organização reflexiva do eu". O que existe na modernidade para o sociólogo é a "auto identidade"³⁸.

Diante disto, pode-se entender que os frequentadores do AmaPagão passa por esta "auto-identidade", pois, as práticas realizadas no grupo e a interação praticada pelo grupo de whatsapp, facebook, por meio de trocas de informações e experiências, torna a vida deste indivíduo reflexiva (autoconsciente). O "auto identidade" é o

Eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia...é uma continuidade reflexiva interpretada pelo agente [...] A questão existencial da auto identidade está mesclada com a natureza frágil da biografia que o indivíduo 'fornece' de si mesmo. A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem - por mais importante que seja - nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa particular. A biografia do indivíduo, para que ele mantenha uma interação regular com os outros no cotidiano, não pode ser inteiramente fictícia. Deve integrar continuamente eventos que ocorrem no mundo exterior, e classificá-los na 'estória' em andamento sobre o eu. (GIDDENS, 1999, p.55).

A participação no AmaPagão e a oportunidade de conhecer pessoas que compartilham do mesmo sentimento, "mantém em andamento uma narrativa particular". De forma direta ou

³⁸A 'identidade' do eu, ao contrário do eu como fenômeno genérico, pressupõe uma consciência relativa. É aquilo 'de que' o indivíduo está consciente no termo 'autoconsciência'. A auto identidade, em outras palavras, não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo. (GIDDENS, 1999, p.54).

indireta, o grupo colabora para que a pessoa que transita por este espaço, procurando um serviço, vivência ou terapia, possa estar construindo e consolidando paulatinamente a sua identidade, Giddens (1999) reitera que, "o eu é visto como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos."

Bauman (2001) não acredita em uma identidade "sólida", não modificável, visto que vive-se em uma sociedade que "tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais", portanto "líquidas". O sociólogo polonês acredita que o "pertencimento" e a "identidade", não são para a vida toda, são "negociáveis e revogáveis". Além disso, "ter uma identidade" não acontecerá enquanto existir o "pertencimento" como destino, uma condição sem alternativa, segundo ele. Só acontecerá, quando ocorrer a realização contínua de uma determinada tarefa. A identidade para Bauman (2001) é revelado como algo a ser inventado, e não descoberto; como algo de um "esforço, objetivo"; "como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais". Essa invenção que tanto fala o autor seria o "segredo revelado": a identidade é frágil e provisória. Segundo o autor, o surgimento da identidade como um problema e tarefa, se dá em um contexto de "lenta desintegração e redução do poder aglutinador das vizinhanças, complementadas pela revolução dos transportes". Segundo Bauman (2001, p.25):

[...] Perguntar "quem você é" só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo: só se você tem uma outra escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja "real" e se sustente.

O sociólogo enfatiza que, buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Segundo o autor: "As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-la em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas". (BAUMAN, 2001, p. 35).

Os frequentadores do AmaPagão têm uma "identidade em movimento" e encontram no AmaPagão, um lugar para conhecer pessoas de identidades similares, compartilhando pelo menos por um momento, interesses e afinidades. Eles criam as suas próprias identidades,

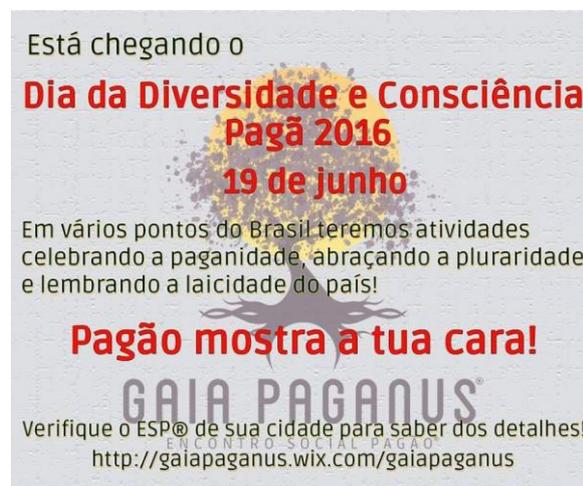
especificamente a pagã, por meio de recursos e ferramentas, como roupas, acessórios, produtos esotéricos, livros e outros.

Conforme Bauman (2001, p.83)

a identidade é uma ideia ambígua, uma faca de dois gumes. Por um lado, a identidade é utilizada contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças. No outro momento, é um grupo que se volta contra um grupo maior, acusando-o de querer devorá-lo ou destruí-lo, força-lo ou induzi-lo a se render ao seu próprio ‘ego coletivo’, perder prestígio, dissolver-se... Em ambos os casos, porém, a ‘identidade’ parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos.

Os eventos internacionais, nacionais e locais feitos simultaneamente como o “Dia Mundial da Deusa”, o “Dia do Orgulho pagão” (será descrita no capítulo III) são demonstrações de “grito de guerra usado numa luta defensiva”, principalmente na frase do panfleto do Dia do Orgulho Pagão: “Pagão, mostra a tua cara”!.

Figura 1: Dia da Diversidade e Consciência Pagã 2016



Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1725843027665386/?type=3&theater> acesso em 19/11/16.

Um grupo menor e mais fraco como o movimento pagão ao realizar estes eventos e promover ações sociais reivindicam, também, publicamente o reconhecimento de sua identidade social e individual perante a sociedade. Bauman (2001) acredita que identidade é

autoafirmação, auto definição, porém estas fronteiras ainda estão em processo de construções, devido o contexto ser líquido e instável. Conforme ele, a liberdade de alterar qualquer aspecto e aparência da identidade individual é algo que a maioria das pessoas, hoje, considera prontamente acessível, ou pelo menos vê como uma perspectiva realista para o futuro próximo. Observou-se que o critério principal para afirmar a identidade pagã nas entrevistas foi de autoafirmação, reconhecer-se de forma verbal e consciente parte de um significativo grupo social. Reconhecer-se pagão no espaço público e externalizar isto por meio de encontros e atividades ao ar livre é assumir uma identidade social a fim de se diferenciar de outras identidades religiosas e marcar suas fronteiras de simbolismos sagrados.

Bauman (2001) afirma que, selecionar os meios necessários para conseguir uma identidade alternativa de sua escolha não é mais um problema (isto é, se você tem dinheiro suficiente para adquirir a parafenália obrigatória. Está à sua espera nas lojas, um traje que vai transformá-lo imediatamente no personagem que você quer ser, quer ser visto sendo e quer ser reconhecido como tal.

Se no passado a “arte da vida” consistia principalmente em encontrar os meios adequados para atingir determinados fins, agora se trata de testar, um após o outro, todos os fins que se possa atingir com a ajuda dos meios que já se possui ou que estão ao seu alcance. A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você escolha. Muitas outras identidades ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. (BAUMAN, 2001, p. 91)

A experiência em diversos panteões é uma característica na maioria dos participantes do paganismo. A maioria fica testando qual divindade pagã melhor se encaixa, se é a egípcia, celta, wicca, asatru e outros. A pessoa torna-se pagão, à medida que conhece, estuda e se propõe a praticar por meio de rituais, formar seus altares e participar de encontros e por meio de uma boa quantia de dinheiro montar sua “parafenália mágica” (pedras, roupas, produtos esotéricos”. O pagão assume e inventa identidades a todo momento, a partir de experiências infinitas. Grande parte dos pagãos, não se contentam em cultivar uma quantidade limite de divindades, a busca e a procura por novas experimentações e vivências com o sagrado nunca cessa.

Quanto a atores sociais, Castells (1999, p.22) conceitua identidade como

o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social.

Os participantes no AmaPagão assumem essas identidades múltiplas, em meio a um leque de opções de divindades para cultuar, ele pode, inclusive, escolher todas elas. O autor procura diferenciar identidade³⁹ e papel (s) social⁴⁰ (is) ou conjunto de papéis. Ele entende que é necessário fazer esta distinção.

Caslells (1999) alerta que “identidade são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem.” Então pode-se afirmar que ser pagão ou neopagão não é possuir um papel social dentro do AmaPagão, mas assumir uma identidade. Existe um processo de autoconstrução e individuação que está sendo desenvolvida a medida que este indivíduo ler livros, assisti documentários, filmes e participa de reuniões, rituais e encontros dentro do AmaPagão.

Este autor afirma que identidades organizam significados, enquanto que papéis organizam funções. O que seria significado para o autor? É uma identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. Para a maioria dos autores sociais na sociedade em rede, o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (identidade que estrutura as demais) autossustentável ao longo de tempo e do espaço. Na visão do autor, o individualismo (distinto da identidade individual), pode ser considerado como forma de “identidade coletiva”. (CASTELLS, 1999). Manuel Castells (1999) concorda que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída.

A hipótese que o autor toma para si é que,

³⁹Constituem fontes de significados para os próprios autores, por eles originados, e construídos por meio de um processo de individualização... as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização... algumas auto definições podem também coincidir com papéis sociais, por exemplo, no momento em que ser pai é a mais importante auto definição do ponto de vista do autor. (CASTELLS, 1999, p.23)

⁴⁰São definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. (CASTELLS, 1999,p.23)

quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem [...]A construção social da identidade ocorre sempre em um contexto marcado por relações de poder. . (CASTELLS, 1999, p. 23-24).

Este autor, enfatiza seu debate mais na identidade coletiva do que a individual. Mas por que utilizá-lo nesta pesquisa? Primeiro, ele ajuda a entender a identidade do participante do AmaPagão, pois sabe-se que, por meio dos conceitos criado por este intelectual, ser pagão em terras tucujus não é assumir um papel, mas, uma identidade. Existe um conjunto de significados que norteiam a conduta religiosa do pagão, como já foi falado. O dia do ano é sagrado, a natureza é sagrada, a atitude do indivíduo em relação a ela e sobre a si mesmo, tudo é levado em consideração. Castells (1999) ajuda a compreender que, pelo fato do pagão se encontrar em condições desvalorizadas ou estigmatizadas como já foi trabalho neste trabalho, ele firma uma identidade a qual serve como “escudo de proteção”, uma identidade de resistência, capaz de prepará-lo para se defender de qualquer tentativa de dominação na relação de poder, por meio de discursos e gestos. Constrói-se uma “identidade defensiva”, pois, pelas observações feitas, o pagão não procura “atacar” a religião do outro, não procurar converter ninguém, ele não se interessa em entrar em um mercado religioso, em uma competição religiosa. Ele defende-se de instituições e ideologias dominante, criando um perfil defensivo e com disposição, inclusive ao diálogo aberto e sem atritos.

Stuart Hall (2001) tem o objetivo de explorar algumas das questões sobre identidade cultural na moderna tardia e avaliar se existe uma “crise de identidade”. Ele parte do pressuposto que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. O autor afirma que um tipo diferente (e ele procura saber qual) de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Antes, havia uma “paisagem cultural de classe, gênero, sexualidade, etnia...”, sólida, depois de acontecimentos do final do século XX, estas paisagens passam por um processo de transformação. Ocorre também uma mudança nas identidades pessoais, isto é, uma perda de um “sentido de si”, também chamada de “deslocamento” ou descentração do sujeito. Este processo ocorre tanto “de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo”, para o autor, constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Então a “crise de identidade”, segundo Stuart Hall (2005), constitui um processo de duplo deslocamento: “A descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. Ele ainda de outra forma, identidades “abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas”. (HALL, 2005). O referido autor, não acredita em um “eu” coerente, o que existe são identidades contraditórias, movimento para direções diversas, sendo que esta identificação está sendo continuamente descolada. Para o autor, não existe uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente”, tudo isso é mera fantasia.

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p.13)

Hall (2005) reitera, o que ocorreu, não foi simplesmente uma desagregação, mas um deslocamento do sujeito. E ele elenca 5 fatores que levaram a isso: a) a descentração referente às tradições do pensamento marxista; b) a descoberta do inconsciente por Freud⁴¹; c) trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure e Derrida; d) Outro descentramento da identidade está no Michel Foucault; e por fim, tem-se a afirmação do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social. O sociólogo atribui a responsabilidade da “globalização” em deslocar as identidades culturais nacionais no fim do século XX. Na visão do autor, o impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre os quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2005, p.75).

⁴¹Com base nas reflexões de Freud e Lacan, Hall afirma que a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. (HALL, 2008, p.38-39).

Hall (2005) chama de “difusão do consumismo” tanto como realidade como sonho. Ele chama este fenômeno também de “supermercado cultural”. Ele entende este a globalização tendo como base as reflexões de Kevin Robin. Ele propõe-se em analisar a tensão que existe entre “global” e o “local” na transformação das identidades. Este afirma que “ao lado da tendência em direção a homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade”.(ROBINS apud HALL, 2005, p.77). Ao mesmo tempo em que existe um impacto do “global”, há um novo interesse pelo “local”. Ele afirma que a globalização explora a diferenciação local. Para o autor, rejeita-se aquela ideia de que o global substitui o local, e entende-se que existe uma nova forma de pensar a articulação entre o “global” e “o local”. Este não deve ser confundido com identidades velhas, isto é, “enraizadas em localidades bem definidas”. Porém, deve-se entender que ele atua no interior da lógica da globalização. Ele não concorda que a globalização irá destruir com as identidades nacionais. E o que vai ocorrer? Qual seria as consequências para este fenômeno? Segundo ele, a globalização vai produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

Hall (2005) avança no debate sobre homogeneização global das identidades e ao utilizar Doreen Massey⁴², entende que a globalização é bastante “desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e diferentes estratos da população dentro das regiões”. Logo, o autor compreende que “a direção do fluxo é desequilibrada e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre “Ocidente” e o “Resto”. Reafirmando estas ideias, Hall (2005) dialoga diretamente com Kevin Robins (1991). Este afirma que “o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização – a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais...A globalização à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso A proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no “centro” do sistema global que nas suas periferias os padrões de troca cultural desigual continuam a existir na modernidade tardia... as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca... A globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual. (Hall, 2005)

⁴²A autora chama isso de “geometria do poder” da globalização.

Enfim, para finalizar a discussão sobre identidade, dialoga-se com Goffman (1988)⁴³ e Dubar (2006)⁴⁴. Aquele autor estabelece a diferença entre identidade social virtual e identidade social real. Aquele, consiste, quando um indivíduo diz como o outro deveria ser, a partir de uma expectativa normativa, exigências pré-existente. A última identidade é a categoria e os atributos que o indivíduo, na realidade, prova possuir. O que estou procurando neste trabalho é esta última forma de identificação, o foco é encontrar as categorias e atributos que ele (pagão) prova possuir. Bauman (2001) cita Max Frisch definindo identidade como a rejeição daquilo que os outros desejam que você seja. O pagão não aceita a sua identidade herdada, ou não permanece só com ela, ele inventa, cria a sua própria identidade.

Para compreender crise de identidade formulada por Dubar (2006), é necessário entender que este autor afirma que existem duas formas identitárias, ou forma social de identificação dos indivíduos na relação com os outros e ao longo duma vida: Comunidades e Societárias⁴⁵. Para este trabalho, interessa-se entender a identidade pagã a partir da categoria Societária, pois nesta, cada indivíduo possui múltiplas pertenças e transitam em grupos múltiplos, variáveis e efêmeros, não tendo a obrigatoriedade de permanecer neles, mas caracteriza-se como uma atitude transitória, provisória.

Segundo a natureza das categorias utilizadas, as identificações de tipo societário podem produzir identidades para o Outro, como identidades para Si. É a crença na identidade pessoal que condiciona as formas de identificação societária aos diversos grupos (familiares, profissionais, religiosos, políticos) considerados como resultantes de escolhas pessoais e não como atribuições herdadas. (DUBAR, 2006, p. 10).

⁴³GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

⁴⁴DUBAR, Claude. "A Crise das Identidades", in ____ A Crise das Identidades: a Interpretação de uma Mutação. Trad. Carina Matos. Rainha & Neves, Ltda/ Santa Maria Da Fieira, 2006.

⁴⁵Aquela supõe a crença na existência de grupos chamados, comunidades consideradas como sistemas de lugares e de nomes predeterminados aos indivíduos que se reproduzem de forma idêntica através das gerações. Esta, está na primeira dimensão, trata-se de formas espaciais de relações sociais (eixo relacional). A forma Societária supõem a existência de coletivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes fornecem as fontes de identificação que eles gerem de maneira diversa e provisória. Nesta perspectiva, cada um possui múltiplas pertenças que podem mudar ao longo duma vida. Estas formas estão ligadas a crenças diferentes das precedentes, em particular às do primado do sujeito individual sobre as pertenças coletivas e da primazia das identificações <<para Si>> sobre as identificações <<para Outro>>. Segundo a natureza das categorias utilizadas, as identificações de tipo societário podem produzir identidades <<para o Outro>>, como identidades <<para Si>>. É a crença na identidade pessoal que condiciona as formas de identificação societária aos diversos grupos (familiares, profissionais, religiosos, políticos) considerados como resultantes de escolhas pessoais e não como atribuições herdadas. (DUBAR, 2006, p. 10).

Esta nova identificação, procura desligar-se das atribuições herdadas, isto é, dos valores construídos por meio de concepções moralizantes transmitidas principalmente pela família. Dubar (2006) reconhece que “a identidade não é apenas social, ela é também pessoal.” Para esta pesquisa, interessa discutir apenas a identidade pessoal. Esta é “construída a partir de recursos da trajetória social que é também uma história subjetiva”. Além disso,

“Ela não é pertença ‘herdada’ de uma cultura fossilizada, assim como não constitui um vínculo a uma categoria estatutária dada, imutável, ela é um processo de apropriação de recursos e de construção de referências, uma aprendizagem experiencial, a conquista permanente de uma identidade narrativa (Si-projeto) pela e na ação coletiva com outros eleitos. A identidade pessoal implica a interiorização duma atitude reflexiva (Si próprio) através de relações significantes que permitam a construção da sua própria história (Si) ao mesmo tempo que a inserção na História (Nós). A identidade pessoal dos sujeitos em aprendizagem não é adquirida, tal e qual, à nascença. Ela constrói-se durante toda a vida”. (DUBAR, 2006, p.170).

Esta identidade pessoal pode resistir, lutar contra as identidades herdadas. É nesta lógica que os participantes que se declaram pagãos, no AmaPagão, criam uma identidade pessoal. Eles negam a religião cristã, hegemônica, enraizada na família e na cultura, e decidem escolher a cultura e religiões que compõe o paganismo, isto é, o culto e divinização da natureza, culto a ancestralidade e reverência e adoração a vários deuses pagãos.

Hervieu-Léger (2008) acredita que, principalmente a nova geração, os jovens não aderem a identidade religiosa herdada, escolhem seu caminho, tem as suas experiências e criam uma “bricolagem de crenças”, isto é, elementos simbólicos de diversos lugares e junto com sua trajetória de vida, elaboram uma nova e particular identidade.

Amaral (2000) concentra seus trabalhos na “circulação e o fluxo de identidades, a partir dos aspectos centrais que constituem o estila Nova Era de lidar com o sagrado”. A “cultura errante”, como ela diz, é marcado no final do século XX, por novos trânsitos de identidades religiosas e os “centros holísticos”⁴⁶, situados na cidade, configura-se como o ponto máximo de uma “errância espiritual da Nova Era”. Durante o trabalho de conclusão de

⁴⁶Conjunto de espaços na cidade, ponto de encontro dos buscadores citadinos, a partir de uma extensa e variada rede de serviços, para o atendimento dos diversos campos de interesse de seus frequentadores, passando pela espiritualidade, alimentação, medicina alternativa, artes, turismo e ecologia. Esses serviços realizam-se ao redor de eventos - “vivências” ou workshop – de natureza terapêutica, divinatória, espiritual e meditativa, além de palestras informativas sobre as atividades programadas e cursos de formação em uma área específica. (AMARAL, 2000, p.10)

curso, será discutido com mais detalhe o perfil destes frequentadores. Estes centros têm como base uma “religiosidade caleidoscópica” ou “sincretismo em movimento”⁴⁷, isto é,

Trata-se de um fenômeno heterogêneo e não se apresenta como um movimento organizado. A esse fenômeno estarei me referindo com a expressão Nova Era, focalizando-o como um campo de discursos variados, mas em cruzamento, por onde passam: a) os herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas; b) o discurso do autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holísticas, fazendo-o corresponder às modernas teses de divulgação científica; c) os curiosos do ocultismo, informados pelos movimentos esotéricos do século XIX e pelo encontro com as religiões orientais, populares e indígenas; d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior e; e) a reinterpretação yuppie dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços new age oferecidos para o treinamento de Recursos Humanos, nas empresas capitalistas. (AMARAL, 2000, p.16).

Conforme Leila Amaral, o sincretismo na religião, tem perdido o “lugar fixo de hibridação” e passou a se constituir, também, “no deslocamento, na circulação e no fluxo de identidades”. Por isso que a autora trabalha com uma “descanonização da relação entre lugar e essência”, marca preponderante do estilo Nova Era em lida com o sagrado. (AMARAL, 2000).

Essa religião errante, ou, cultura religiosa descentralizada e errante, é o objeto de pesquisa da autora, além disso, para entender melhor todos estes termos mencionados, ela nomeia, ou mantém o termo “Nova Era”. Mesmo com a discordância de alguns autores sobre esta nomenclatura, ela continua a utilizá-lo, pois, segundo ela, foi um movimento histórico que iniciou na década de 1960 e 1970; e, autores como Cordovil e Castro (2014), Guerriero e Lopes (2010), D’Andrea (2000) tem pensamentos semelhantes. O “experimentalismo religioso”, a busca por uma nova identidade, novas experiências e vivências espirituais.

A Nova era, segundo Amaral (2000, p.17), está diante de

“uma espiritualidade desencarnada, isto é, sem território cultural ou religioso rigidamente demarcado... a religiosidade se sebreassaia como um modo de experiência errante: campo aberto de crenças, mas sem garantias de

⁴⁷A autora entende que o fenômeno Nova Era coloca os interessados, desta feita, frente a algo que se diferencia de uma unificação de discursos, no âmbito de identidades contrastivas. O esforço de cruzar e juntar domínios inusitados e, assim, suspender dualidades, traz à tona e coloca um debate um sincretismo de novo tipo: um sincretismo em movimento. (AMARAL, 2000, p. 17).

fundamento; um território em invenção sem reificações ou globalizações substantivas” (AMARAL, 2000, p.17).

Outra característica mencionada pela autora do Movimento Nova Era, é o pluralismo interno. Mas não existe uma “unificação de discursos em um todo coerente”, o que há é uma heterogeneidade de crenças, e além disso, relativização destas e das experiências pessoais (AMARAL, 2000).

“Essa atitude errante, livre e relativizadora no domínio espiritual, parece anunciar um tipo de dessubstancialização na esfera mesma do religioso. O trato como sagrado parece tornar-se mais fundamental que a religião, através de um formalismo que não obedece, prioritariamente, a um recorte substantivo” (AMARAL, 2000, p.17).

A pensadora acredita que, o que está em jogo, nesse caso, é a maneira a qual o indivíduo se relaciona com o sagrado; de que forma a pessoa estabelece um contato com esta dimensão, quais são os meios necessários para o envolvimento direto ou indireto com um plano espiritual. A religião e a crença não importam muito, perde muito o seu valor, e o sujeito religioso fica sendo o protagonista, especialmente, como ele utilizará o sagrado na sua vida, “o modo específico de relacionar elementos e rituais”⁴⁸ (AMARAL, 2000).

D’Andrea (2000), caracteriza o movimento New Age: “ecletismo, individualismo, alternativismo e pós-modernismo e globalizado”. O que confere a novidade trazida pela Nova Era foi, especialmente o individualismo, pois ele é uma marca da contemporaneidade, o indivíduo decide seu modo de viver, pensar e agir em todas as áreas da sua vida, inclusive o seu contato com o mundo espiritual.

No contexto religioso contemporâneo, na “religião errante”, na Nova Era, o indivíduo cria autonomia nas suas escolhas, especificamente no contato com o sagrado. Os frequentadores do AmaPagão fazem parte deste processo, eles são “mutantes religiosos” que transitam não só pelo grupo pesquisado, mas por outros espaços sagrados que permite a eles formas diferenciadas de contanto com o mundo espiritual e ajudam a potencializar o conhecimento sobre si mesmo. Pode-se falar que os “sem religião” podem fazer parte deste

⁴⁸Esse elementos são extraídos do estoque global de recursos culturais, a partir de uma lista de serviços e métodos de aprimoramento pessoal e do mundo que pode se estender infinitamente. Trata-se de um estilo que torna possível combinar e incorporar materiais provenientes, inclusive, de matrizes religiosas consideradas discrepantes em relação à cosmovisão Nova Era. (AMARAL, 2000, p. 17)

fenômeno, e além disso, há possibilidade de afirmar que, os pagãos estão inseridos nesta categoria do IBGE. Uma nova forma de lidar com o sagrado, por meio de um contexto moderno e de um espaço urbano, heterogêneo, encantado e plural, gera uma nova identidade que está em formação, e em crise.

4- CAPÍTULO III: AMAPAGÃO: ORIGEM, VISÃO E REUNIÕES

Havia grupos organizados e estruturados antes do AmaPagão? Por meio das entrevistas, percebeu que existiram pequenas reuniões informais em residências, uma entrevistada disse que pagãos se reuniam no final da tarde, às vezes, para tomar um chá e conversar sobre magia, realizar feitiços. “Sullivan” disse que houve um grupo de Wicca, “estavam até fazendo um encontro”, em meados de 2005, mas o grupo não deu continuidade, ele chegou a participar duas vezes.

“Tiago Paladino” disse que, nos anos 90, quando morava no Estado do Amapá, algumas pessoas tentaram criar um grupo neopagão, pois neste período, houve uma “explosão no Brasil de Wicca, tentaram formar um grupo de Wicca aqui”. Ele chegou a fazer parte deste grupo nesta década. Aconteceram algumas divergências entre os participantes, pois alguns queriam a Wicca mais formal e outros menos informal, “mais livre, mais aberta”, conforme o entrevistado. Mas, “não deu certo não foi por briga por nada, curiosamente eram todas pessoas que estavam de passagem, pessoas que vieram para passar alguns anos aqui, e depois iam embora para suas famílias, e assim acabou”.

Depois, teve mais uma tentativa de criar um grupo Wicca em Macapá, segundo o entrevistado, o paganismo estava no auge entre os adolescentes, “surgiu um grupo de líderes” e um deles chegou até dar uma entrevista para um jornal, o entrevistado participou deste grupo também, mas este não durou muito tempo. Houve uma comunidade Wicca em Macapá no Orkut, segundo “Tiago Paladino”, 99% eram adolescentes, menores de 15 anos. A Wicca foi a religião neopagã mais presente entre os adolescentes em Macapá.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a formação histórica do AmaPagão, as parceiras que ele foi estabelecendo com os outros grupos e a importância que eles têm nesta relação. Analisou-se a parte sociológica, observando as relações de poder que existem entre os participantes e como é o perfil destes. Além disso, mostrar-se-á como esse grupo se organiza. Por meio das observações participantes, pode-se chegar algumas conclusões sobre a identidade nas terras tucujus.

4.1. A história do AmaPagão

O primeiro resultado foi criar uma tabela sobre o histórico do AmaPagão em Macapá e quais entidades que o apoiam na organização e realização das atividades:

Tabela 3: Histórico do Grupo AmaPagão

	Data/hora/Local	Atividade
Samara de Oliveira	Em abril de 2013	Página do AmaPagão
Samara de Oliveira convida Gulval e com o apoio da Vila Pagã	07 de abril de 2013 Às 16:00, Trapiche Eliezer Levi	Primeiro encontro do AmaPagão
Samara de Oliveira	09 de Julho de 2013	Início do Projeto Corrente do Bem
Samara de Oliveira	em meados de dezembro de 2013	Corrente do bem
AmaPagão	18 de janeiro de 2014	Primeira corrente do Bem
Aislin, juntamente com Gúlval e Galdax	Em Dezembro de 2014	Mandala do Ano
AmaPagão	Janeiro de 2015	Mandala do Ano
AmaPagão	Janeiro de 2015	Organizador Oficial do Projeto Gaia Paganus - Encontro Social Pagão - ESP no estado do Amapá.
AmaPagão	Em março de 2015	Organizador Oficial da AbraWicca no estado do Amapá

AmaPagão	em abril de 2015	Parceria da Teia de Theia para ajudar com materiais e informações que irá auxiliar nos encontros com os grupos de estudos sobre o Sagrado Feminino
AmaPagão	Em maio de 2015, local foi uma chácara onde juntamente com os participantes passam 2 dias de muita magia, danças e alegria.	Celebração de Beltane

Fonte: <http://www.amapagao.com/historia> acesso em 03/11/2016

Existem outras entidades que apoiam e são parceiras do AmaPagão: O “site querida magia”, “a religião da grande mãe”, recebe também apoio da religião afro, “Cabana das 7 montanhas”, e um site chamado “oráculos on line”, e por fim, houve uma conquista internacional, AmaPagão, na pessoa da Aislin Luna receberá e será responsável e representante da guarda Brigidiana. E ainda este ano existe a proposta de implementação do sagrado masculino e feminino.

Gráfico 1: Ilustração da relação intergrupual do AmaPagão



Fonte: <http://www.amapagao.com/parceiros> acesso em 03/11/2016.

A escolha do SmartArt⁴⁹ foi intencional, já que uma das propostas deste trabalho, é entender a organização do grupo. Então coloca-se o AmaPagão como o centro do debate, um ponto de referência para entender um conjunto de relações que há dentro e fora dele. Este gráfico denomina-se “Ven Radial”, nome dado pelo “Word”, e possui dois significados: primeiro, tem o objetivo de mostrar as relações de sobreposição; e segundo, uma relação com uma ideia central em um ciclo. Aquele demonstra o seguinte: as áreas de intersecções entre o AmaPagão e os demais grupos, retrata os “pontos em comum”, os assuntos concordantes, convergentes e que dão um sentido de vínculo ideológico entre eles. O que os torna correlacionados? Seria o conceito de paganismo que é consenso dentro da comunidade pagã: Politeísmo, culto a natureza (divinização, sacralização dela) e o culto a ancestralidade, além disso, as relações de sobreposição são a própria cultura pagã, a “paganidade” que conecta indivíduos e organizações em prol de uma formação de identidade coletiva.

Segundo Magnani (2000, p. 50-51):

“O tipo de vínculo que une os frequentadores identificados com os ideais da Nova Era a seu grupo, espaço ou sistema filosófico é de outra ordem: está fundamentado na convergência das escolhas, as quais, por sua vez, remetem a semelhanças de gostos, preferências, universo cultural, inquietações, valores. Para resumir num só termo: têm como base (e reforçam) um estilo de vida comum”.

O estilo de vida que Magnani (2000) retrata, pode dialogar com o estilo de vida mencionado por Giddens (2003), e segundo este, "a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser solucionadas" (Giddens, 2003, p.79), então este fenômeno acaba gerando algumas consequências como, o estilo de vida. "[...]nas condições de alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo - não temos escolha senão escolher". Logo, o ponto de intersecção que está no gráfico pode também ser interpretado como o estilo de vida, pois não há escolha, a não ser decidir escolher um. Ser pagão é escolher um estilo de vida a qual o indivíduo experimenta por meio das diversas vertentes a cultura pagã.

⁴⁹Serviço de gráficos disponibilizado pelo programa editor de texto, Word que faz parte do pacote Office da Microsoft

um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade [...] os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros; mas as rotinas seguidas estão reflexivamente abertas às mudanças à luz da natureza móvel da auto-identidade[...] E todas essas decisões (assim como as maiores e mais importantes) são decisões não só sobre como agir mas também sobre quem ser. Quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da auto-identidade, seu fazer e refazer [...] Um estilo de vida envolve um conjunto de hábitos e orientações e, assim, tem uma certa unidade [...] Alguém que está comprometido com um determinado estilo de vida necessariamente veria várias opções como “inadequadas” a ele ou ela, da mesma forma que veria os outros com quem estivesse em interação. Além disso, a seleção ou criação é influenciada por pressões de grupo e pela visibilidade de modelos, assim como pelas circunstâncias socioeconômicas" (GIDDENS, 2003, p.80-81).

Os pagãos entrevistados mostraram suas convicções filosóficas e religiosas afirmando a sua identidade pagã, “abraçaram a ideia” e decidiram viver à moda pagã. No cotidiano, o modo de comer, vestir, adquirir capital cultural como livros, filmes, músicas; os lugares que frequentam são vivenciados de acordo com o seu novo estilo de vida pagão. Estas decisões de gostos e interesses é uma forma de reafirmar quem este indivíduo está se tornando e ao mesmo tempo diferenciá-los de outros estilos de vida que acabam se tornando “inadequados”. As sobreposições do gráfico são, o que Magnani (2000) fala da “convergência das escolhas”, é “um estilo de vida comum”, eis o motivo de muitas pessoas frequentarem, participarem, transitarem pelo grupo.

O segundo objetivo, demonstra a parceria que todos estes grupos estão oferecendo ao AmaPagão, para que ele se fortaleça, consolida-se como uma identidade de resistência (CASTELLS, 2001). Mas o que eles estão oferecendo? Primeiro, seria um apoio administrativo, segundo, compartilhando serviços, como por exemplo, o site “oráculos on line” e terceiro, estruturando e unificando o movimento pagão, como por exemplo, o Encontro Social Pagão (ESP). Este vem construindo no Brasil, um importante movimento de unidade, articulação e compartilhamento de saberes pagãos.

Estes grupos que se vinculam ao AmaPagão ajudam a formar em Macapá um “circuito esotérico” estruturado ou um “circuito neopagão”. O grupo tornar-se um centro integrado e aglutina diversos serviços e produtos em um só lugar, fornecendo informações sobre cultura

pagã formando por meio de oficinas, interessados em aprender alguma área específica de vertentes pagãs e conceder a oportunidade de experimentar estes conhecimentos coletivamente com outros pagãos.

O AmaPagão estabelece uma comunicação, em dimensões locais e globais, formando uma rede de contatos com diversas pessoas e grupos, compondo “uma rede mágica”⁵⁰ contribuindo para o crescimento e fortalecimento das pessoas que estão circulando no grupo.

A parceria com outros grupos tem o motivo de ter mais representatividade tanto em relação a comunidade pagã, quanto a sociedade civil.

4.2. A importância do encontro social pagão para o AmaPagão

O ESP, faz parte do Projeto Gaia Paganus⁵¹:

“A criação desse encontro informal se deu porque a mesma sentiu a necessidade de um evento desvinculado de instituições e que não se ativesse a rituais públicos. Isso por ter conhecido praticantes solitários, das mais variadas vertentes, em busca de conhecimento, mas avessos a ideia de se vincularem a tradições ou grupos. Então, num encontro totalmente social seria viável que pessoas de ideias afins acabassem se encontrando, e funcionou muito bem. Os eventos começaram a acontecer na Quinta da Boa Vista em 2003. Além de grupos que foram formados por participantes do evento, o mesmo serviu de palco para que amizades de uma vida fossem forjadas. O que começou no Rio de Janeiro agregou outras cidades espalhadas por todo o Brasil”⁵².

O ESP é um movimento importante para proporcionar aos pagãos um meio de promover a sociabilidade, e o AmaPagão segue esta mesma linha, realizando a maioria dos seus eventos de acordo com a programação do ESP e estabelecendo semelhanças como estas, na estrutura, missão e visão e atividades.

O ESP®, Encontro Social Pagão® possui caráter social, não havendo qualquer atividade ritualística, intenção de formar grupos de estudo, covens ou círculos nem vínculos

⁵⁰Essa expressão é utilizada por mim, pois entendo que, quando o AmaPagão consegue uma parceria com um grupo ou pessoas (não necessariamente faz parte de grupos), por meio deste contato, acontece constantemente trocas de informações, experiências, energias e magias.

⁵¹Iniciou no ano 2000, por Hellenah Friggdóttir (Helena Pereira). Ela recebia em sua casa amigos para estudar e discutir sobre o paganismo. Depois de algum tempo, a casa de Helena estava pequena para tanto pagão interessando em estudar sobre o assunto. Então, para dar continuidade as reuniões, escolheram um lugar aberto para poder acolher melhor a todos, na Quinta da Boa Vista com o nome de Encontro Social Pagão, dado por Eduardo Torres. Participavam pagão e não-pagãos por meio de um lista de discussão que era divulgada na internet.

⁵²<http://gaiapaganus.wix.com/gaiapaganus#!sobre/csgz> acesso em 13/03/2016.

com entidades, pessoas físicas ou jurídicas e é comprometido apenas com o Projeto Gaia Paganus®,PGP®. Os objetivos são promover a UNIÃO entre os pagãos e DESMISTIFICAR o Paganismo. Apesar do ESP® ser um evento voltado ao meio pagão de qualquer vertente, é aberto a todos aqueles que desejam apreender e conhecer mais sobre o Paganismo. Realizamos palestras, debates, workshops, oficinas de dança, música ou quaisquer outras atividades sobre a arte e cultura pagã. Todas as atividades do ESP® são GRATUITAS!

Logo, o ESP não é institucional e busca fugir disto, não tem uma intenção de criar discípulos, conquistar pessoas para o mundo pagão. O objetivo do grupo é agregar, reunir várias pessoas, sendo pagão ou não, a fim de desconstruir alguns estereótipos que há sobre o paganismo. Algumas atividades do ESP estão em anexo.

Todos estes eventos mencionados são realizados em lugares em que exista organizadores credenciados pelo ESP⁵³, e o AmaPagão é um deles. No tempo em que essa entrevista foi realizada foi observado duas atividades do ESP no AmaPagão: “Dia da Consciência Pagã” e “ESP Oráculos”. As atividades ocorrem em locais públicos, durante o dia, tudo é feito de forma gratuita, voltado para expressar e representar a cultura, arte e filosofia pagã.

No site⁵⁴, o ESP não se considera como um grupo religioso, a equipe é formada por Organizadores e Colaboradores, aglutinando kerméticos, druida, asatruares, wiccanianos, helenistas, candomblecistas, bruxos tradicionais e etc. Eles não realizam nenhum tipo de ritual, não se consome bebida alcoólicas ou drogas ilícitas, não existe nenhuma finalidade comercial, lucrativa e não há nenhum vínculo com qualquer entidade, grupo ou pessoa (física ou jurídica). Quando o AmaPagão faz a divulgação de algum evento, ela põe, no panfleto, a logo marca do ESP e as informações que já foram expostas aqui.

Figura 2: Dia da Diversidade e Consciência Pagã



⁵³Os coordenadores estão no anexo

⁵⁴<http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiap>

Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1730214430561579/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016.

Figura 3: Oráculos



Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1747265355523153/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016

As reuniões do AmaPagão vinculado ao ESP podem ser entendidas como, “Vivências”, categoria de Magnani (2000, p.36):

Inclui cerimônias e ritos realizados por ocasião de datas especialmente significativas, seja para o universo neo-esotérico como um todo, seja para um sistema ou espaço em particular durante workshops de treinamento intensivo e coletivo de determinada prática. As fases da lua, as passagens do equinócio ou solstício, o ano-novo astrológico são comemorados com danças sagradas, excursões a ‘lugares de poder’, ou simplesmente lembrados com

invocações aos elementais ou algum rito no interior de cada espaço. (MAGNANI, 2000, p.36).

Ocorreu alguns workshops de treinamento intensivo no AmaPagão que encaixa-se no conceito de vivência.

Figura 4: oficina de Runas e Magia



Fonte: <https://www.facebook.com/amaPagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1656883254561364/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016

Essa Vivência foi realizada nos dois turnos, neste caso não foi gratuito, foi cobrado a taxa que não convém dizer aqui. Mostra-se que o grupo destaca-se como um conjunto integrado capaz de promover a formação e a difusão de informações sobre o paganismo, por meio desta oficina que explica o significado e a importância das runas. O AmaPagão organizou esta atividade com o apoio da Vila Pagã.

A maioria das ações feitas pelo AmaPagão recebe um apoio dos grupos já mencionados do gráfico 1. O folheto de divulgação mostra a quantidade de parcerias que o AmaPagão recebe ao fazer algum evento.

Figura 5: exemplos de grupos que apoiam o AmaPagão



Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1571873016395722/?type=3&theater>

Os grupos: ABRAWICCA, Projeto Gaia Paganus/ESP oferecem um apoio tanto para a divulgação quanto para uma assistência “mágica”⁵⁵ e administrativa.

4.3. Calendário Anual do Grupo

Conforme Higginbotham (2002), “como em outras religiões, muitos Pagãos seguem um ano sagrado ou litúrgico... A maioria das Tradições Pagãs... constrói seu ano sagrado em torno dos ciclos e estações da Terra.”.

O AmaPagão, sendo um grupo neopagão, e que congrega diversas vertentes pagãs, obedece a um ano sagrado tem como base os ciclos e estações da terra⁵⁶. Estes ciclos são chamados pela comunidade pagã de “Roda do Ano”⁵⁷.

As atividades realizadas pelo grupo AmaPagão durante estes dois anos têm sido de acordo com os 8 sabbats⁵⁸ Existem 8 Sabbats ao total e são divididos em dois grupos: os

⁵⁵Os líderes oferecem ajuda ao grupo por meio de transmissão de energia.

⁵⁶“Os autores afirmam que muitos deveres religiosos são construídos com base no fluir das estações, que marcam não apenas a passagem do tempo, mas também momentos de significação espiritual” (HIGGINBOTHAM, 2002, p.34)

⁵⁷ A Roda começa com Yule no Solstício de Inverso e termina com Samhain, ou Halloween, passando por um total de oito celebrações. Em algumas tradições Pagãs, essas celebrações são conhecidas como Sabás, uma palavra vinda do hebraico Shabath, que significa “um dia reservado para descanso e culto”. Juntos, eles compreendem os oito dias sagrados religiosos, ou feriados, respeitados pela maioria dos Pagãos, e são espaçados de forma que um feriado Pagão ocorra aproximadamente a cada seis ou sete semanas. Muitos pagãos também respeitam os Esbas, que são as treze luas cheias do ano (HIGGINBOTHAM, 2002, p.34).

⁵⁸Celebrações que eram feitas na época pré-cristã, realizando culto aos Deuses e as Deusas. Atualmente, os rituais são observados pela bruxaria, criando uma proximidade com natureza, com os Deus e Deusas. Sabbat é a denominação de cada um dos 8 grandes festivais solares que acontecem anualmente e que marcam a Roda do

maiores e menores. Os primeiros são: Samhain, Imbolc, Beltane e Lammas. O segundo são: Mabon (Equinócio do Outono), Yule (Solstício de Inverno), Ostara (Equinócio de Primavera) e Litha (Solstício de Verão). E existe a roda do norte e roda do sul. Veja:

Tabela 4: Roda Sul (Hemisfério Sul)

- Samhain	- 1 de maio
- Yule	- 21 de julho (Solstício)
- Imbolc	- 30 de julho
- Ostara	- 21 a 23 de setembro (Equinócio)
- Beltane	- 31 de outubro
- Litha	- 21 a 23 de Dezembro (Solstício)
- Lammas	- 2 de fevereiro
- Mabon	- 21 a 23 de Março (Equinócio)

Fonte: Pesquisa elaborada pelo autor

Tabela 5: Roda Norte (Hemisfério Norte)

- Samhain	- 31 de Outubro
- Yule	- 21 a 23 de Dezembro (Solstício)
- Imbolc	- 1 de fevereiro
- Ostara	- 21 a 23 de Março (Equinócio)
- Beltane	- 1 de maio
- Litha	- 21 a 23 de Junho
- Lammas	- 1 de agosto

Ano das Bruxas. É bom esclarecer que durante estes rituais, não há orgias, imolações, “profanação” de símbolos cristãos ou leituras da bíblia sendo utilizada de forma invertida. É realizado coletivamente de acordo com o ciclo da natureza. Os Sabbats: SAMHAIN, YULE, IMBOLC, EOSTAR (OSTARA), BELTANE, LITHA (Mid Summer), LUGHNASAD (ou Lammas), MABON.

- Mabon

- 21 a 23 de Setembro (Equinócio)

Fonte: Pesquisa elaborada pelo autor

O Samhain praticado no AmaPagão, segue a roda Norte, isto pode ser constatado por exemplo, pela tabela 5, realizado dia 02/11/13, e o acompanhei por meio de observação participante, este encontro no dia 01/11/16. Em algumas partes do Brasil ocorreu o Samhain, Belém, por exemplo, e outras, como os estados no Sul, ocorreu Beltane. As atividades realizadas pelo grupo estão de acordo com todo o ritual praticado por pagãos no Brasil e outras partes do mundo. Pode-se compreender melhor vendo as fotos que estão disponibilizadas no site do grupo⁵⁹.

figura 6: Dia do Samhain – dia 01/11/16



Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1788641361385552/?type=3&theater> acesso em 16/11/2016.

Um detalhe é que não é obrigatório a um pagão, seguir esta roda do ano, sendo que a apresentada acima é wiccana. Existem outras formas de um pagão cultuar os ciclos da natureza, e alguns panteões como o nórdico ou greco-romano seguem uma “roda do ano” específica de acordo com uma narrativa mitológica contada a partir dos deuses de seus respectivos panteões. Um pagão que não faz parte de nenhuma tradição, coven e é auto-

59 http://www.amapagao.com/sobre-1?lightbox=image_1t9b acesso em 14/10/2016

iniciado, ou também chamado de “solitário”, pode estudar o ciclo da natureza de sua religião e fazer uma “roda do ano regional, local.

Outros encontros que o grupo realizou de acordo com os Sabbats, seguindo a Roda Norte pode ser demonstrado nesta tabela. Eles seguem os rituais de acordo com estas datas. Cada celebração tem um significado específico, um objetivo particular, e as pessoas podem ou não participar destes rituais. Observei que, existe uma regularidade de pessoas em alguns rituais, um dos principais motivos é celebrar a passagem das estações e honrar as divindades compartilhando com pessoas que possuem o mesmo interesse.

Tabela 6: Calendário anual de celebração de acordo com o Sabbat, roda Norte

Litha	23.06.2013
Lammas	03.08.2013
Mabon	21.09.2013
Samhain	02.11.2013
Yule	21.12.2013

Fonte: <http://www.amapagao.com/2013> acesso em 14/10/2016.

Cada pagão pode escolher a forma que deseja realizar seu ritual, pode ser em uma praça, um lugar fechado, em um plano mental; individualmente ou em grupo. O AmaPagão é o local que pessoas, sendo pagão ou não, participam de um ritual ou uma cerimônia. Guerrieiro e Almeida (2010) estudam o movimento neodruídico no Brasil e observam como eles organizam seus rituais e cerimônias no espaço urbano e ressignificam este lugar.

“a tradição neodruídica remontou, ressignificou e sincretizou elementos celtas numa paisagem local e possibilitou a consolidação de um imaginário, rico, fértil e excitante, permitindo vivenciar o sagrado nas múltiplas dimensões do espaço a partir das imagens primeiras da civilização celta”. (GUERRIEIRO E LOPES, 2010, p.18).

No AmaPagão não é diferente, os encontros são momentos para que os frequentadores, em um certo lugar, possam recriar, reviver, ressignificar os elementos pagãos em uma paisagem local.

Muitas culturas europeias do neolítico atribuíam grande importância às quatro estações do ano, de outras não se tem nenhum registro. Procurando repetir os ancestrais, e perfazendo um movimento de ressignificação, os seguidores do druidismo moderno têm os ritos e cerimônias como de fundamental importância. (GUERRIEIRO E LOPES, 2010, p.18).

As atividades do AmaPagão consistem em oficinas, terapias, ações sociais, e existem encontros que tem rituais e cerimônias. Mas não é algo aleatório, como mostra a tabela 4 e 5, existe um calendário cerimonial que é seguido pelo grupo e os rituais, em regra, obedece ao Sabbat da roda norte. Assim como o druidismo moderno (GUERRIEIRO e LOPES, 2010), o AmaPagão procura realizar suas atividades seguindo a forma que os pagãos das culturas dos seus respectivos panteões faziam, por exemplo, praticando rituais nas quatro estações. Em regra, a fase de transição de uma estação para outra, isto é, cada mudança de estação, haveria um ritual específico. Conforme estes autores, para os druidas modernos, no hemisfério norte, por exemplo, a primavera acontece quando ocorre o retorno da luz após os meses de inverno, simbolizando a hora de recuperar o tempo perdido, no entanto, no hemisfério sul, pela “tropicalidade brasileira”, onde “é verão o ano todo”, a primavera não é percebida, “ela se mistura com o verão e traz também elementos do outono, modificando o ciclo natural de muitas culturas agrícolas” (GUERRIEIRO E LOPES, 2010, p.18). A partir disto, como se pode interpretar a relação do AmaPagão com as estações do ano já que os sabbat são cerimônias que obedecem a este rito? O grupo segue a roda norte por influências da vertente pagã que a coordenadora é adepta, a Wicca, mas principalmente porque a energia que acontece em terras tucujus, segundo ela, gira em torno da roda norte. A maioria dos frequentadores adere esta forma de realizar os encontros, porém dois participantes que não transitam mais no grupo, não concordam com a forma que são estabelecidos os sabbat na capital. Segundos eles, é preciso que o pagão pesquise, compreenda e reconheça como o clima funciona na sua terra e de acordo com estas percepções ele elabore e siga uma roda própria

Os rituais são celebrados, nas praças, quadra de escola, estabelecimentos particulares, chácara. Os espaços são diversos e muito significativos, para o não-neopagão, tem lugares que não são sagrados, mas para o pagão contemporâneo, todo e qualquer lugar pode tornar-se sagrado para culto, rituais e cerimônias, o mais importante, na hora do evento, do encontro a qual ocorrerá as atividades, é que os lugares serão consagrados e tornar-se-ão sagrados.

Depende do calendário cerimonial e do ritual que será feito. Isso acontece com os pagãos em outros lugares, como por exemplo, os druidas modernos.

“Essa multiplicidade espacial reflete os não-lugares de Augé (1994), quando na antípoda do lugar antropológico preconizado por Mauss (1974), os novos druidas buscam retratar seus rituais e sua identidade não em lugares específicos, mas utilizam-se de todo e qualquer lugar para a consagração de seus ritos” (GUERRIEIRO E LOPES, 2010, p.19).

Portanto, pode-se concluir a existência de uma identidade pagã, sendo construída, a partir da relação que ele tem com o espaço.

4.4. Atividades criadas pelo Grupo

O AmaPagão não é um “centro holístico” (Amaral, 2000), mas configura-se como um “centro integrado”. De acordo com Magnani (2010), estes espaços integrados são heterogêneos e holísticos (englobam as dimensões espiritual, física e mental), podendo ser divididos, segundo Magnani (2010), em três grandes divisões: “Divulgação e formação”⁶⁰; “Terapias”⁶¹ e “Vivências”. O que nos interessa saber agora é compreender que o AmaPagão organiza-se dessa forma. O que seria esse produtos e serviços? Os serviços do AmaPagão (mandala do ano, corrente do bem, limpeza áurica), terapias (limpeza áurica) e vivência (oficinas, ESP, encontros dos 8 sabbats, Dia Mundial da Deusa, Dia do Orgulho Pagão) e os bens (vassoura mágica, pêndulos, pedras, acessórios como cordões, pulseiras) que são vendidos em algumas reuniões do AmaPagão.

A oficinas que já foram realizadas pelo AmaPagão: Oficina de Filtro dos Sonhos; Oficina de Radiestesia; Oficina de Falun Dafa; Oficina de Amuletos e Talismãs; Oficina de Cura Energética; Vivência xamânica de animal de poder; Oficina de Energia Vital; Oficina de Rituais de proteção; Oficina de Rituais de Prosperidade; Oficina de Magia do Caos e Técnicas

⁶⁰“Inclui aquelas atividades destinadas a difundir os diferentes sistemas e ensinar suas aplicações através de palestras, cursos, aulas abertas, demonstrações, simpósios, congressos. (MAGNANI, 2000, p.35).

⁶¹Inclui toda a variedade das práticas de atendimento individual ou coletivo voltadas para a cura e prevenção de distúrbios, e também técnicas para o desenvolvimento de potencialidades psíquicas ou corporais. Também chamadas de terapias alternativas, constituem um imenso e heterogêneo leque que vai das diversas modalidades de massoterapia até técnicas de regressão e de programação neurolinguística, passando por sistemas oculares, artes marciais e danças, além das terapias com uso de florais, pêndulos, cristais, aromas, cores, etc. (MAGNANI, 2000, p.35).

de Sigilização; Oficina de Medicine Bag e muitos outros. Além dos rituais e celebrações de acordo com a Roda Norte, existem atividades específicas e únicas do grupo. Não existe em nenhum outro lugar do Brasil. São: Madala do Ano⁶², Corrente do Bem⁶³ e a Limpeza Áurica⁶⁴.

O AmaPagão não se encaixa no conceito de “centro holístico”, como já foi mencionado porém, os frequentadores destes espaços, relatado e caracterizado pela Leila Amaral (2000), assemelham-se aos participantes do grupo em Macapá assim como algumas características do centro podem-se ser analisadas no AmaPagão, logo, algumas interpretações podem ser feitas. A autora diz que o “desenvolvimento espiritual” é apresentado como base fundamental dos centros holísticos a qual as diversas atividades são organizadas e oferecidas. Além disso, “não há sistema de dogmas institucionalizados por uma organização religiosa centralizadora do desempenho espiritual” (AMARAL, 2000). Este desenvolvimento aparece no AmaPagão quando ele oferece seus encontros, eventos e vivências, sem nenhum sistema de dogma ou normas para institucionalização.

⁶² A Mandala do Ano é realizada anualmente, 1 vez por ano, geralmente no fim de Dezembro ou início de Janeiro... em um local público da cidade, onde vários oraculistas do AmaPagão se reúnem para fazer mandalas de previsão oracular anual para quem quiser saber como será o seu próximo ano. Para as mandalas são usadas várias formas de mancias como o tarô, runas, cristais etc. <http://www.amapagao.com/aes-sociais> acesso em 04/11/2016

⁶³ Constitui-se uma ação social. Consiste em emanar luz, saúde e cura para todos aqueles que precisam onde pessoas, de forma voluntária se apresentam para ajudar. Cada voluntário recebe um “kit da cura” e se compromete em manter sempre atualizado dentro da latinha da cura (um dos itens do kit) os nomes das pessoas que estejam precisando de saúde, tanto física quanto espiritual. A intenção é que juntos, cria-se os vários pontos de luz, enviando energia para as mesmas pessoas em todo canto do universo. O kit é composto de 2 pedras turmalinas preta, decretos de saúde e cura, uma latinha cercada com pantáculos de cura onde os nomes das pessoas deverão permanecer durante todo o ciclo. O kit é totalmente gratuito. A corrente do bem é feita geralmente durante o ciclo da lua minguante, os coordenadores recebem nomes de pessoas que estejam precisando de ajuda (de todo lugar do país e já recebemos até de fora dele) e repassam o nome para todos os voluntários, e todos fazem o decreto/oração para as pessoas da lista. Cada voluntário se compromete em fazer durante todo o ciclo da lua minguante, em alguma hora do dia, em algum lugar a leitura dos decretos e/ou orações. <http://www.amapagao.com/aes-sociais> acesso em 04/11/2016

⁶⁴ A Limpeza Áurica consiste em iniciar um tratamento de cura tanto física quanto espiritual, junto com a abertura e desenvolvimento dos chackras. É indicada para pessoas que sentem estresse, depressão, medo e insônia ou qualquer outro tipo de desequilíbrio. A limpeza áurica é geralmente feita uma vez ao mês, durante o ciclo da lua cheia, em algum ponto aberto da cidade. “Nós vamos ao local previamente marcado e estendemos nossas esteiras e materiais.” A limpeza consiste basicamente em limpeza e alinhamento dos chackras com cristais e incensos... depois recebem aplicação de reike. A limpeza atua no corpo por 21 dias, “temos tido ótimos retornos de quem faz a limpeza com a gente.” Também não é cobrado nenhum valor pela limpeza, basta chegar que dizer que gostaria de fazer. Também o AmaPagão aborda outros temas relacionados à cultura amapaense, também traz informações sobre as tradições e o modo de vida pagão, bem como divulgação de atividades relacionadas à cultura em geral. <http://www.amapagao.com/aes-sociais> acesso em 04/11/2016

Amaral (2000) afirma que, além da preocupação com a “expansão da consciência”, os centros holísticos têm um local agradável, “Criando uma atmosfera que os aproxima mais de locais de lazer ou de centros culturais do que de clínicas médico-terapêuticas ou locais de culto religioso” (AMARAL, 2000, p.14). No AmaPagão, encontra-se “essa atmosfera de lazer e cultura”, pois durante os encontros, ocorrem dinâmicas, brincadeiras, momentos de descontração e conversas informais; ocorre troca de livros pagãos entre os participantes, indicação de literatura pagã, filmes, músicas.

“Essa atmosfera de lazer e cultura acaba por reunir um público relativamente constante, atraído por um estilo de vida semelhante e pela participação em vivências coletivas, sem formar, contudo, um tipo tradicional de comunidade ou culto religioso” (AMARAL, 2000, p. 15).

Esse clima agradável oportuniza a criação de um laço de sociabilidade, mesmo que seja temporário, mas há o encontro e formação de uma rede de conhecidos e amigos, sabendo que as maiorias destas pessoas transitam em outros espaços esotéricos em Macapá. Os encontros não obedecem a uma sistematicidade, regularidade ou continuidade, pois o que é oferecido para os participantes nos diferentes encontros, termina ao final de cada um deles, sem que as pessoas sejam obrigadas a retornar. Consequentemente, tratam-se de um atributo da “religião errante”, principalmente os serviços prestados:

“Quanto aos encontros, o que se observa é a experiência mesma do encontro:
a) como errância dos encontros – porque experimentados na sua efemeridade, temporalidade e transmigração – b) como errância nos encontros – porque constituídos e experimentados, eles mesmos, como um mundo de ordens múltiplas” (AMARAL, 2000, p.19).

4. 5. Organização Sociológica do Grupo

O grupo AmaPagão não tem uma estrutura hierárquica, composta por cargos específicos. O que existe é o que eu chamo de: coordenadores do grupo, Aislin, Galdax e Auridan que foram os responsáveis pela criação do mesmo, exceto Galdax. Eles têm a função de gerenciar o site, elaborar um calendário de atividades que ocorrerá no decorrer do ano, promover e organizar algum ritual, encontro ou oficina, e iniciar e coordenar alguma atividade do grupo.

Gráfico 2: Representação da organização do grupo



Fonte: gráfico elaborado pelo autor desta pesquisa

Os coordenadores, ao serem entrevistados, não se consideram líderes do grupo, ou pertencente a um cargo superior, como se estivessem no topo de uma estrutura organizacional, pois, segundo eles, a proposta é tentar fugir de qualquer forma institucionalizada de organização, com burocracia e hierarquia, poder de comando, poder de decisão unilateral e vertical. Eles consideram-se meros gestores do grupo a fim de que, haja uma organização em qualquer atividade realizada em um determinado local e data.

Os demais são considerados participantes (eu não utilizo o termo membro ou adepto, pois traria uma ideia de pertencimento exclusivo, como se tivesse uma carteirinha de membro, e cumprir obrigações litúrgicas e administrativas e realizar tarefas e ações determinadas por possíveis líderes em uma possível cadeia de comando). Magnani (2000), traçou um perfil de frequentadores do circuito neoesotérico. Quem seriam estas pessoas? O antropólogo diz que são três: Erudito, “ocasional” e o participativo. O primeiro, segundo ele, procura ressaltar uma maneira mais consistente de se relacionar com o universo da Nova Era. É uma forma mais articulada e obedece a princípios que são compatíveis com tudo àquilo que envolve a Nova Era. Conforme Magnani (2000, p.48): “há lugares para soluções e experimentos sofisticados por parte de pessoas que buscam saídas não-convencionais sem, contudo, cair na banalização”.

O “ocasional”⁶⁵ e o “participativo”⁶⁶ são conceitos utilizados pelo antropólogo que podem ajudar no entendimento das categorias que utilizarei. As categorias que serão demonstrados tem como base as leituras desta análise do perfil dos frequentadores feito por Magnani (2000) e as observações que fiz durante o trabalho de campo.

Existem três tipos de frequentadores, a meu ver: a) Coordenadores/“Erudito”: Este indivíduo é aquele conhecedor sistemático do mundo pagão, tem uma experiência expressiva no circuito pagão e habilidades técnicas e mágicas para realizar algum ritual. Foram os criadores do grupo em Macapá e tem a responsabilidade de mediar as atividades que serão feitas: divulgação encontro, articular a vinda de um “Erudito” de fora do estado para vir realizar uma oficina, workshop; propor o assunto a ser discutido no próximo encontro, postar notícias e curiosidades na página eletrônica. Existe um auxílio de outras pessoas, as atividades dispostas não são monopolizados pelos coordenadores; b) participante ativo/“participativo”: aquele indivíduo que se considera pagão, comparece e participa de todas as atividades, ou a maioria delas, programadas pelos coordenadores, mas que também tem a liberdade de transitar por todo o circuito-neoesotérico em Macapá; c) participante passivo/ “ocasional” : aquele indivíduo que vai por curiosidade, o simpatizante, não importa qual seja a sua crença ou convicção filosófico-política, não se considera pagão, mas vai no encontros em respeito a diferença, busca desconstruir algum “tabu”, por exemplo, se nos encontros pagãos, existe o sacrifício de animais, rituais satânicos; criar possíveis contatos iniciais para uma futura imersão no universo pagão; d) participante iniciado: aquele indivíduo que ao assumir a sua identidade pagã, não escolhe o caminho da auto iniciação, e diminui ou até cessa o seu trânsito pelo circuito neo-esotérico, porém, procura uma tradição, coven, para se dedicar exclusivamente a conjunto de normas e rituais. Aliás, no AmaPagão, os coordenadores e

⁶⁵“cujas escolhas, aleatórias, não se pautam por alguma lógica interna, respondendo tão somente aos ditamos de modismos passageiros, bastante divulgados por revistas de variedades e personagens do show-business, sempre prontos a proclamar as virtudes terapêuticas, relaxantes ou miraculosas de tal ou qual produto “natural”, massagem de exótica procedência ou gesto ritual descoberto em alguma sociedade dita secreta ou primitiva.” (MAGNANI, 2000, p.49)

⁶⁶“Possui conhecimentos e informações que lhes permitem estabelecer relações entre os elementos escolhidos (por exemplo, as ideias de carma, aura, circulação do ch’i, meridianos, chakras, entre outros) e as fontes correspondentes, ou ao menos reconhecer as diferenças entre eles. Mas, ao contrário do erudito, tipo participativo não necessariamente organiza sua visão de mundo e comportamento por algum sistema em especial; transita mais livremente entre eles – ainda que respeitando algum nível de coerência. São sua familiaridade com os temas correntes do universo neo-esotérico e a receptividade a eles – mas não a lealdade exclusiva a algum em particular, pois pode sem maiores traumas passar de um a outro – que fazem do tipo participativo o alvo privilegiado das palestras, cursos e vivências oferecidas pelos espaços, principalmente os centros integrados e os centros especializados (MAGNANI, 2000, p.49).

alguns participantes do grupo fazem parte de religiões pagãs, e se alguém que está conhecendo a cultura pagã, e almeja entrar em alguma religião pagã, precisa, primeiramente, ser iniciado. Então, se ele quiser, o indivíduo deixar de ser *participante ativo ou passivo* e torna-se iniciado em alguma tradição, religião pagã. Mas é importante dizer que, esta pessoa vai estar vinculada a uma tradição ou religião pagã, não ao grupo AmaPagão. O vínculo existe do indivíduo-tradição/religião e não, indivíduo-AmaPagão.

Não existe nenhum regimento interno escrito que procure regular as ações internas dos indivíduos, mas há uma norma verbal de respeito a diversidade e a tolerância religiosa. Qualquer pessoa pode participar do grupo, de qualquer, desde que haja respeito a prática e ao discurso pagão feito na reunião programada.

Conforme Magnani (2000, p.54), o circuito neo-esotérico permite.

aos usuários e frequentadores a possibilidade de realizar trajetos específicos, ditados por suas próprias escolhas e que terminam cruzando-se com os de outros, levados por motivações idênticas ou semelhantes [...] a frequência aos mesmos espaços – e principalmente a assiduidade e maior lealdade a esse ou àquele em particular – cria laços e estreita os vínculos de sociabilidade; é nesses espaços que se fica sabendo de novos cursos, programam-se excursões para ‘lugares sagrados’, realizam-se vivências, entra-se em contato com os últimos lançamentos de livros de auto-ajuda, de vídeos com técnicas de otimização dos poderes da mente, de cds da linha New Age ou word music, etc.

Nenhum frequentador que se encaixa nessas categorias colocadas aqui é considerado pertencente exclusivamente, ou seja, está totalmente vinculado ao grupo, mas sim, ele é um frequentador. Um mero indivíduo que transita por esta “comunidade emocional”. Ninguém contribui financeiramente para estar no AmaPagão, e não tem uma obrigação de conduzir, ou coordenar algum ritual ou encontro. Existe um cronograma anual de atividades, mas, está disposto a todos por questão de informação, ninguém é obrigado a ir, não existe um caráter proselitista. Nos dias d reunião, cada um leva uma comida e outros objetos dispostos no panfleto, a programação é coordenada, a princípio, pelos coordenadores, mas os participantes podem dar sugestões de atividades a ser realizadas no dia e até coordenar uma parte delas. Tanto homens quanto mulheres podem coordenar as atividades, não existe uma preferência ou exclusividade na condução dos encontros, eu observei que, geralmente a Aislin, com a

programação, mas outras pessoas podem dividir as tarefas. E analise que não há um ativismo político por parte dos coordenadores e nem por parte dos participantes.

O pagão decide ir voluntariamente para os encontros, sem nenhuma obrigação, tem autonomia de ficar ou não no grupo e escolher qual panteão, deus ou deusa que cultuará, podendo venerar deuses simultaneamente; participar de vários eventos e grupos, em diversos lugares, sem pertencer a nenhum deles, e realizar seus rituais e montar seus altares de acordo com a sua conveniência.

A participação no AmaPagão tem um caráter temporário e para alguns, excepcional, não exige uma socialização anterior a uma tradição pagã ou um contato com grupos pagãos, é uma participação flexível, a passagem pelo grupo, pode ser por qualquer pessoa, com identidade religiosa sem definição, definida ou inexistente.

Isso faz parte “no universo difuso da Nova Era na cidade”. O público é bem amplo, e todos os encontros são efêmeros, provisórios e transitórios, com

fronteiras de identidade fracamente definidas ou mesmo ausentes e com uma doutrina mínima. A participação é voluntária e tolerante quanto à bagagem ideológica-cultural ou espiritual-religiosa de seus clientes que, por sua vez, não se reconhecem como seus membros definitivos ou exclusivos. (AMARAL, 2006, p.19).

A autora concorda com Roff (1993), quando este diz que o voluntarismo “é uma responsabilidade moral e religião pessoal acentuada” a qual deveria ser encontrado a “possibilidade de novas formas de pertencer e de comunidade” tem como referência “os interesses expressivos mais profundos das pessoas”.

Esse voluntarismo, cada vez maior, entre os participantes de diferentes tipos de “vivências” e “encontros”, os tem levado, sim, à liberação de laços e lealdades compulsórias. Fora do seio das comunidades tradicionais, os buscadores de crescimento pessoal tem a abraçar uma diversidade de discursos, abandonar um sistema unitário de significados e a combinar símbolos de diferentes códigos e fontes culturais à custa de disjunções e sincretismos (AMARAL, 2006, p.19).

Conforme a autora, o ideal de comunidade não sairia do trânsito destes errantes, porém, ela não defende que a ideia essencialista possa permanecer. Então qual seria o ideal de comunidade proposto pela autora? “Estar junto não implica, necessariamente, em estar com”, porque, aquele vem antes, inclusive, como uma condição (AMARAL, 2006). Uma frase da

autora, Hervier-Lérger (2008), pode resumir o que existe dentro do AmaPagão, “crer sem pertencer”. Participar, mas não estar vinculado.

Conforme Dubar (2006, p.165-166):

O laço societário, enquanto laço social, é frágil, frequentemente temporário, mas sempre significativa. Contrariamente ao laço comunitário, ele não implica a partilha de crenças coletivas, nem de raízes comuns (laços de sangue, de terra, de cultura), mas sim a participação em ação com outros que são parceiros...O desafio deste laço voluntário não reside só na eficácia, o êxito dos objetivos da ação é também o reconhecimento de cada um dos parceiros tanto como ator pessoal quanto social.

O voluntário, não criar raízes em nenhum grupo, ele é um peregrino, um nômade urbano que preenche as suas necessidades espirituais de acordo com seus interesses. Uns dos motivos para participar de encontros, obter experiências por meio de vivências é encontrar parceiros, ou seja, pessoas que compartilham de visões e interesses similares.

4.6. Aspectos sociológicos da organização administrativa

Conforme Magnani (2000, p.39-40), esse novo contexto da Nova Era é marcado:

[...] sem a presença de uma autoridade central, a maior parte dos sistemas e integrantes com ela identificados define-se pelo caráter autônomo, aberto e não-dogmático [...] Este é um apelo de especial significado para os insatisfeitos com o caráter burocratizado e hierárquico de muitas religiões institucionalizadas. Não há um clero especializado e, apesar da presença de mestres ou gurus em alguns sistemas ou associações de caráter mais religioso ou iniciático, na maioria das propostas é mais comum o uso dos termos “facilitador”, “focalizador”, “canalizador”, “orientador”, pois se considera que a autoridade, o verdadeiro mestre, reside mesmo no interior de cada um.

O AmaPagão não tem hierarquia, pois não há um líder que ordena tarefas, delega funções; o que existe é *coordenador e participante*. O indivíduo vai quando quiser, e até os participantes ativos não recebem ordem dos coordenadores para fazer algo, tudo é feito livremente, gratuitamente, espontaneamente, com exceção de algumas oficinas que exigem uma quantia, mas somente para pagar custos pessoas de algum palestrante que irá ensinar em oficina ou workshop. A presença do “facilitador”, consta em um panfleto de divulgação

Figura 7: no panfleto consta a presença do “facilitador”



Fonte: http://www.amapagao.com/5-eap?lightbox=image_1qkw acesso em 16/11/2016

Esse descrédito por todo e qualquer processo institucional religioso por meio de “congregações estruturadas” ou “igrejas permanentes” e até “vivência multitudinárias”(MAGNANI, 2000) é decorrente de um contexto moderno que impera o individualismo, o “retraimento da esfera pública em favor do âmbito privado”, consoante o antropólogo (2000), depois da década de 70, decorrente da difusão da psicanálise, houve um processo mais para dentro do homem, uma trilha do autoconhecimento, assumindo a “sacralização de seu mundo interior” e promovendo um aprimoramento das potencialidades pessoais. Este antropólogo acredita mais na experiência individual de “pequenos grupos autônomos”, no caso desta pesquisa, seria um exemplo, o ESP e AmaPagão. Uma das conclusões do antropólogo, “os princípios de imanência e participação que lhe são subjacentes, não há separação entre o plano do sagrado e do profano, pois tudo está envolvido num mesmo movimento de dimensões cósmicas” (MAGNANI, 2000). O que isso provoca ou gera de consequência para o campo religioso contemporâneo?

“Todo sofrimento, todo mal, toda doença ou desordem, advém não de um pecado primordial, mas de algum tipo de falência no trânsito entre os planos que compõe a individualidade e entre esta e os outros pólos da relação. E todo as práticas – terapias corporais, meditação, técnicas de respiração, alimentação natural, massagens, rituais, vaticínios – têm como objetivo último desobstruir os canais de comunicação no interior de cada um (encarado como um microcosmos) e em seu contato com o macrocosmo, de forma que a energia possa fluir alimentando a vida, abrindo a consciência, produzindo a necessária harmonia e o conseqüente desbrochar pleno do “eu interior [...] As características de autonomia e fragmentação que perpassa as alternativas identificadas com a Nova Era afastam-se tanto do fundamentalismo dogmático e sectária quanto da massificação de muitas respostas no campo religioso contemporâneo” (MAGNANI, 2000, p.53-56).

D'ANDREA (2000), afirma que “a religiosidade New Age”, dispensa ideia de Sacerdotes, inexistência de fiéis crentes, “inexistência de líderes, instituições, doutrinas oficiais, nem dogmas canonicamente pré-determinados”. O Entrevistado “Cláudio” afirma:

O agrupamento do tipo ESP, não é hierárquico, você tem um encontro de pessoas, pagãs, simpatizantes, curiosas, pra bater papo, debater, trocar experiências, realmente não cabe hierarquia, trazendo para covens, tradição, irmandades, depende da forma que ela se organiza e todas as atividades covens e das irmandades que já conheci até hoje a figura de um líder, o fundador, a auto sacerdotisa, enfim, porque ai, esses ciclos de prática e de estudo e ofício, ele funciona da seguinte forma, eu sou postulante, eu posso ser ou não aceito, quando peço pra ingressar nesses grupos, embora façam reuniões abertas, eles são fechados, suas informações, seus conhecimentos, são fechados para seus membros e seus mistérios, se for postulante, e eu for aceito, por estes grupos, eu estou sujeito a regras desse grupo, então, os estudos, a prática, e por mérito e é um outro ponto crucial de qualquer agrupamento, do tipo, escola iniciática, e você galga cargos maiores por mérito, mas sempre vai ter o mesmo, a figura de um iniciador e a figura de um iniciado, o dedicador e o dedicado, o professor, um estudante, um mestre e um aprendiz, mas isso vale para agrupamentos, já que tem seus mistérios, que eles se configuram em escolas iniciáticas, e você tem direito a determinados conhecimentos a determinadas iniciações, e por isso, há sim uma hierarquia forte, e no caso do encontro social pagão e da abrawicca, não há uma figura hierarquia, embora haja organizadores, porque ali o foco não é a transmissão de conhecimento iniciático, mas um conhecimento para discussão, de celebração, a configuração do AmaPagão, eu acho que não cabe uma estrutura hierárquica, entende, se eu quero socializar, ou difundir e tal, nossos organizadores, nós marcamos o encontro, decidimos o que vai ser discutido, geralmente os organizadores pedem sugestões, fazem com que eles dão.

O AmaPagão não é uma escola iniciática, um coven, uma tradição, como disse o “Cláudio”, e foi isso que constatei nas minhas observações. Não há transmissão de “conhecimento iniciático”, deve-se fazer a diferença entre o AmaPagão e uma tradição ou ordem iniciática. Existe, no grupo, a criação de um clima de confraternização, lazer, compartilhamento de ideias e informações e trocas de experiências entre os participantes. Pode existir pessoas que participam de covens, ou tradição, ou escola iniciática como a rosa cruz AMORC, maçonaria, Wicca, porém, o grupo em si, não tem a finalidade de formar pessoas para uma iniciação, somente para socialização.

Particpei do Samhaim, entre o dia 01 e 02 de novembro de 2016, e na hora da apresentação dos participantes, havia católicos, asatruar, wiccanos, umbandistas, e aqueles que não tinha uma identidade religiosa, mas procurava se relaciona com as diversas

manifestações do sagrado. Durante as atividades, todos entraram em um consenso sobre a programação que foi pré-estabelecida pelos coordenadores do AmaPagão, para que não haja conflito ou impedidos na hora de realizar as vivências, rituais e terapias.

O grupo AmaPagão utiliza seus serviços que já foram mencionados e por meio de seus encontros e rituais públicos, cria um ambiente de diálogo e permite um trânsito de pessoas independentemente de religião ou crença filosófica e política. O grupo supre as suas necessidades interiores, ou despertam novos interesses, vontades, prazeres, visões de mundo. Na verdade, a estrutura organizacional do grupo é aberta e não-dogmática, com um caráter autônomo, holístico, não há um discurso voltado para a formação de membros efetivos, não há hierárquica de cargos cuja a evolução dos mesmos ocorre por meio do mérito.

Cada membro do grupo segue uma determinada vertente. E perguntei a eles, se não existe um conflito entre divindades, panteões e até entre os indivíduos. Diz a “Andressa”:

“eu sou do panteão nórdico, por exemplo, o vini, os meus deuses, na mitologia, matavam dragões e tem fulano que pratica magia draconiana, se vai convergir, depende. Geralmente, os organizadores do grupo do AmaPagão, eles tomam muito cuidado com estes detalhes, com esses conflitos, se houverem conflitos entre as entidades que estão participando la quando tem o ritual, porque quando não tem ritual isso não faz a mínima diferença, quando tem o ritual, dentro dos encontros, eles tomam cuidado para que isso não aconteça porque senão não vai funcionar”.

Os coordenadores do AmaPagão têm o papel de mediar essas possíveis confusões e conflitos entre as divindades. Eles têm que conhecer todos os participantes do grupo, indicando livros, auxiliar em possíveis dúvidas. Segundo a interlocutora, a experiência de quem está organizando as atividades do grupo é levada em consideração e torna-se determinante. O entrevistado “Sullivan” diz que, apensar de, a Samara ser a coordenadora, e ser wiccana, na hora dos encontros, se houver rituais, todos procuram encontrar um ponto em comum no paganismo, que não haja conflitos.

De acordo com o “fala da floresta”:

“A maioria dos paganismos não são totalmente dogmáticos, então é mesmo que alguns têm alguns dogmas, nenhum prega o radicalismo, então se certo grupo simples não se encaixar, ver que não vai se encaixar, eles não comparecem, mas antes de serem pagão, são pessoas, então cada um tem sua consciência de é... tolerar no mínimo e comparecer, entendeu? Mas como a maioria dos encontros são ligados a pontos em comum, no caso geralmente a adoração da terra, é a questão de ter floresta, árvores e todo o paganismo gira

em torno disso, todo paganismo gira em torno da terra. Então, acredito que não gera nenhum conflito”.

Portanto, a importância do AmaPagão é promover a sociabilidade, a construção de laços de solidariedade e criar um clima de lazer e estimular e instigar o compartilhamento de ideias. O “fala da floresta” disse uma frase que pode resumir ainda mais o propósito do grupo para o paganismo na Amazônia, “A importância do AmaPagão, falando metaforicamente,,a grande função do AmaPagão, é fazer um trançado sabe, como uma trança sendo feita de vários fios vai ser difícil de romper”. Esse laço que é entrelaçado não será entre os participantes e o grupo, mas sim entre os participantes.

4.7. Observações participantes

As reuniões do grupo acontecem, predominantemente, em praças públicas como a Praça Veiga Cabral, Floriano Peixoto e principalmente atrás da Fortaleza de São José. Ocorreu também reuniões e rituais em escolas públicas, Ginásio Paulo Conrado Bezerra, União dos Negros do Amapá (UMA), em residências e estabelecimentos particulares. As experiências Etnográficas: Limpeza Áurica, Vivência Xamânica, Dia Mundial da Deusa e Dia do Orgulho Pagão.

4.7.1. Limpeza Áurica

Na figura 8, mostra mais um encontro realizado atrás da Fortaleza de São José de Macapá, no final da tarde, no domingo, por volta de 15:30. Foi anunciado o evento pelo facebook e também no grupo do whatss app. Eu já havia pesquisado um pouco sobre a limpeza áurica e decidi visitar o grupo e até participar da atividade. Quando eu cheguei, havia algumas pessoas reunidas, os organizadores da Limpeza Áurica, Gulval, Galdax e Aislin estavam vestidos com uma roupa branca, na camisa estava escrito “Limpeza Áurica”, havia dois tapetes dispostos no chão e ao lado de um deles uma cesta com objetos que posteriormente foram utilizados.

Figura 8: Limpeza Áurica



Fonte:

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409783175379/?type=3&theater> acesso em 16/11/2016

Eu cumprimentei algumas pessoas e senti bem próximo a parede da Fortaleza. Eu creio que já havia iniciado a reunião, a sacerdotisa da Wicca, Aislin, disse que, quem quisesse participar era só deitar em um dos tapetes disponíveis e submeter-se a Limpeza Áurica. Então duas pessoas direcionaram-se para cada um dos tapetes, deitaram e cada sacerdote iniciou o processo de Limpeza Áurica.

Eu observava atentamente os dois sacerdotes e parece que havia uma sequencia de ações para a realização da atividade. Eu observei cerca de 3 Limpezas Áuricas, primeiro eles colocavam algumas pedras mágicas em pontos específicos do corpo do indivíduo, depois descobri que esses pontos centravam-se nos chackras. Logos após, eles pegavam uma varinha mágica e faziam alguns movimentos no ar, simbolizando uma cirurgia, parecia que estavam costurando algo, ou remendando alguma coisa. Em cada pedra, faziam movimentos circulares ou espirais em cima de cada pedra ou Chackra (campo simbólico), do primeiro ao último chackra. Iniciava-se o movimento na Pedra e em seguida, subia de forma espiral para cima, jogando alguma coisa para o “nada”, como se tivesse limpando algo, jogando para fora, energias negativas. Depois pegava uma vassoura pequena, parecia uma vassoura de bruxa, e varria o corpo do indivíduo, parecendo que limpava os chackras, por fim, terminava o processo tocando um sino e retirando as pedras que estavam na pessoa. Na segunda parte da Limpeza, o individuo recebia reike de 2 coordenadores e o indivíduo tinha que ficar em meditação, se possível sentado. Havia também uma música calma e muito introspectiva

tocando no fundo, com um volume baixo, mas que dava para escutar, o som contrastava com o som do vento que vinha do do Rio Amazonas e alguns pequenos “cochichos” das pessoas que esperam ser atendidas. Algumas famílias e grupos de jovens passavam pelo local e observavam o fenômeno com olhares diferenciados, alguns com indiferença, outros, abismados, sem entender o que estava ocorrendo e outros “apertando o passo”, evitando um possível contato. Em certo período, decidi participar. Saí do meu canto, dirigir-me a sacerdotisa e deitei sobre o tapete. Estava com pouco de medo, ao mesmo tempo nervoso, confuso e sem entender muito aquele processo. Antes de iniciar a Limpeza Áurica, ela mandou fechar os olhos, respirar fundo e procurar não pensar muito. “Procure esvaziar a tua mente”, dizia ela. Escutando um pouco a música ambiente, fiz como foi pedido, menos o ato de “esvaziar a mente”, pois procurava saber qual a ação que ela estava realizando em mim. Qual o momento de colocar as pedras? o momento de “passar a varinha mágica”? Limpar-me com a vassoura? Chegou certo período que relaxei e não sei o que ocorreu depois disso, só lembro-me do instante que o sino tocou e ela começou a retirar as pedras e dizer que havia terminado a primeira parte da Limpeza Áurica. Na segunda parte, foi para outro tapete onde se encontrava dois outros coordenadores que aplicaram reike em mim. Eu me senti leve e confortável, ao mesmo tempo queria tentar entender como as pessoas sentiam durante e depois da Limpeza, mas percebi que cada um teve uma experiência particular.

4.7.2. Vivência Xamânica

Na figura 9, foi a Vivência Xamânica, o objetivo do ritual era a busca do totem⁶⁷. Novamente foi divulgado o evento no facebook e no grupo do whats app. Eu fiquei sabendo de algumas pessoas do grupo que seria um ritual não público. Ele seria realizado em uma casa de um conhecido dos coordenadores do grupo e que, para participar da Vivência, era preciso fazer um jejum de carne, não ingerir bebidas alcoólicas e se possível, nem fazer sexo.

⁶⁷Segundo o grupo, é um animal de poder que aparecerá a pessoa no ritual e o acompanhará por toda a vida.

figura 9: Vivência Xamânica



Fonte:

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409593175398/?type=3&theater> acesso em 16/11/16

No dia do encontro, informei-me onde seria o local e fui até a casa. Encontrei primeiramente os organizadores do evento, cumprimentei-os, assim como todos presentes. Havia cerca de 8 pessoas. Neste dia, estava sendo celebrado tanto o dia de Iemanjá⁶⁸ como o dia de Brigit⁶⁹, como mostra a figura 10.

Figura 10: imagem de Iemanjá (azul) e a Brigit (vermelho)



Fonte: <https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409786508712/?type=3&theater> acesso em 16/11/16

⁶⁸ orixá feminino (divindade africana) das religiões Candomblé e Umbanda.

⁶⁹ é a Deusa dos ferreiros, dos artistas e das artes da cura. Sendo uma Deusa solar, ela é padroeira do fogo e de tudo que envolva Inspiração e Artes. Deusa Celta.

Os sacerdotes colocaram um pequeno caldeirão no meio do quarto e um pouco na frente, as deusas mencionadas, uma no lado da outra. A sacerdotice pediu para que todos fossem em direção ao caldeirão já aceso e ordenou a todos dispor suas respectivas mãos sobre o caldeirão. E disse que, quem sentisse algo forte no coração ou no corpo, que se caminhasse de costa, olhando para o caldeirão e depois, deitasse de costa para cima, um pouco longe do caldeirão, em forma circular, e de uma maneira que a cabeça estivesse na direção ao caldeirão. Todos os atos simbólicos efetuados durante o processo tinham um significado específico para cada ator social envolvido no processo. Depois que algumas pessoas começaram a posicionar em forma circular, decidi ir também. Deitei da maneira como foi falado. Quando todos estavam deitados e em forma circular, mandaram fechar nossos olhos. Eu cheguei a ver ainda um sacerdote, colocando velas nos vértices do quarto e no ponto médio de cada reta e algumas pedras.

Começou a ser colocado algumas pedras em cada pessoa, e a medida que se aproximava de mim. Quando chegou até mim, fechei o olho e senti algumas pedras frias e lisas tocar de conta do meu rosto e de partes do meu braço e corpo. Depois uma voz masculina começou a lançar alguns decretos e palavras que não tinha conhecimento sobre o assunto. Foi ligada uma música com voz de pássaros, barulho de cachoeira, animais, barulho do vento. A mesma voz masculina começou a contar uma história mais ou menos assim: - “imagine que tu estás em uma floresta, imagine agora tu escutando o barulho dos pássaros, do vento... imagine agora você indo em direção a uma caverna, depois tu encontra uma cachoeira...” A voz tentava nos levar para alguns lugares imaginados que combinava com a música que estava sendo tocada no fundo. Depois ele mandou todos continuar nesse “lugar imaginado”, vivendo e experimentando o espaço construído pela narrativa disposta. E ele disse que o primeiro animal que fosse visualizado por nós, este seria nosso totem, pois ele se revelaria para nós. Esta aparição era um sinal que ele (totem) estava nos escolhendo e assumiria um papel muito importante em nossa vida. Eu continuei a minha viagem pelo “lugar imaginado” e de repente encontrei um grande riacho, aproximando da margem, visualizei alguns girinos, a medida que focalizava neles e me aproximava mais ainda da margem, a quantidade de girinos aumentava. De repente, apareceram alguns sapos saindo da água, decidi me jogar no riacho e encontrei vários sapos flutuando ao meu redor. Enquanto eu imaginava isso, ouvia algumas vozes de choro e até gritos de pessoas dentro do quarto, eu permaneci de

olhos fechados e todo arrepiado, às vezes pensava que estava em transe, pois não sentia muito meu corpo, havia um aroma diferente no ar que respirava que me deixou um pouco tonto e não sabia o que era, mas era uma sensação boa. Foi um período longo de reflexão, autoconhecimento, meditação, diálogo interno. E aquela cena da aparição dos sapos sempre se repetia em minha mente. Depois que senti alguém retirar as pedras sobre meu rosto, mãos e corpo e alguém dizendo que poderia se sentar, consegui sair um pouco desse momento de transe. Quando me levantei, algumas pessoas permaneceram deitadas e chorando, outras se levantaram. E começou um relato de experiência da Vivência Xamânica. Houve narrações muito específicas e diferentes. A narrativa centralizava basicamente em como a pessoa encontrou o seu totem e como eles apareceram para estas pessoas. Através das narrações que estavam sendo contadas, percebi uma “Vivência imaginária” muito particular. No momento em que, todos ainda estavam deitados e ocorreu narrativa do “lugar imaginado”, e depois disto, todos tiveram uma experiência bem particular e houve o aparecimento de totens diferentes e a maneira que eles se mostraram foi bem específica.

4.7.3.Dia Mundial da Deusa

O Dia Mundial da Deusa surgiu em 2014 como objetivo de reunir ao redor do mundo os cultuadores do Sagrado Feminino em suas muitas expressões e manifestações. O site do evento⁷⁰ afirma que desde ano de 2015, ocorreu cerca de 80 eventos ao redor do mundo e ao mesmo tempo. O idealizador do Projeto Dia Mundial da Deusa é uma iniciativa de Claudiney Pietro e no ano de 2015 e 2016 procuraram aumentar ainda mais este evento, convocando coordenadores locais do Dia Mundial Da Deusa com objetivo de incluir um ritual ou evento oficial público na grande programação. Este dia é sempre celebrado no primeiro domingo do mês de Setembro. Essa data foi escolhida, pois setembro é o nono mês do ano e o nove é um dos números mais sagrados da Deusa. Em todo o mundo, pagãos realizam suas atividades, de acordo com sua tradição, ou coven, ou auto iniciação, em grupo ou solitariamente.

Figura 11: Dia Mundial da Deusa 06/09/2015

⁷⁰<http://www.worldgoddessday.com/brasil/> acesso em 22/08/2016, às 23:36.



<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1634148690168154/?type=3&theater> acesso em 16/11/16.

Em Macapá, a coordenação do evento ficou sobre a responsabilidade do AmaPagão que escolheu como o lugar para a realização das atividades atrás da Fortaleza de São José de Macapá. A escolha do local não é aleatoriamente. Este pedaço tem uma simbologia muito forte para o grupo, pois reúne uma grande quantidade de energia e é considerado um espaço sagrado. O encontro iniciou e assim permaneceu com cerca de 8 pessoas. Primeiramente houve um recolhimento de rações para a doação da Ong Anjos Protetores e uma conversa inicial sobre o Projeto do Dia Mundial da Deusa, qual o seu significado, como estava sendo organizado a nível nacional e internacional e qual o seu objetivo (já foi mencionado). Havia uma pequena escultura de uma das formas da Deusa na antiguidade e foi mencionado como “No princípio era a Deusa”, mas no decorrer do tempo, a figura simbólica e sagrada que existia da Deusa, foi sendo deturpada, distorcida, até eliminada em algum período na humanidade, mas por questões históricas também, a imagem da Deusa está sendo reavivada. A sacerdotisa Aislin colocou uma música chama “Coração da Terra” e pediu para que todos meditassem sobre a canção. Ela dizia: “você ouve o coração da Terra?” e fala que o rio e outras partes da natureza emitem uma voz. “você sabe ouvir a voz do vento?”, “Sabe ouvir o vento a lhe chamar”?... “Você sabe como gira a roda (2x), a vida é a roda sempre a girar, e faz caminho e faz levantar”. Depois de ouvir a música, houve um debate sobre esta e como se pode refletir sobre o Dia Mundial da Deusa, a partir da música tocada. O que foi falado, de forma geral, é que a Deusa está em todo lugar, em todo momento, ela fala abertamente a todos, e a natureza é um dos meios que ela utiliza. A letra da música faz alguns

questionamentos, “Você ouve o coração da Terra”, “Você sabe ouvir a voz do vento”, “Você sabe como a roda gira”, sendo que em cada frase, ele repete duas vezes, justamente para instigar a reflexão. Houve um diálogo no grupo onde todos foram confrontados com a letra, se todos nós escutamos a voz da Deusa, pois ela está falando conosco constantemente e urge a necessidade, se ainda não conseguimos ver, ouvir ou sentir a Deusa, de buscar essa sensibilidade. Foi falado pela Sacerdotisa que o planeta Terra é o corpo da Deusa, então é necessário cuidar da Terra, pois ela é sagrada e, além disso, saber escutar a sua voz.

Dando sequência, houve uma roda de canto e dança circular em honra à Deusa. Foram dançadas duas músicas, primeiro falando sobre o sagrado feminino, “o despertar feminino em todos nós”, não somente nas mulheres, mas também nos homens, pois eles têm o sagrado feminino dentro de si, mas são aquelas que possuem uma fluência mais expressiva do que estes. Esta dança tinha o significado de se ligar a natureza, a grande Deusa Mãe, e criar um vínculo próximo a ela, outro simbolismo foi aguçar, despertar, instigar, estimular o sagrado feminino de cada pessoa. A outra dança foi acompanhada de uma música Xamânica, e os gestos que acompanhavam a melodia eram movimentos feitos por índios em roda nas aldeias. Foi um momento único no ritual público oficial, pois todos criaram uma sintonia dentro da roda, as trocas de olhares, os sorrisos espalhados no rosto, os passos bem feitos ou mal feitos formavam uma orquestra de significados que tornava aquela roda uma só. Enquanto pessoas ficavam passando por nós, outras sentadas na grama, próximo a Fortaleza fazendo outras atividades, havia um grupo afirmando e reafirmando sua identidade pagã perante os demais, dentro daquele espaço sagrado. Eram gestos e movimentos que demonstrava publicamente a sua crença. A batida do tambor, a música tocada, a voz uníssona do grupo repetindo a canção, a expressividade de cada semblante caracterizava um círculo de imagens sagradas. A atividade que ocorria naquele momento tornava o espaço, sagrado e encantado. Não havia um templo, um prédio, em vez de ser “culto ar livre” com o objetivo de evangelização, conversão, era um “ritual ao livre”, com o objetivo de “mostrar a sua cara”, afirmar sua identidade, fugindo da ideia de institucionalização, com hierarquias, dogmas e liturgia programada. Apesar de haver uma organização do encontro, com uma programação específica, isto ocorreu apenas por questão de gestão.

Depois foi realizada uma roda de conversa sobre o papel que o pagão tem de ser protetor e guardião do corpo da Deusa, isto é, procurar preservar a natureza, e houve algumas

reflexões sobre ecologia, sustentabilidade, reciclagem, reutilização, educação ambiental nas escolas e principalmente nas residências. Em sequência foi realizado uma limpeza no local para exercer no momento da atividade, um senso de responsabilidade com o corpo da Deusa.

Finalmente foi realizada uma atividade de Yoga e importância desta para a conexão com a Mãe Terra. Quem realizou esta atividade foi o sacerdote wiccano Galdax, que ensinou a todas as noções de Yoga do método De rose.

4.7.4. Dia do Orgulho Pagão

No cartaz do evento tem a seguinte frase: “Em vários pontos do Brasil teremos atividades celebrando a “paganidade”, abraçando a pluralidade e lembrando a laicidade do país” e outra frase impactante: PAGÃO MOSTRA A TUA CARA! (AmaPagão, 2016).

Existe uma história por trás deste dia? Algum fato ocorreu? Alguém tomou a iniciativa? Fala-se que o dia do Orgulho Pagão foi criado por um grupo de neo-pagãos norte-americanos para mostrar a todos uma imagem pública positiva a respeito dos mesmos. A primeira vez que isto ocorreu foi em 1992 quando alguns grupos locais patrocinavam os festivais no Dia do Orgulho Pagão, principalmente em locais públicos e universitários. O primeiro movimento organizado para apoiar e incentivar as comemorações públicas do Orgulho Pagão em comunidades por todo o mundo – O Projeto Orgulho Pagão (Pagan Pride Project)⁷¹

Os idealizadores do projeto foi Cecylina Brightsword’s –chama-se agora de Cecylina Dewr – participante da Liga de Consciência Pagã (Pagan Awareness League, ou PAL), organização fundada após a Liga das Bruxas para Conscientização Pública (Witches’ League for Public Awareness). Durante o seu tempo como membro do PAL, Cecylina propôs um programa formal de filiação e direção para facilitar as comemorações do Orgulho Pagão em um nível local a ser chamado Dia do Orgulho Pagão. Esta wiccana, tinha uma proposta e incluía o que se tornaria o núcleo central do Projeto Orgulho Pagão, três elementos concebidos para aumentar a boa vontade da comunidade e das relações públicas para com o Paganismo:

⁷¹<http://www.cliografia.com/2012/09/19/historia-do-projeto-orgulho-pagao/> acesso em 25 de agosto de 2016.

- Celebração ritual público ou aberto a Pagãos, não Pagãos, transeuntes, e expectadores;
- Comunicados à imprensa e atividades de relações públicas destinadas a fomentar a imagem positiva na mídia sobre os Pagãos e o Paganismo;
- Arrecadação de alimentos e materiais para doação a uma unidade local, banco de alimentos, abrigos, ou asilos, para simbolizar o compromisso social Pagão com a vila, cidade ou estado e em Ação de Graças, uma ação comum a várias tradições pagãs no Equinócio de Outono.

Em 2000, o tema do evento foi: “organização”. Este ano trouxe a criação dos Projetos Orgulho Pagão regional, a fim de coordenar melhor os esforços em diversas áreas. Estes novos coordenadores regionais se tornaram membros da Diretoria do Orgulho Pagão (Pagan Pride Board), a fim de tirar um pouco da carga de trabalho de Dagonet e Cecylina e servir melhor a comunidade pagã. A Assembleia foi fundamental na definição de políticas e metas para o Projeto Orgulho Pagão, bem como na manutenção do crescimento e da contabilização. O Projeto Orgulho Pagão tem agora um meio eficaz de lidar com qualquer questão, dúvida ou problema que enfrentam um Coordenador Local, e providencia ajuda imediatamente caso algum dos Coordenadores Locais necessitem de orientação, apoio moral, ou apenas uma palavra de incentivo. O papel do Dia do Orgulho Pagão e das listas de discussões tornou-se primordial no fornecimento de uma reação; quando surge um problema, por meio de um e-mail pode obter respostas e comentários de todos os Coordenadores Locais e Regionais.

Figura 12– Dia 30 de agosto de 2015, a reunião ocorreu na Floriano Peixoto



<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1631630350419988/?type=3&theater> acesso 16/11/16

Figura 13 - Dia da Diversidade e Consciência ou orgulho pagão na Praça Barão do Rio Branco.



<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1731962147053474/?type=3&theater> acesso 16/11/16

Na figura 12, foi o primeiro ano do Orgulho Pagão em Macapá, o AmaPagão ficou como coordenador Local, sendo responsável pela realização do evento. Inicialmente houve uma arrecadação de doação de rações para a Ong Anjos Protetores, à medida que os coordenadores recebiam os produtos, as pessoas acomodavam-se na praça e estabeleciam os primeiros contatos. Havia também a venda de produtos esotéricos, runas, filtro dos sonhos, porções, cordões com alguns símbolos pagãos; logo após, houve uma conversa sobre o Dia do Orgulho Pagão, sobre a origem do evento, quais os motivos que levaram a comunidade pagã a realizar este evento, contando com a participação dos presentes. Depois foi realizado um ritual público oficial, foi criado um Pentáculo⁷² de cinco pontas, demarcado no chão da praça Floriano Peixoto, formando um grupo de 2 a 3 pessoas em cada ponta e representando um elemento da natureza; cada grupo fazia um decreto em voz alta de acordo com seu elemento, e colocava em mente um deus ou uma deusa e oferecia a ele ou a ela, uma oferta simbólica em

⁷²Este é o símbolo pagão mais comum. Os cinco pontos representam as essências da existência física, a saber: terra, ar, fogo, água e espírito. Juntas estas cinco essências compõe a vida eterna. Muitos pentáculos também são rodeados por um círculo, que representa o espírito, a totalidade indestrutível do Universo e a profunda interconectividade de todas as coisas. Para muitos pagãos o pentáculo é uma declaração profundamente significativa de sua fé e filosofia pessoal, e eles o usam orgulhosamente como sinal de suas crenças religiosas. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.50).

forma de oração e agradecimento, depois um grupo trocava de lugar com outro, em outra ponta.

Depois houve uma palestra sobre o Asatru em Macapá, um momento de aprendizado e reflexão sobre o origem, história, significados, rituais, grupos de Asatru.

E por fim, uma roda de conversa onde foi falado sobre o sagrado masculino e sagrado feminino.

Menciono aqui, 4 eventos importante que contribuíram para a construção e fortalecimento da identidade social pagã no Brasil e em Macapá: 1) O dia do orgulho Pagão celebrado em todo o Brasil, inclusive em Macapá; 2) Uma lei que os evangélicos tentaram criar no mesmo dia de uma data pagã em que a comunidade pagã do Brasil se reuniu nas redes sociais e outros espaços de sociabilidades para ir contra esta lei e ainda criar uma lei que torne o dia pagão como data comemorativa; 3) Ocorreu em alguns lugares do Brasil, atos contra intolerância religiosa, formação de mesas de discussões, comissões para discutir sobre este tema e tendo alguém da comunidade pagã para ser um “porta-voz”; 4) outro fato que ocorreu para afirmar a identidade pagã foi a celebração Do dia da Consciência Pagã e o dia da Deusa Mundial da Deusa, celebração internacional, nacional e local.

Dentro do movimento Novo Era, segundo Amaral (2000), existem vários movimentos, destaco aqui, dois: a) versão hard magia-poder⁷³ e uma versão Soft⁷⁴. O uso do termo “magia”, ao invés de “religião”, assume um valor mais coerente. A autora observa que os participantes dos eventos Nova Era falam mais do termo magia do que religião, porque este, faz referência a um saber institucionalizado. (Amaral, 2000). Logo, analisando e observando os eventos descritos nesta pesquisa, percebe-se que os participantes e coordenadores não se

⁷³Sistema de convicções presente no próprio movimento Nova Era, que enfatiza o par energia-poder como constitutivo da natureza do reino interior, tendendo a recriar o mito do indivíduo todo-poderoso... Elas são combinadas para se dirigirem no sentido da instrumentalização do indivíduo, para que ele possa triunfar sempre, impor sua vontade e enfrentar poderes em luta, cercando-se de numerosas precauções mágicas. Nessa versão Hard, cuja definição de magia é dado maior destaque à noção de poder, vivenciam-se, no ritual, os riscos da luta e do conflito advindos da força criadora do poder mental. Os riscos são assumidos e fortalecidos, no sentido de revertê-los em benefícios pessoais ou de neutralizar as energias negativas que perturbam a harmonia mental e permitem a instalação de imagens de destruição vinda da mente do outro. (AMARAL, 2000, p.33).

⁷⁴Por meios das etnografias realizadas pela autora, apareceu esta versão. “Os rituais focalizam, performativamente, a possibilidade de, sem renunciar ao expressivismo psicológico, entrar em sintonia com a essência de todas as coisas e de todos os seres. Pelo juntar de forças vinda de outras culturas e da natureza, busca-se intensificar a força do próprio desejo: o recompor de uma unidade que fora rompida e, por esse gesto, desencadear sentidos não previstos e descobrir vínculos que se tornaram invisíveis com a modernidade. Trata-se de um exercício de imaginação... que se faz experimentalmente com o uso da sobreposição de discursos e símbolos muitas vezes contrastantes. (AMARAL, 2000, p.34)

identificam como religiosos e nem as suas práticas como tal. A “Limpeza Áurica”, “Vivência Xamânica”, assim como os demais encontros, eventos, oficinas, presencia-se a troca de energias, conhecimentos e a utilização da magia. Na “Corrente do Bem”, é feita uma junção de energia e utilização de magia para ajudar pessoas que estão precisando. De acordo com Amaral (2000),

a magia tem estado frequentemente associada ao conhecimento para o controle... os participantes de rituais da Nova Era apresentam-se propensos a rejeitar, não os seres, mas os dogmas definidores desses seres sobrenaturais, a partir de uma religião específica. Vêm-se caracterizando, também, por uma busca de técnicas de controle do meio ambiente – a saúde do indivíduo, do planeta e do universo – a partir da afirmação do sujeito ou, numa linguagem Nova Era, de um salto quântico na consciência. (AMARAL, 2000, p.35)

No “Dia Mundial da Deusa”, a Yoga foi utilizada para aumentar o nível de consciência; ocorreu um momento de consciência ecológica, uma preocupação com a natureza e consigo mesmo. Estas ações servem para afirmar a identidade do sujeito. Tudo que é feito nas atividades do grupo é um ato mágico, tem um significado simbólico. Na “Limpeza Áurica”, por exemplo, os gestos realizados pelo bruxo e bruxa, são atos mágicos, os indivíduos que participam da terapia aprendem a ter controle interno e externo de si; As oficinas que ensinam runas, estimulam o aprendizado, instigam e ensinam como trabalhar com a magia e utilizá-la como instrumento ético para a vida.

Para os Pagãos, a magia⁷⁵ tem o sentido de espiritualidade, “quando um pagão refere-se a realizar magia, ele ou ela está se referindo ao processo de entrada no fluxo universal e à escolha de participar com ele de uma forma deliberada” (HIGGINBOTHAM, 2002, p.169). Os autores falam que outras religiões denominam esse processo de outra forma, “oração, meditação, inspiração, êxtase, contemplação, comunhão, sincronização, visões, revelação, profecia e milagres”. (ibidem, 2002, p.169).

Os referidos autores criam um conceito de magia que seria “ações de várias consciências trabalhando juntas voluntariamente dentro de um Universo consciente e interconectado para trazer à tona um ou mais resultados desejados”. Observe que não há

⁷⁵“uma das definições padrão de magia Pagã vem de Aleister Crowley, o qual afirma na introdução de seu livro *Magia na Teoria e na Prática (Magick in Theory and Practice)*, “Magia é a Ciência e Arte de causar uma Mudança que ocorrerá em conformidade com a Vontade”. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.169).

presença de divindade alguma, mas consciência interagindo uma com a outra para atingir um fim. Eles consideram ainda, a magia: “um ato natural, e não sobrenatural”; “é um ato racional”; “é cooperativa”; “funciona indiferentemente do que você acredita sobre ela”; “pode ser realizada por qualquer um”. (ibidem, 2002, p.170-171).

Para que a magia realmente funcione, segundo estes autores, o indivíduo tem que se colocar sobre si mesmo em um “estado receptivo, dando forma ao seu interesse ou intenção claramente, projetando esta intenção no Universo, e depois a liberando para fazer os seus trabalho.” (Ibidem, 2002). E como seria este “estado receptivo”? A pessoa tem que retirar de sua consciência qualquer distração e focar em um ponto de conexão com o Universo. O indivíduo tem que ficar quieto, calmo, tranquilo, em meditação, até ficar em estado alterado⁷⁶ Uma técnica utilizada por pagãos, dentre outras⁷⁷, para alcançar este estágio também é o Alinhamento⁷⁸ e Centralização⁷⁹. A primeira técnica é praticada na “Limpeza Áurica”, com a utilização do “reike”, a terapia ajuda o indivíduo sair do stress, depressão, cansaço mental, problemas existenciais, pois a energia usada pelos coordenadores do AmaPagão alinhará os chakras, assim, a pessoa se sente mais equilibrada, calma e com bem-estar. A “Centralização” é usada na “Limpeza Áurica), quando coloca-se as “pedras mágicas”, nos pontos energéticos, no corpo da pessoa e realiza-se a terapia. No “Dia Mundial da Deusa”, uma das atividades foi a Yoga, no momento da prática, foi ensinada que se deve procurar estar com seus chakras alinhados e valorizar a meditação, a quietude.

Um ponto em comum encontrado em todos os encontros pagãos que participei, foi a utilização da energia. Pode-se compreender melhor a importância dela, quando Higginbotham (2002), falam que os pagãos trabalham com energia todo o tempo, dependendo do seu objetivo. E cada um tem uma interpretação e um modo de trabalhar com elas. A energia pode

⁷⁶É uma expressão usada frequentemente por Pagãos para descrever o tornar-se receptivo. (HIGGINBOTHAM, 2002)

⁷⁷“Alinhamento e Centralização é uma técnica que ajuda muitos Pagãos a entrar num estado receptivo antes de realizar magia. Outras técnicas, tais como a meditação ou simplesmente a quietude, também podem surtir efeito”. (ibidem, 2002, p.174)

⁷⁸ é essencialmente o ato mental de alinhar seus centros de energias para que você se conecte a ambos os domínios, mental e físico. Ser alinhado... é ter energias da terra, que são geralmente pensadas como energias do mundo físico, e as correspondentes energias do céu, que são vistas tipicamente como energias de mente e espírito. (ibidem, 2002, p.172)

⁷⁹é o ato mental de posicionar seu foco. Na prática Pagã, esse foco é frequentemente colocado em um ponto no corpo energético que corresponde ao tipo de energia envolvida. O sistema energético mais frequente utilizado para visualizar esse posicionamento é o sistema dos chakras, que chega a nós por meio do Hinduísmo” (ibidem, 2002, p. 172).

ser decorrente de ocorrências naturais, ou pontos de conexão espiritual ou aspectos Divinos. Na “Corrente do bem”, um grupo de pessoas vão ajudar magicamente outras que precisam de ajuda, principalmente espirituais. Primeiro o “grupo intercessor” irá criar uma intenção, de forma ética e focará no resultado. Talvez eles não saibam qual é o real problema que a pessoa está passando, então a solução é pedir pelo que for mais necessário e deixar o receptor decidir o que fazer com ela. Existe uma questão ética no ato da magia e que Higginbotham (2002) menciona. No ato da magia, o indivíduo proteja-se sua intenção para o Universo e deixa-a ir para que possa fazer seu próprio trabalho e por fim, trabalhar para que o que foi pedido possa ser realizado.

Os autores ainda falam que no mundo pagão, os usos mais comuns para magia são “trabalhos de energia, adivinhação⁸⁰, criação consciente⁸¹ e crescimento espiritual⁸²”. Esses quatro tipos de magia são presentes no AmaPagão, a “Mandala do ano”, é um momento em que as pessoas vão consultar os oráculos e são utilizados a adivinhação e conselhos para o novo ano. As diversas oficinas, workshops que já ocorreu no AmaPagão serve bastante para o crescimento espiritual.

A “Vivência Xamânica” pode ser utilizada para o crescimento espiritual. Além disso,

Uma energia pode ser descrita de várias maneiras, tais como um sentimento, uma corrente, uma força, ou um ponto de foco mental. Trabalho de energia, então, significa trabalho de magia que é feito com tipos específicos de energia. Algumas energias mágicas mais comumente usadas são cura, amor e conforto, justiça, criatividade, perdão, desapego e autofortalecimento”. (HIGGINBOTHAM, 2002, p.182).

⁸⁰ é a forma de magia na qual o foco primário está em receber informações. O propósito pode ser o de ajudar alguém com um problema pessoal, auxiliar no crescimento espiritual, ou mesmo para rastrear informações para pegar criminoso, resolver um mistério, ou avaliar um caráter. O trabalho psíquico e intuitivo, então, são formas de adivinhação... Eventos e situações existem em outros níveis de realidade... Muitos pagãos que fazem adivinhações usam runas, cartas de tarô outras ferramentas para os ajudar. (HIGGINBOTHAM, 2002,p.184-185).

⁸¹“Quando você usa magia para atrair pessoas e circunstâncias para ajudá-las a construir sua realidade, você está engajando-se em criação consciente... Você cria conscientemente o tempo todo... é provavelmente, o aspecto mais familiar da magia, e o qual a maioria das pessoas está provavelmente, pensando quando fala sobre praticar magia”. (ibidem, 2002, p.184-185).

⁸²Praticante de magia podem entrar em estado receptivo e mergulhar em níveis mais profundos por nenhuma outra razão senão comungar, contemplar, encontrar felicidade, contatar seu conceito de Deus, ou sentir sua unidade com todas as coisas. O aprendizado também pode ocorrer aqui, como também pode ocorrer experiências místicas e insights. (ibidem, 2002, p.185).

Na “Limpeza Áurica” é utilizado um “trabalho de energia”⁸³ assim como em outros *serviços*. A “Corrente do Bem” usa um trabalho de energia específico, a energia da cura. Quando ela é utilizada, surge uma “corrente, força, um estado da mente, um espaço mental, ou um aspecto de Deus” entre a pessoa que envia e o receptor. Mas outras energias podem ser usadas também⁸⁴.

Usada dessa maneira, uma prática Pagã de magia é uma prática de oração. De fato, para muitos pagãos, as palavras magia e oração são sinônimos, sendo sua única diferença os sistemas de crenças em que estão envolvidos. A magia usada para crescimento espiritual é equivalente, para muitos Pagãos, ao que outros chamam oração “contemplativa, “mística” ou “centralizadora”. O que outros chamam oração “peticionária” ou “intercessora”, ou orações que pedem por alguma coisa, os Pagãos chamam de trabalho de energia ou criação consciente. (ibidem, 2002, 185).

No grupo pesquisado são formas diferentes de se trabalhar com o sagrado e uma visão de mundo singular capaz de modificar a relação entre seres humanos e este com a natureza.

4.8. Entrevistas

Foram entrevistadas 8 pessoas que se autodeclaram pagãs e frequentaram ou ainda participam das atividades do AmaPagão. Então será analisado apenas os dados destas pessoas nesta pesquisa. Alguns que estão no grupo atualmente não aceitaram dar entrevista, pois consideraram que estão muito recente no universo pagão e também no grupo pesquisado, e segundo, a justificativa que predominou em seus discursos, acreditavam que não tinha muito a colaborar com a pesquisa, pela falta de experiência. Identifiquei pelas fotos da fan page do facebook do AmaPagão algumas pessoas que conhecia, tentei fazer uma entrevista com elas, mas, quando fiquei sabendo que elas não se consideravam pagãs, decidi não realizar. O principal critério para a entrevista era ser pagão e ter frequentado o grupo pelo menos uma

83“Este trabalho concentra-se em enviar energia para onde ela necessita ir e não é tão preocupado com os resultados como são outros tipos de magia... a energia é frequentemente liberada para fazer seu trabalho de seu próprio jeito, a ser aceita ou rejeitada como deseja o receptor”. (ibidem, p.183).

84Energia do amor e conforto são frequentemente enviadas em tempos de dor, estresse, luto e perda... Energias de perdão e desapego são enviadas para aqueles em final de relacionamento, passando por mudanças difíceis... Energias de auto fortalecimento o ajudam a conectar-se com o seu centro pessoal, evocar a sua vitalidade, força de vontade, e coragem, e o ajuda a mover-se em direção a ação”. (ibidem, 2002, p.183).

vez. A passagem pelo grupo em determinado tempo, pelas pessoas que não se declaravam pagãs, deu-se por diversos motivos: curiosidade, convite de amigo, as atividades eram interessantes, pois trazia novas informações sobre espiritualidade pagã e magia, alguns queria conhecer o grupo para quebrar estereótipos sobre ao paganismo. Outro motivo que levou algumas pessoas não frequentar mais, foi um pequeno litígio entre alguns membros. (Este trabalho não se preocupou em descobrir ou relatar os motivos que levaram a determinados litígios entre alguns frequentadores).

Para conhecer um pouco sobre o perfil dos frequentadores, que percorrem o trajeto do circuito neosotério (Magnani, 2000), ou, Religiões da Nova era (Cordovil e Castro, 2015), ou o circuito Neopagão (Cordovil, Castro, 2015), tendo o referencial a área sócio demográfica, observou-se uma revisão bibliográfica que tem como base uma pesquisa quantitativa e também qualitativa, com foco neste público-alvo. Sabe-se que houve uma dissertação de mestrado da Karina Oliveira Bezerra (2012), “A Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na religião Metropolitana de Recife”. Esta autora fez um mapeamento dos grupos wiccanos e pagãos na cidade de Recife/PE, utilizou o método survey para a aplicação de questionário distribuídos virtualmente, estes dados foram usados como referencial para entender os pagãos e os grupos formados em Macapá, a maioria, tem ensino superior, completo ou em curso, são solteiros e sem filhos, a idade dos interlocutores estavam entre 21 a 30 anos. O antropólogo, Magnani (2000) em seu livro “O Brasil da Nova Era”, traça um perfil dos frequentadores da Nova Era, segundo ele, a maioria são oriundos de classe média e apresentam auto grau de escolaridade, “e muito deles, em especial os que se dedicam de forma profissional, são herdeiros da tradição da contracultura dos anos 60. Houve uma outra pesquisa sobre este público, , bem recente, na cidade de Belém/PA, segundo Cordovil e Castro (2015, p.129):

Quanto à idade, é visível a maior frequência de jovens abaixo dos 30 anos nos rituais. Com relação à escolaridade, o praticante de Wicca possui grande acesso à leitura e alta escolaridade [...] Pelo contato que tivemos com os demais grupos neopagãos é possível dizer que este perfil jovem, escolarizado e de classe média predomina em todos eles.

No artigo: “Perfil dos adeptos e caracterização dos grupos místicos-esotéricos no Distrito Federal” (SIQUEIRA, Deis, et al, 2003, p.102-103) apontam:

A maioria dos adeptos é constituído por mulheres, é oriunda de outros estados ou regiões do País, têm alto grau de escolaridade, não moram sós e não heterossexuais. Trabalham, têm renda alta ou razoável e vivem do próprio trabalho [...] a maioria foi socializada em alguma religião tradicional, destacando-se o catolicismo, dados que confirmam a tendência ao declínio das práticas católicas institucionalizadas no mundo ocidental católico. O grau de satisfação dos adeptos em relação aos grupos é grande e, em sua maioria, acreditam que os mesmos estão satisfeitos com eles.

A maioria contribui financeiramente para a manutenção do grupo e no que tange a relação de gênero, há uma representação generalizada de relações equilibradas (dimensão ritualística, administrativa), mas, na realidade, ainda existe a predominância dos homens nos cargos com maior poder de decisão.

4.8.1. Resultados das Entrevistas

Os frequentadores do AmaPagão são formados predominantemente por jovens entre 16 a 28 anos que estão participando ativamente do grupo como membro, tem apenas uma pessoa que foi entrevistada, e declara pagã, participou do AmaPagão, tem 33 anos.

Com exceção de 1 membro entrevistado que está no terceiro ano do ensino médio, os demais estão no ensino superior, quer faculdades particular quer na universidade federal ou estadual, um entrevistado já possui um mestrado. A maioria é classe média, e duas pessoas, classe média alta. Todos os entrevistados são solteiros. O grupo é formado, a maioria, por homens, a orientação sexual divide-se em heterossexuais, homoafetivos e bissexual. A maioria é de cor branca e parda e que vive na casa de familiares e são estudantes.

Segundo Hervieu-Léger (2008, p.47), existem “aptidões para a bricolagem”:

Nem todos os indivíduos dispõem dos mesmos meios e dos mesmos recursos culturais para produzir seu próprio rol de crença.” ... A bricolagem se diferencia de acordo com as classes, os ambientes sociais, o sexo, as gerações.

Observe que os dados pesquisados a nível nacional são similares com os resultados obtidos em Macapá. Assim, entende-se que há um público específico consumir dos bens simbólicos pagãos. São pessoas predominante jovem, classe média e classe média alta, universitários e solteiros.

New Agers incorporam e hibridizam novos e antigos conhecimentos, no sentido de satisfazer demandas existenciais e materiais e gerar novos sentidos de vida. Diversos fatores motivam tal atitude: alta escolaridade, ceticismo, curiosidade, e mesmo certa ansiedade. Estas combinações ocorrem de forma intensa e contínua, estabelecendo-se potencialmente assim um processo de revisão permanente de práticas e crenças. (D'ANDREA, 2000, P.11)

Os “New Agers” discutido por esta autora pode ser interpretado como um pagão e compreende-se, para ter acesso à cultura pagã, por meio dos livros, acessórios, ferramentas, roupas tem que possuir, em regra, estes critérios estabelecidos, principalmente capital financeiro e cultural, a fim de que exista uma identidade bem formada.

Um dado interessante é que a maioria conheceu o AmaPagão por meio da internet, alguns foram por meio de indicação de amigos, alguns tiveram o primeiro contato com o grupo pelo antigo blog que estava no ar ou pela fan page no facebook, anunciando um evento ou divulgando os encontros com fotos e vídeos. Segundo a fala de alguns entrevistados, “D.M.L.S”: “Eu conheci o grupo, através de um compartilhamento do facebook lá do evento, uma amiga minha compartilhou e através deles eu tenho esse acesso e esse compartilhamento de informações”.

“Fala da Floresta”

[...]eu fiquei sabendo quando recebi uma notificação de facebook de curso que ia ter e estava sendo organizado pelo AmaPagão, eu pensei...égua.. mas tem isso aqui no Estado? eu achei que não tivesse, eu tinha pesquisa algo sobre o paganismo, mas só tinha achado a presença de skin dread, de asatru, e vi que tinha 2 no Brasil inteiro, e já tinha cerca de 8 meses que eu estava estudando né.. e eu ficava assim, pow será que eu sou o único cara que pensa assim no ESTADO? Porque não tinha realmente contato, não é uma coisa que você vá, sai no shopping e ver uma conferência, então é meio complicado encontrar, foi quase que por acaso, se eu tivesse procurado, talvez eu tinha achado umas duas, mas eu nunca pensado, ai esse pessoal, do AmaPagão, é o grupo que eu tenho conhecimento até agora, e eu frequento até hoje, e ele é muito abrangente.

Estes dois entrevistados são um exemplo que se pode observar em todas as demais. O primeiro contato com o AmaPagão ocorreu pelas redes sociais. O cyber espaço foi e é um lugar propício para uma primeira socialização com o grupo. Um entrevistado chamado “Tiago Paladino”, disse que procurou o grupo por dois motivos: por curiosidade, conhecer como funcionava um grupo pagão no Amapá, e segundo, para estabelecer contatos, isto é,

conhecer pagãos no Amapá, aprender com eles, compartilhar informações. Estes dois motivos, pode-se encontrar indiretamente a entrada de todos os pesquisados no AmaPagão.

Entre os entrevistados, apenas dois fazem parte de uma tradição, um é Wiccano, iniciado inclusive com a sacerdotisa do AmaPagão, Aislin, e outro, é Asatru, o “fala da floresta”. Os demais são pagãos que escolheram o caminho da auto iniciação, cultuam deuses e deusas de diversos panteões e transitaram pelo circuito-místico-esotérico. “Andressa de Souza” diz: “não tenho uma tradição, eu gosto de abranger bem geral porque não me limito a ficar em nenhum segmento, eu posso praticar qualquer coisa”.

A maioria dos entrevistados decidiu seguir o caminho da auto iniciação, segundo eles, permite uma maior liberdade de transitar entre as diversas vertentes sem estar vinculado permanentemente a um panteão e escolher, pessoalmente, quem adorar, quem prestar culto, quem realizará um ritual, a para quem ele fará um altar. Para seguir alguma tradição, o indivíduo, após passar por um ritual de iniciação, deve seguir aqueles valores, adorar os deuses de um panteão específico.

“Andressa de Souza”:

Eu imagino que cada segmento específico, quando tu te torna membro, eu quero fazer um ritual de iniciação para seguir tal segmento, então tu vai ter que levar aquele segmento a sério, você vai estar se dedicando aquele segmento, então eu imagino que isso te limite um pouco de tentar seguir outras vertentes.

“Fala da Floresta”:

“não precisa o porquê ter essa limitação, de nenhuma religião na verdade, a não ser aquelas que obriga você adorar outros deuses, no caso tu está submetido aqueles valores...não adianta que você é cristão e não se submete aos valores cristãos, você tem que seguir aquilo, porque se você não seguir aquilo, você não é cristão, então eu vi os valores no Asatru, os valores que eu realmente acho tem que ter pra se ter uma sociedade digamos equilibrada, uma sociedade honrada.”

Decidir fazer parte de uma vertente, ser iniciado a ela, é um assunto muito sério no meio pagão. O indivíduo entrará em um grupo que há hierarquia, cadeia de comando, e um

conjunto de regras e princípios para cumprir, além disso, o iniciado deverá adorar os deuses do panteão específico e “está submetido aqueles valores”.

O interlocutor “K.S.F.O.” disse que no mundo pagão tu não precisa necessariamente ser iniciado em nenhuma religião, mas, por cultuar a natureza, os ancestrais, honrar os deuses e deusas, tu é considerado pagão. Porém, não existe “conversão” no paganismo, existe “identificação”. A pessoa se identifica com determinado panteão ou vários e propõe-se a estudá-los, reverenciar seus deuses (as), realizar rituais e formar seus altares.

As pessoas entrevistadas conheceram o paganismo de diferentes formas, segundo “K.S.F.O.”:

Foi através de livros, eu comecei a comprar uma revista chamada Wicca, eu comecei a comprar era baratinha, comecei a ler e gostei do que eu estava vendo, por interesse próprio, não teve ninguém que me apresentou, existe um chamado da bruxa, as coisas começam a chegar mais fluente quando você tem um chamado dela, o mundo que tu não conhecia antigamente, começou a ter informações sobre ele.

Segundo o entrevistado, “J.A.T.L.J.”:

“Meu primeiro contato com o paganismo foi pela internet, até mesmo por conta de pesquisas que estava fazendo nem era sobre religião, era sobre coisas fictícias mesmo, era tava numa época que eu estava lendo muito sobre Harry Potter, e já estava jogando rpg de mesa, aí eu procurava nomes fictícios, aí foi que uma vez eu procurei sobre feitiços do Harry Potter, aí achei um site, achei um nome –, meio assim, aí eu fiquei olhando aquilo que não tinha nada a ver com o assunto do Harry Potter, aí estava lá o nome Wicca né, aí eu fiquei olhando, mas será que isso é uma coisa relacionada a outro tipo de jogo, pra ver como a pessoa já estava viciada, aí depois foi que eu fiz uma pesquisa baseada nisso, acho que eu tinha uns 10,11 anos, aí eu fiz uma pesquisa básica sobre o que era a Wicca, aí eu vi o que é básica, que sempre ver, é uma religião que envolve feitiços, considerada bruxaria né, e tem isso e aquilo relacionado a magia, aí eu fiquei assim, pera, será que isso existe, porque agente está mais acostumado com coisa fictícia, aí será que realmente existe, aí foi que comecei a procurar mais sobre.”

“T.S.N.”:

“Meu primeiro contato com o paganismo foi dentro da igreja católica, foi quando o padre, eu tava aprendendo, era coroinha, fazendo a primeira comunhão, tinha coisas que eu não aceitava, que jogavam tudo na minha cabeça, então fui pesquisar sobre o incenso, porque o padre estava querendo o incenso dentro da igreja, se não me engano, tinha cânfora, mirra, e tinha alguma outra coisa, e fui pesquisar sobre isso e descobrir que isto não era

elemento cristão, era muito anterior. O meu primeiro contato com o paganismo foi fazendo pesquisa na barsa, eu tinha 9 ou 10 anos, eu peguei a barsa e fui pesquisar sobre o incenso, ai falei, gente, não tem nada a ver com a igreja, vamo lá, fui pesquisar sobre vela, gente, as velas não tem nada a ver com a igreja, quer dizer, não são oriundas da igreja, do cristianismo”

A curiosidade de pesquisar sobre personagens e narrativas que se encontram em jogos, filmes, músicas, foi um ponto de partida para conhecer o paganismo, a busca por informações que estão fora do senso comum, a procura pela compreensão dos elementos culturais que fazem parte do mundo dos jogos, filmes, músicas e depois o aprofundamento e até a vivência daquilo que foi apreendido, caracteriza o comportamento destes jovens pagãos.

Entre as pessoas entrevistadas, o período no universo pagão, desde o momento em que a pessoa autodeclarou pagão, varia entre 2 a 20 anos. No momento que o indivíduo assume a identidade pagã, segundo as entrevistas, ele tem que passar por um processo de “autoconhecimento”, “a pessoa precisa se conhecer”, “tu precisa ter certeza de você”, diz a interlocutora “Andressa de Souza”. Existe uma procura incessante por parte do indivíduo, através de livros, filmes, músicas, a fim de encontrar a sua identidade pagã.

A interlocutora “Andressa de Souza” afirma:

Eu acredito que uma pessoa possa dizer, eu sou pagão, quando ela leu muito livros, teve muitos estudos, ela já pesquisou muito, quando ela tem certeza daquilo que ela acredita, quando ela tem certeza que é aquele seguimento que ela quer seguir realmente, pode-se declarar pagão, só que é complexo, porque no paganismo tem muitos seguimentos, tem segmentos africanos, tem indigenas, tem xintoísmo que ela é lá no japão, tem nórdica, celta, grega, indiana tem infinitas vertentes, então é difícil definir uma identidade dentro do paganismo e tem pessoas como eu que não segue nenhuma vertente.

O entrevistando “Thiago Paladino” disse: “Eu fui me descobrindo pagão”, segundo ele, torna-se pagão dia a após dia, não é algo imediato. Ele acredita na ideia da auto declaração, porém, “não acredita que ela é instantânea”, na verdade, “ela é um processo”. Ele demorou cerca de 10 anos para ter a certeza que era realmente um pagão, depois de muitos estudos, ele foi se descobrindo paulatinamente. Ele não se encaixou em todas as vertentes pagãs, ele não conseguiu ficar em uma tradição específica, Segundo “Thiago Paladino” houve um momento crucial neste processo de afirmação de identidade.

o que me levou a permanecer foi exatamente isso, ai eu opa, eureka, finalmente eu entendi por mais de 10 anos, eu descobri finalmente que é eu

posso... [...]quanto mais eu pesquisava, mais eu encontrava elementos que eu gostava e outros elementos que eu não gostava, quando descobrir que podia ser pagão e livre ao mesmo tempo, que eu descobri que existem várias modalidades de paganismo, e que eu poderia escolher inclusive, não ser de nenhum delas, quando eu descobri isso, aí eu encontrei a chave do meu santuário.

A frase “ser pagão e livre ao mesmo tempo” resume o pensamento de todos os entrevistados que não escolheram o caminho da iniciação. A liberdade de transitar dentro do próprio paganismo por meio das diversas vertentes, é uma característica marcante. A circulação sem vínculo permanente permite que o pagão desfrute de cada panteão com liberdade, agregando para si inúmeros símbolos e significados que provém de diversas culturas pagãs. Segundo “Thiago Paladino”: “você é pagão, quando você tem afinidade com as linhas gerais do paganismo”.

Os entrevistados nasceram, em regra, de famílias cristãs, catolicismo e protestantismo. Mas depois de um certo período algum membro da família foi para o espiritismo, Igreja Messiânica ou outra religião não cristã. Ninguém entre os entrevistados nasceu em lar pagão. Um dado relevante, alguns entrevistados disseram que existiam membros da família a qual se encaixavam no conceito pagão, mas eles não se declaravam, ou não conheciam o termo pagão, e se estivesse ouvido falar, tinha uma ideia estereotipada do termo. Segundo a entrevistada “D.M.L.S.”:

Levando em consideração ao conceito de pagão, teve uma vó minha, pelo conceito de culto a ancestralidade, rito para vários deuses, declaradamente posso dizer que não. Meus avós, minhas tias, eles cultuavam a floresta, mas não declarados, essas religiões europeus, americanas e tal.

Encontrou-se uma narrativa similar com o “fala da floresta”, pois, segundo ele, havia um avô que era ribeirinho e sabia mexer com as ervas, chá, as plantas e cultuava os espíritos da floresta. Antes de ter contato com o paganismo, a maioria dos entrevistados foi batizado na igreja católica, fazendo a primeira comunhão e até a crisma. Um entrevistado foi coroinha da Igreja Católica e um outro queria ser Padre quando adolescente. Outro entrevistado era espírita antes de declare-se pagão. Um ponto interessante é que, mesmo se declarando parte

do catolicismo ou outra religião, estes jovens tiveram um momento de crise de identidade⁸⁵ e transitaram por outros espaços sagrados, como Igrejas Evangélicas, Terreiros de Umbanda e Candomblé e uma entrevistada começou a fazer parte da Igreja Messiânica junto com sua mãe.

Esta crise de identidade, segundo Dubar (2006), está no seio da identidade pessoal. As crises tornam-se identitárias “porque perturbam a imagem de si, a estima de si, a própria definição que a pessoa dava de si a si próprio”. Esta crise rompe com a forma fixa que formava a identidade, a estatutária, e passa para um novo modelo. Segundo o autor, “toda a mudança é geradora de pequenas crises”: “é necessário um trabalho sobre si, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender outra vez, às vezes recomeçar do zero”. (DUBAR, 2006, p. 143).

Como consequência disso o indivíduo sofre o fenômeno “fechar-se sobre si próprio”. Este “está-se sozinho consigo próprio”, trata-se da refletividade, o si próprio reflexivo no trabalho no cuidado de si. Segundo Dubar (2006), deparar-se sozinho consigo próprio é, então, encontrar-se com laços “primitivo, primário ou primordial” familiares.

A identidade pagã é construída, inventada por meio das relações de poder. O indivíduo passa por um processo de identificação, estudos, conflitos. A crise de identidade contribui para que a identidade herdada ou estatutária do indivíduo (DUBAR,2006), neste caso, a religiosa, em regra, a cristã, possa ser colocado à prova, “perturbada”, seja colocada em choque e se possível, retirada de cena. Neste momento, o indivíduo começa a mudar seus hábitos, visões de mundo, lugar de convivências, contatos pessoais, “há uma perturbação das rotinas anteriores”, às vezes “começar até do zero”. “As crises identitárias acompanharam todo o curso da existência porque esta última se tornou, para todos, de diversas maneiras, incerta e os percursos da vida cada vez mais diversificada.” (DUBAR, 2006, p.163)

Mas esta identidade que está sendo formada, em regra, cria-se a partir de “formas identitárias inicialmente definidas”. Mas este autor evidencia que “Existem vários tipos de identidade pessoal, várias maneiras de construir identificações de si próprio e dos outros,

⁸⁵Termo utilizado por Claude Dubar no livro crise de identidades. Essas crises são: encerramentos de fábricas, recusa de contratações, recusa de reconhecimentos, insucesso escolar, abandono brutais”. (DUBAR, 2006, p.145).

vários modos de construção da subjetividade, ao mesmo tempo social e psíquica (DUBAR, 2006, p.149).

Por isso que não há pagãos parecidos, iguais, que acreditam na mesma coisa, dentro do AmaPagão. Aqueles que fazem parte da mesma religião, como por exemplo, Wicca, não adoram necessariamente todos os deuses celtas, nem são obrigados a fazer os mesmos altares e rituais. Existe uma escolha pelos deuses que vão cultuar, o altar e ritual que acham mais conveniente, ou de acordo com o chamado do Deus ou da Deusa. Aqueles que escolheram ir pelo caminho da auto iniciação, tem uma forma subjetiva e singular de cultuar seus Deuses e Deusas e realizar seus altares e rituais. O mais interessante é que observa-se a presença de elementos ou ideias criadas e construídas pelas identidades herdadas, no momento em que este indivíduo está criando uma nova identidade, a partir da crise. Mas cabe ele escolher dar continuidade a estes elementos ou não. Eu encontrei no discurso de um interlocutor pagão que, no tempo do Círio, ele faz algumas oferendas para Maria, neste período, segundo ele, existe uma energia muito forte, boa e saudável na cidade. Em uma das visitas no encontro AmaPagão, um jovem disse que fez oferendas de flores a Maria, Jesus, e no final da oferta, ele sentiu cheiro de rosas. Porém, tem pagãos que não se aproximam e nem aderem elementos da religião cristã, pois acreditam que, a identidade pagã deve ser fortalecida a partir de uma negação desta religião,

...Para se apropriar de outra identidade (estatutária, por exemplo) é necessário uma conversão que implica a dissociação da nova identidade para si com a antiga identidade inválida seguido do acesso ao reconhecimento pelo outro desta nova identificação para si. (DUBAR, 2006,150).

Observa-se que os entrevistados, afirmam a sua nova identidade e são reconhecidos como tal a partir de uma ruptura de vínculo com a “velha identidade”, no entanto é “preciso encontrar novos outros para validar esta nova maneira de dizer quem se é, de passar dum mundo ao outro, de argumentar as novas visões de mundo”. Conhecer o panteão nórdico, celta, egípcio, e procurar se conhecer por meios das leituras e rituais, criando novas visões sobre a realidade e si mesmo, empreende um novo eu, carregado de uma bricolagem de significados, representações e simbolismos.

Este novo modo de viver, de entender a vida, novas redes de contatos, pode-se chamar de Identidade reflexiva⁸⁶. Esta não se constrói isoladamente, “mas necessita de experiências relacionais que constituem ao mesmo tempo oportunidades e provações” (DUBAR, 2006). Além disso, ela se distancia dos papéis sociais, podendo dialogar com o Castells (1999), quando ele afirma que identidade é diferente de papéis, pois aquele é mais significativo. Pelas observações feitas em campo, eu consigo encontrada nos participantes do AmaPagão esta *identidade reflexiva*.

A distância em relação aos papéis, marca essencial da consciência reflexiva, é também a condição de construção duma identidade narrativa. A distanciação torna-se assim um recurso importante que permite reconstruir novos projetos, reinterpretar de forma diferente a sua história passada e comprometer-se subjetivamente numa história pessoal, sempre por inventar, que não se reduz a uma trajetória social objetiva. (DUBAR, 2006, p.171)

Apesar de existir a possibilidade do pagão ser influenciado pela religião familiar, em regra, cristã, cabe a ele a decisão, de distanciar-se disso ou não. Entretanto, se a pessoa tiver uma “consciência reflexiva”, ela se distancia com mais facilidade podendo criar uma vida singular e subjetiva.

Este sujeito socializado, de maneira societária e não só comunitária, pôde aprender o desdobramento de Si e do Outro: o Si, o Alter Ego, são identidades para si que resultam duma interiorização reflexiva, dum processo de tomada de consciência (identidade reflexiva) que permitem a construção progressiva dum projeto pessoal (DUBAR, 2006, p.151).

Depois de certo período de crises, conflitos, contradições existenciais; depois de leituras, diálogos, pesquisas, visitas a rituais, o indivíduo tem uma “tomada de consciência” (identidade reflexiva) sobre a identidade pagã em construção. Na entrevista, “Thiago Paladino”:

aí eu opa, eureka, finalmente eu entendi por mais de 10 anos, eu descobri finalmente que é eu posso, porque eu também não me encaixava em todos os elementos pagãos, todas as tradições pagãs, tanto que eu não tenho tradição nenhuma, então tu vai e te descobri, e tu descobri que tu pode simplesmente não ser de nenhuma dessas linhas pagãs que se tratam de ideias comuns do

⁸⁶é uma apropriação subjetiva da identidade cultural ou estatutária atribuída (e por vezes herdada) que ganha a forma duma pertença... é complementar dum projeto de vida que não coincide com a pertença atual (cultural e estatutária). Ela implica a construção duma forma narrativa que serve de suporte à apresentação subjetiva de si.(DUBAR, 2006, p.149-150)

paganismo e você se descobre pagão, você é pagão, quando você tem afinidade com as linhas gerais do paganismo.

Acontece uma ruptura de valores, um choque de comportamentos,

A identidade pessoal é uma configuração dinâmica de todas as identificações cujo projeto de vida (identidade narrativa) assegura a coerência íntima... a configuração que resulta desta socialização primária só é geralmente provisória: ela deverá (e poderá) ser alterada e reconstruída ao longo da vida. (DUBAR, 2006, p. 151).

Conclui-se que a identidade dentro do AmaPagão é presente, pois existe uma autoafirmação, auto definição nas entrevistas, porém estas fronteiras ainda estão em processo de construções, devido a um contexto líquido e incerto. É bem parecido com a identidade mencionado por Hall (2001), o terceiro tipo, ela está em crise, não é permanente. Estes participantes estão vivendo ou passaram pela “crise de identidade” mencionada por Dubar (2006) e pela “crise de transmissão”, defendido pela Hervieu-Léguer (2008). Se todos vieram de uma família cristã e depois das crises identidades, houve uma quebra da identidade herdada e a criação de uma identidade reflexiva, o pagão na Amazônia estrutura seu eu a partir de um ato individual e influenciado pelos efeitos da modernidade e do espaço onde vive. Ser pagão dentro do grupo não é ter um papel, mas sim uma identidade, pois há um processo de autoconstrução e individuação que está sendo desenvolvida a medida que este indivíduo ler livros, assisti documentários, filmes e participa de reuniões, rituais e encontros dentro do AmaPagão. O que existe é uma identidade de resistência, nos participantes do AmaPagão, tentando criar uma cultura pagã diferente da cultura dominante, cristã.

Toda identidade é uma ritualização. Os membros do AmaPagão que criaram o grupo tinham uma identidade pagã, participam de panteões "estrangeiros". Eles cultuam e estudam panteões de diversas parte do mundo. No entanto, quando este conhecimento pagão é “importado” para Macapá, o saber local não é meramente substituído pelo saber global, de acordo com as discussões de Hall (2005), isto não ocorre. A identidade local é construída, a partir das identidades globais, porém ela não é eliminada. Quando a identidade é criada em Macapá, contexto local, o “eu” entra em um conjunto de significados locais e reinventa-se. E agora começa a iniciar um processo de construção de identidade local, isto é, não é somente o culto aos "deuses estrangeiros", mas inicia uma preocupação também para o culto, melhor

dizendo, por uma busca pelo culto e reconhecimento das divindades e saberes tradicionais locais. Uma preocupação com a terra, com o folclore e cultura local.

À medida que um indivíduo inicia seu processo de buscar por conhecimento pagão através de leitura de livros principalmente, inicia uma ritualização de identidades. É preciso reconhecer os símbolos, saber o nome de algumas “pedras mágicas”, dos "pós mágicos" e outras ferramentas e recursos que serão utilizados posteriormente em alguma atividade pagã. Mas essa ritualização pode ocorrer de diversas formas. Uma delas é entrando em uma tradição ou coven onde a pessoa terá que obedecer todas as regras e procurar seguir precisamente as ordens da liderança, ou ele pode conhecer vários panteões e através de leituras específicas, irá apreender termos técnicos (vocabulário), terá habilidade para fazer rituais e manusear a magia e energia.

Dentro dos papéis de universitário, solteiro, filho, heterossexual ou não, eles assumem algo mais que um papel, aderem a uma identidade pagã que traz um sentido muito significativo. Estes indivíduos ao fazer parte de uma tradição, não o impede de cultuar outros panteões ou transitar em outras religiosidades. De uma forma ou de outra, esse indivíduo tem múltiplas identidades e ela está sempre em crise, em transformação e sempre delimitando fronteiras, pois o indivíduo diz que, ser pagão não é ser cristão ou aderir qualquer religião monoteísta que destrói os princípios básicos do paganismo, o politeísmo, culto a natureza (sacralização, divinização dela) e culto a ancestralidade.

Autores como Magnani (2000), Hervieu-Léguer (2008), Siqueira (2013), falam sobre a existência de uma bricolagem no campo religioso atual. E pelas observações feitas no grupo, presencia-se este fenômeno, uma mistura de crenças, práticas e estudos sobre espiritualidades, religiosidades e religiões. Essa bricolagem existe internamente, pois o indivíduo, principalmente o auto iniciado ou chamado de solitário, pode criar sua identidade pagã, tendo experiências no Asatru, Wicca, Reconstrucionismo Celta e outros; e, uma bricolagem externa, pois estas mesmas pessoas, além do saber e conhecimento de diversas vertentes pagãs, experiencia e transita nas religiões afrodescendentes, espírita, budista, messiânica, xamânica, iniciática.

Eu encontro um tipo específico de paganismo local (identidade local) e brasileiro, chamado de “paganismo piaga”⁸⁷, localizado na cidade Piauí, na Vila Pagã. Existe o culto de divindades locais do Piauí em harmonia com divindades “estrangeiras”. A partir disto, ponho eles como referência para reflexão do problema levantado neste trabalho e pergunto se existe um possível, “paganismo tucuju”⁸⁸. A possível diferença inicial é que, os “piagas”, no Piauí, declaram-se parte deste tipo de paganismo. No entanto, os participantes do AmaPagão, não se identificam como tal. Esta expressão está sendo utilizada por mim para uma possível interpretação desta identidade pagã a qual está sendo formada e transformada nas terras amazonas. Eu fiz a pergunta para alguns interlocutores, se existe em Macapá, uma identidade local no paganismo⁸⁹.

Segundo “Sullivan”: “Existe as entidades locais, mas o contato com as entidades, mitologias locais ainda é pouco, ainda não tem uma identidade local no paganismo, eu não considero que haja aqui uma identidade local”. De acordo com “Tiago”: “Existe (identidade), mas ela não é contemplada, ela tá solta, ela faz parte de nossas vivências, precisa buscá-la”.

Conforme a “Marina”:

“Bom, é, assim com a essa, porque na nossa cultura religiosa, eu falo assim da indígena, culto afro, eu ainda não enxerguei uma só, eu enxergo uma salada assim de muitas coisas, é eu fiz um estudo sobre as pinturas mágicas do waiãpi, ai eu percebi que varia muito as linguagens de uma aldeia pra outra, as pinturas, os grafismos né, de uma pra outra, porque a gente tem um ideia que eles entendem entre si, mas não é bem assim, nesse ponto de vista

⁸⁷“uma tradição politeísta e pagã, nascida no estado do Piauí. É um sistema religioso baseado nos princípios filosóficos, religiosos e culturais do paganismo, podendo ser definido como um culto da terra. No Paganismo Piaga os adeptos são denominados "Piagas", "Pagãos Piagas" ou simplesmente "Pagãos". O termo Piaga deriva do idioma Tupi (pagé, paíé, piaga) e é utilizado como sinônimo das palavras curandeiro, feiticeiro, sacerdote, líder espiritual, propagador de fé. Segundo historiadores como Ludwig Schwennhagen, o termo Piauí significa, literalmente, Terra de Piagas. Os Piagas teriam sido o povo de culto solar que habitou a região norte/nordeste brasileira no período pre-cabralino. O termo "Cultus" originou palavras como “cultura” e “cultivação” que significa “cuidar”, “nutrir”. Ou seja, o culto piaga é o cuidado e o carinho para com os Deuses. No caso do termo “piaga”, é uma especificação que revela a ligação do culto com o próprio Piauí, com as divindades nativas da terra em harmonia com as divindades “estrangeiras”. O termo “Piaga” é interpretado como “propagador de religião”, “sacerdote curador”, “Pajé ou Xamã”. Nessa espiritualidade existem posturas culturais específicas difundidas entre os adeptos, mas não há um “livro sagrado” ou uma forma única de vivenciar a espiritualidade piaga. É um sistema religioso que abraça diversas práticas e tradições...” (<http://paganismopiaga.blogspot.com.br/p/o-que-e-paganismo-piaga.html> acesso em 07/11/16)

⁸⁸Tucuju significa, grosso modo, uma Etnia indígena que habitava a margem esquerda da foz do rio amazonas, onde atualmente localizar-se a cidade Macapá capital do estado do Amapá.

⁸⁹ Alguns falaram que já existe uma identidade pagã a nível nacional, a comunidade está se articulando nacionalmente através de instituições, representantes em comissões de direitos humanos e diversidade religiosa, participam de debates sobre intolerância religiosa ao lado de representante de outras religiões.

ai, esse paganismo tucuju ainda não enxergo uma coisa afável, como a gente tem lá no Piauí”.

Essas três falas, demonstram que, ainda se precisa conhecer mais as divindades da terra, construir laços com estas divindades, suas histórias, crenças, saberes tradicionais. Porém, houve uma entrevista que mudou um pouco os caminhos desta pesquisa, e ajudou-me a afirmar que existe uma identidade pagã em Macapá, além disso, uma identidade local, mesmo que seja mínima. A entrevista com o interlocutor “fala da floresta” (fiz a pergunta se havia paganismo local). Ele me concedeu a resposta chave para o problema inicial da minha pesquisa, diz o entrevistado:

eu posso falar somente por mim essa questão, mas eu acredito que não dá para fugir do meio que você vive. Então é algo que meio inevitável e eu amo morar no norte do Brasil sabe, apesar de o Asatru ser do norte da Europa e tal, e eles tem uma natureza bem diferente daqui, mas pra mim Gaia é Gaia, não importa onde você está, vai ser o mesmo chão.

Depois desta fala, percebi que as divindades, na visão dele, não se limitam em fronteiras, divisões geográficas e culturais. A deusa Gaia, abraça a todos, e quem quiser abraçá-la, independentemente do local, pode assim o fazer. Logo, posso criar um conceito que pode dialogar com esta identidade, um possível “paganismo tucuju”. Este termo não se define pelo local onde este indivíduo está adorando as divindades. A definição se estabelece a partir da maneira ou da forma como o indivíduo se relaciona e interage com a divindade, com o sagrado⁹⁰, isto é, por meio da liberdade individual, ele (a) decide qual o caminho que será construído na sua identidade religiosa. Ninguém ordena o que ele deve fazer. Escutei alguns entrevistados, e falaram que, antes de qualquer culto para as divindades de seu panteão, religião, pode ser divindades “estrangeiras ou não”, ou antes, de um pagão entrar em alguma cidade, ou floresta, ou rio, ele deve pedir licença a divindades daquela terra. O pagão na Amazônia pode cultuar “deusas e deuses estrangeiros ou importados”, mas antes de reverenciá-los, precisam respeitar as divindades locais. Todo e qualquer pagão assim procedem, pois faz parte de sua cultura. Além disso, ele transmuta o lugar onde vive, em espaço sagrado, não importa o lugar ou momento, pode existir uma manifestação hierofânica. Então, existe uma identidade local, chamada “paganismo tucuju”, mas ela é frágil, está em

⁹⁰Esta conclusão que cheguei foi fortemente influenciada pelo conceito de magia trabalhado pela Leila Amaral (2000). Conceito este discutido durante o desenvolvimento do trabalho.

crise e em transformação, primeiro porque ele respeita as divindades locais e segundo, cria uma relação com o lugar onde vive, transformando-o em sagrado.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho preocupou-se em esclarecer inicialmente o conceito do paganismo, sua história, princípios, principais características na visão de autores científicos, não científicos e dos interlocutores. Esta abordagem foi de suma relevância para dar início a este trabalho, pois, o leitor pôde se familiarizar com o tema. Mesmo que os entrevistados não tiveram acesso aos autores que trabalham cientificamente o termo, percebeu-se uma sintonia, consonância com alguns conceitos trabalhados na academia. Outra proposta neste capítulo era conceder ao pagão macapaense uma oportunidade de se expressar sobre como ele pensa e reflete sobre si mesmo.

Depois destas discussões, percebeu-se que, no campo religioso brasileiro atual, ainda encantado (depois da segunda metade do século XX, com novas formas de encantamento) assume características peculiares a qual o protagonismo principal está no indivíduo. Ele assume a cena, tem autonomia na escolha, percorre caminhos antes jamais vistos e vivenciados pelos seus pais. Exemplo disso pode-se falar dos “sem religião”. Foi discutido que, os participantes do AmaPagão estão inseridos nesta categoria do IBGE e encaixam-se no perfil do “mutante religioso” e por meio da relação que eles têm com o espaço urbano, constrói a sua identidade, mediante bricolagem.

Por fim, o AmaPagão é apresentado como um grupo pagão, aberto, sem hierarquia, dogmas e diverso. As pessoas que transitam por este grupo, participam das atividades, sem nenhuma obrigação de vínculo e escolhem o caminho espiritual que querem seguir.

A identidade formada entre os participantes do AmaPagão, de fato, é por meio de uma bricolagem, mas demonstrou que, não basta apenas o indivíduo autodeclarar-se pagão, as entrevistas e o debate teórico posto aqui, demonstrou que, para tornar-se pagão é necessário participar de um ritual de passagem, isto é, ler livros, procurar informações, conhecer a si mesmo, se possível, ter algumas vivências em grupos ou experiências pessoais ou coletivas com divindades, aprendendo a fazer altares e conhecendo toda a cultura pagã: “as pedras mágicas”, saber do “ano sagrado”, os rituais, a mitologia, e outros. Este processo é construído por meios de crises de identidade, crises de transmissão. Durante as entrevistas, observou-se que, a presença de elementos cristãos, pode ou não, ser levado em consideração para

afirmação da identidade pagã, pois, como foi demonstrado nos relatos, existem grupos pagãos, como Wicca, que trabalham com os anjos, demônios, a presença de Jesus e tem pagãos em Macapá, que não abandonam a identidade religiosa herdada e, chega ir até no Círio ou respeitam estas divindades.

Eu não posso entender o AmaPagão como uma igreja, e muito menos como um grupo que está caminhando para um processo de institucionalização, pois observei que eles não querem formar membros definitivos, não cobram uma taxa (dízimo) para a manutenção do grupo, não tem hierarquia e nem dogma. Se uma pessoa “olhar de fora” o grupo, e ver este buscando apoios e parcerias de outros grupos a nível nacional e internacional, pensam que eles estão querendo se fortalecer para ser uma opção forte na "concorrência religiosa" dentro do espaço urbano de Macapá e estão à procura de institucionalização e representação. Mas não é isto que observo internamente. Agregar pessoas e contribuir para uma melhor sociabilidade, pode ter outro significado. E qual seria? Primeiro é um reconhecimento simbólico dentro da comunidade pagã (é questão de legitimidade mágica, ou reconhecimento mágico) e segundo, a criação de um clima de lazer e sociabilidade para compartilhamento de ideias e experiências “mágicas”. Eu chamo isso de "poder mágico compartilhado", isto é, pagãos marcam um dia, hora e local, reúnem-se, transformam aquele lugar em um espaço sagrado e utilizam o trabalho de energia, ação consciente, para suprir algumas necessidades pessoais, A identidade é afirmada com o apoio de outros grupos, sim, mas não é para entrar no mercado religioso, mas para legitimar-se como um grupo pagão dentro de um “circuito mágico”. Por não ter um caráter proselitistas e dogmáticos, o Amapagão não se preocupa em atrair novos membros, a divulgação acontece de fato, mas é para demonstrar um caráter democrático aberto de grupo. Apesar de a maioria nascer em berço cristão, como demonstram as entrevistas, eles recusam qualquer possibilidade de institucionalização.

A proposta de reconhecimento social da identidade pagã existe, pois o Dia Mundial da Deusa, Dia do Orgulho Pagão, são exemplos que confirmam esta ideia, porém, pelo que observei e mediante as entrevistas realizadas, afirmo que isto é um objetivo secundário. Por não ter um caráter proselitistas, dogmático, hierárquico e fechado, diferentemente de uma escola iniciática, o grupo abre espaço para pagãos e não-pagãos. A sua proposta é promover a sociabilidade e fortalecer-se espiritualmente e não se consolidar como um grupo institucionalizado.

Eu faço algumas sugestões para esta pesquisa: nos debates sobre diversidade religiosa, liberdade religiosa, laicidade, pode-se colocar no debate este movimento que está crescendo e se estruturando ano após ano no Brasil e no Mundo. Novos seminários, congressos, mesas redondas devem ser feitas para fomentar o debate deste Novo Movimento Religioso. Um dos principais motivos, a meu ver, é instigar o debate acadêmico a fim de compreender e sistematizar uma possível identidade social pagã, conseqüentemente, pode-se estimular a inserção nos questionários do IBGE o termo pagão, neopagão, paganismo contemporâneo ou moderno, ou as religiões que fazem parte desta categoria como Wicca e Asatru.

Conclui-se que, depois de estudar os frequentadores do AmaPagão, surgiu várias reflexões para utilização desta pesquisa em diversas áreas. Estudando o grupo a ser pesquisado, apareceu outras discussões como, por exemplo, a questão de gênero nas atividades realizadas pelo AmaPagão por meio do sagrado masculino e sagrado feminino e a questões sobre o ensino religioso nas escolas (liberdade religiosa). Pode-se fazer uma cartilha falando sobre o paganismo em Macapá, com bases na pesquisa realizada neste trabalho, explicando sobre o AmaPagão e as vertentes existentes na cidade, além das Religiões da Nova Era (o mapeamento feito por mim) que ocupam o espaço urbano a fim de que toda a sociedade civil possa ter conhecimento.

O paganismo pode ser ensinado como disciplina tanto em ensino religioso quanto em escolas de teologias (proponho aqui novas discussões para a formulação do currículo escolar nestas instituições, inserindo o paganismo) e o AmaPagão e as religiões que a compõe podem ser utilizadas como exemplo. Pode-se esclarecer para estudantes e sociedade civil que existe paganismos em Macapá (Indígena, religiões afrodescendentes, afro-brasileiras, e o saber tradicional das populações tradicionais, isto é, as crenças nas entidades “dos povos da floresta”, o saber da ervas, o respeito pelos “encantados”, os “espíritos do rio, da floresta”, o saber das parteiras, o saber do clima e das estações da Amazônia. Todo este conhecimento são saberes pagãos em terras tucujus, praticados e vivenciados pelos ribeirinhos (as) e outras culturas, oportunizando uma criação de uma identidade local.

Há um paganismo em Macapá, eu chamo de “paganismo tucuju”, é uma forma particular de cultuar a divindade, os seus ancestrais (familiares e pessoas que foram importantes em sua vida e não estão vivos) e a natureza (a floresta amazônica), abrindo mão de uma identidade religiosa herdada, e criando uma identidade pessoal, reflexiva e narrativa.

Esta nova identidade consiste em ocupar espaços públicos por meio de encontros e eventos abertos a comunidade, como por exemplo, no “Dia do Orgulho pagão”. O pagão em Macapá, não precisa estar engajado em questões políticas ou preocupar-se em cultivar “deuses da terra”, e nem dar justificativa para grupo X ou Y. Ele é livre e decide se fica no grupo ou não, quantos deuses ele deve e pode adorar, quantos panteões deve seguir, quantos rituais deve realizar, quantos altares construir. A “paganidade tucuju” encontra-se na liberdade do indivíduo em autodeclarar pagão, mas não só isso, passar por um processo de estudos e profunda dedicação em aprender e vivenciar a cultura pagã, não importando a sua tradição, grupo ou trajetória de vida, mas adotando perante os demais um estilo de vida único, ser pagão em terras tucujus.

Apesar de não haver uma reverência total aos “deuses tucujus”, os participantes do AmaPagão que se declaram pagãos, antes de realizar seus rituais, pedem permissão, dão as boas vindas as entidades locais, oferecem até oferendas para eles. Há um respeito pelas divindades da região onde o pagão está localizado, procurando saber, inclusive, um pouco da mitologia, da ancestralidade, isto é, das pessoas importantes que deixaram rastros de bondade, benevolência, amor e dignidade da respectiva cidade. Ser pagão em terras tucujus é escolher um caminho diferente proposto por religiões que destoam das características e princípios pagãos. É escolher a (s) sua (s) divindade (s) de acordo com a sua conveniência e qual panteão irá estudar e cultivar.

ANEXOS

Encontro social pagão está presente em todos os estados do Brasil. Aqui consta uma tabela sobre todos os encontros:

Região	Representante	Grupo
Acre	ALLAN MONFER	ESP®Acre
Alagoas	Temporariamente sem organizador	
Amazonas	IZAVANNA SOUZA MÁRIO KÁSSIO	ESP® Amazonas
Amapá	AISLIN LUNA (Samara de Oliveira) Galdax (Everaldo da Silva Vasconcelos) Gulval (Auridan Padilha Peireira Junio)	ESP® Amapá
Bahia	LUCAS OLIVEIRA Wanderlust (MARCOS LEITE CARVALHO)	ESP®Bahia
Recôncavo Baiano	Zagreus Lukius Lvnae(Jaiadeva Gosvami Seus)	ESP®Recôncavo Baiano
Ceará	Temporariamente sem organizador	ESP®Ceará
Distrito Federal	AGHATOS ATHENODOROS	ESP®Distrito Federal
Espírito Santo	Temporariamente sem organizador	ESP®Espírito Santo
Goiás	Rowenna Fey (Mônica de Oliveria) Álex Hylaios	ESP®Goiás
Maranhão	Temporariamente sem organizador	ESP®Maranhão

Minas Gerais	Cadmo Nereu (Jordan Ramos Santos) Gaivs Marcelivs (Júlio Freitas)	ESP® Minas Gerais
Ipatinga e Região do Vale do Aço	Viviane Dulac Círio Passos	ESP®Ipatinga e Região do Vale do Aço
Mato Grosso do Sul	Hugo César Keila Martins Renan Ryan	ESP®Mato Grosso do Sul
Mato Grosso	Isabella Batista	ESP®Mato Grosso
Pará	Silmara Pereira Stefanie Gama Mayra Daron Sttefane Trindade Ôrion Agreus	ESP®Pará
Paraíba	Emyrs (Saulo Gimenez Ferreira Reibeiro)	ESP®Paraíba
Piauí	Raj Endi Porã (Rafael Nolêto) Ventania (JP SANTOS) HERA REGINA	ESP®Piauí
Paraná	Temporariamente sem organizador	ESP®Paraná
Rio de Janeiro	Morpheus Do Coven Alkatheia Jacymara Silva Vanny Freydóttir (Vanessa Borges) Pandora S (Carolina Paiva)	ESP®Rio de Janeiro
Região dos Lagos	Nikta (Mere Carvalho)	ESP®Região dos Lagos
Natal	Verena Medeiros	ESP®Natal

	Geffo Pinheiro	
Extremoz	(Meow) Tonny de Lima Jr.	ESP® Extremoz
Rondônia	Pedro Pamplona	ESP®Rondônia
	Gustavo Braga	
Roraima	Temporariamente sem organizador	ESP®roraima
Santana do Livramento	Paola Moon	ESP®Santo do Livramento
Passo Fundo	Liten (Roger da Fonseca)	ESP®Passo Fundo
	Domme keka (Sara Kelly Gasparetto Rosseto)	
	Paulo Eduardo Santos	
Santa Catarina	Diego Machado	ESP®Santa Catarina
Sergipe	Temporariamente sem organizador	ESP®
Barretos	Zhukaya (Monise Andrade)	ESP®São Paulo
Botucatu	Temporariamente sem organizador	
Santos	Guilherme Andrade	ESP®Santos
	Jachson Bisco	
São Paulo	(Demétrio Solís) Leonardo Martinez	ESP®São Paulo
	Aros S Amores (Bruno Cariad)	
	Lumina Eterna	
Vale do Paraíba	Lua Serena (Maria Augusta Almeida Funicelli)	ESP®
	Rebeca Lemh	
	Aracne Panter (Tathi Bruno)	
	Maíra Andrade	
	Aline Pandora	
	Connan McFerris (Felipe)	

Fernandes)
Tocantins Hud (Hudson Heryheru ESP®
Araújo

Fonte: <http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus> acesso em 15/11/2016

Tabela que mostra as atividades do ESP

ESP®BR	<p>Encontro anual em comemoração ao aniversário do ESP®, realizado sempre no mês de Setembro, no Rio de Janeiro. Os objetivos são comemorar mais um ano do evento e reunir os Organizadores, Colaboradores e Freqüentadores, além de promover a partilha de conhecimento e a UNIÃO dos pagãos de qualquer vertente. O evento é realizado pelos Organizadores do ESP®RJ e pela Diretoria do PGP®. Consiste em um final de semana inteiro de palestras, workshops, dança ou quaisquer outras atividades sobre a arte e cultura pagã. Realiza-se também a Feira de Trocas (objetos de cunho pagão) e Cantinho do Livro (livros pagãos/esotéricos). Recebendo Palestrantes e Organizadores de outros estados, o que propicia a troca de informações sobre o Paganismo no país.</p>
ESP® Pagãozinho	<p>Encontro anual e local voltado às famílias pagãs, tendo como objetivos a troca de experiências entre as mesmas, promover a socialização dos Pagãozinhos e celebrar a Criança Interior. Entre as atividades estão dramatizações de mitos e contos pagãos, atividades lúdicas para os pequenos e a promoção de uma gincana para os adultos. Realizado no mês de Outubro.</p>
FestvESP® ESP® Oráculos	<p>Encontro voltado a vivências, workshops, oráculos, dança, música, poesia, dramatizações e artesanato pagão. A proposta é divulgar artesãos e integrar a comunidade com atividades lúdicas.</p> <p>Tarde de oráculos, onde oraculistas responderão a três (3) perguntas em troca de alimento não perecível, ração, fraldas, etc, que serão doadas a alguma instituição.</p>

Dia da Consciência Pagã

A entrega do que for arrecadado será devidamente documentada através de fotos.

PAGÃO MOSTRA A TUA CARA! Essa é a definição desse dia. Celebraremos nossa paganidade e a pluralidade do Paganismo em suas variadas sendas e caminhos com orgulho. Usaremos esse dia para promovermos o respeito e inclusão na sociedade, esclareceremos e tentaremos desmistificar o que é ser pagão. Lembraremos da laicidade do país e o direito que temos as nossas crenças. Promoveremos debates sobre a intolerância religiosa, cantos, palestras, oficinas. Sempre no terceiro Domingo de Junho!

Fonte: <http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus/projetos> acesso em 15/11/2016.

APÊNDICE

Modelo da Entrevista

Nome:

Idade:

Estado civil:

Renda familiar:

Orientação sexual:

Cor:

Escolaridade:

Profissão:

Alguém da família foi pagão? Religião, Família?

Qual era sua religião?

Faz parte de alguma vertente pagã?

Qual o período de paganismo?

O que é ser pagão?

Como você conheceu o paganismo?

Qual a diferença entre paganismo e neopaganismo?

Amapagão, como você conheceu o grupo?

Conhecia outro grupo antes do AmaPagão? Se sim, como era?

Existe identidade pagã em Macapá?

Existe conflito entre vertentes dentro do grupo?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, Ronaldo de; MAFRA, Clara. *Religiões e Cidades*. Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000. 230 p
- BAUMAN, Z. 2001.2005a. *Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro : J. Zahar.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. 2000. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp. 399 pp.
- CAMPBELL, Colin. *A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n.º 1, 1997.
- CARVALHO, José Jorge. *Um espaço público encantado: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil*. *Série Antropologia*, 249, Depto Antropologia-UNB, 1999, (pp. 01-22)
- CASTELLS, M. *O poder da identidade. A Era da informação: economia, sociedade e cultura*. V. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso de estudantes universitários*. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CORDOVIL, Daniela e CASTRO, Dannyel Teles de. *Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões da Nova Era em Belém, Pará*. *Estudos da Religião*, v. 28, n.2. 115-137. jul-dez.2014.
- CORDOVIL, Daniela e CASTRO, Dannyel Teles de. *Urbe, tribos e deuses: Neopaganismo e o espaço público em Belém*. *PLURA. Revista de Estudos da Religião*, vol.6, n.2, 2015, p.116-139. Dossiê “As religiões da Amazônia”
- D’ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era. Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. Edição Lyola, 1996.
- DEIS, Siqueira e Ricardo Barbosa (orgs.). *Sociologia das Adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil - Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003*.

- DUBAR, Claude. “A Crise das Identidades”, in ____ A Crise das Identidades: a Interpretação de uma Mutação. Trad. Carina Matos. Rainha & Neves, Ltda/ Santa Maria Da Fieira, 2006.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: la identidad deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, 172p.
- FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre. Bookman, 2004 e Artmed, 2009.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.
- GUERREIRO, Silas e LOPES, Marina Silveira. Druidismo à Brasileira. Um exemplo de ecoreligiosidade na sociedade atual. Caminhos, Goiânia, v.8, n.2. p.11-24 jul/dez.2010.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.102p
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido – a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HIGGINBOTHAM, Joyce e River. Paganismo: Uma introdução da Religião Centrada na Terra. Tradução de Ana Carolina Trevisan Camilo. editora Madras. 2003.
- HOLZER, Hans. Os novos pagãos. Tradução de Marli da Silveira Pereira. Distribuidora Record. Rio de Janeiro-São Paulo. 1972.
- LANGER, Johnny; CAMPOS, Luciana de. The wicker man: reflexões sobre a WICCA e o NEO-PAGANISMO. Vol.4, ano IV, n.2., 2007.
- LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. As controvérsias entre cristianismo e paganismo a partir das crônicas da destruição do Serapeum de Alexandria (391 d. C.) nas obras de Rufino de Aquileia, Sócrates de Constantinopla, Teodoreto de Ciro e Sozomeno. Monografia apresentada no curso de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MAFRA, Clara. Número e Narrativas. Debates no Ner, Porto Alegre, Ano 14, p. 13-25, Jul/Dez.2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Brasil da Nova Era. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática. São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010. Debates do NER, PORTO ALEGRE, ano 14, n.24. p.119-137, Jul/Dez, 2013.

NOVAES, Regina. Os jovens sem religião: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004

OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. Ouvindo uma Terra que fala: o renascimento do Paganismo e a Ecologia. Revista Nures, nº11 – Janeiro/Abril 2009.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de; Sociologia das Adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. - Rio de Janeiro: Garammond: Vieira, 2003.

SILVA, Maria Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2001.

SIMMEL, Geog. A metrópole e a vida mental. IN: VELHO, Otavio (org). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Religiões em movimento: o Censo de 2010 - Petrólis, RJ: Vozes, 2013. Vários autores.

<http://gaiapaganus.wix.com/gaiapaganus#!sobre/csgz> acesso em 13/03/2016

<http://www.amapagao.com/aes-sociais> acesso em 04/11/2016.

<http://www.cliografia.com/2012/09/19/historia-do-projeto-orgulho-pagao/> acesso em 25 de agosto de 2016.

<http://paganismopiaga.blogspot.com.br/p/o-que-e-paganismo-piaga.html> acesso em 07/11/16)

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1725843027665386/?type=3&theater> acesso em 19/11/16

<http://www.amapagao.com/historia> acesso em 03/11/2016

<http://www.amapagao.com/parceiros> acesso em 03/11/2016

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1730214430561579/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016.

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1747265355523153/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1656883254561364/?type=3&theater> acesso em 15/11/2016

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1571873016395722/?type=3&theater>

<http://www.amapagao.com/2013> acesso em 14/10/2016

http://www.amapagao.com/5-eap?lightbox=image_1qkw acesso em 16/11/2016

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409783175379/?type=3&theater> acesso em 16/11/2016

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409593175398/?type=3&theater> acesso em 16/11/16

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537409143175443.1073741829.1499499640299727/1537409786508712/?type=3&theater> acesso em 16/11/16

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1507019836214374.1073741828.1499499640299727/1634148690168154/?type=3&theater> acesso em 16/11/16

<http://www.cliografia.com/2012/09/19/historia-do-projeto-orgulho-pagao/> acesso em 25 de agosto de 2016.

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1631630350419988/?type=3&theater> acesso 16/11/16

<https://www.facebook.com/amapagao/photos/a.1537451029837921.1073741830.1499499640299727/1731962147053474/?type=3&theater> acesso 16/11/16

<http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus> acesso em 15/11/2016

<http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus/projetos> acesso em 15/11/2016.